



FABIANO ROCHA

Fechado. Consumidora se depara com o aviso de encerramento de atividades de loja da Casas Bahia em Copacabana

PEDIDO DE RECUPERAÇÃO JUDICIAL

Com dívida bilionária e 28 mil credores, Casas Bahia amplia crise do varejo

Juro alto e endividamento agravam quadro da histórica marca do comércio, que contabiliza débitos de R\$ 17 bilhões, demite quase três mil e fecha 298 lojas

Vivendo a maior crise de sua história, a Casas Bahia protocolou na Justiça um pedido de recuperação judicial após um prejuízo de R\$ 10,1 bilhões no segundo trimestre do ano, um resultado negativo 18 vezes maior que do mesmo período em 2025. Nos últimos dias, foram demitidos quase três mil funcionários (10% do efetivo total) e fechadas 298 lojas. O pedido de recuperação inclui uma lista de dívidas a 28

mil credores, em grande parte fornecedores. O caso da Casas Bahia engrossa a lista da crise do varejo tradicional brasileiro, dando sequência às turbulências de marcas como Tok&Stok, Marabraz e Americanas. Economistas citam os juros altos como um fator decisivo nesse quadro, uma vez que eles apertam tanto as dívidas das próprias varejistas como afetam o consumo das famílias. PÁGINAS 15 e 16

EDITORIAL
DESCOBERTA NA MARGEM EQUATORIAL É PROMISSORA PÁGINA 2

MERVAL PEREIRA
É inacreditável ministro do STF mediar encontro político PÁGINA 2

ELEIÇÕES 2026

Com partidos neutros, interesses locais aproximam cúpula do Congresso de Lula

Caciques como Hugo Motta, Davi Alcolumbre, Arthur Lira e Ciro Nogueira se afastam de Flávio Bolsonaro na campanha. Sucessão em Câmara e Senado em 2027 é outro pano de fundo. PÁGINA 4

Em mensagem a Lulinha, amiga lobista cita ‘futuro na Suíça’

PÁGINA 5

Por divergência no tom da comunicação, marqueteiro de Caiado pede demissão

O marqueteiro Paulo Vasconcelos pediu para deixar o comando da comunicação da campanha de Ronaldo Caiado (PSD), por discordar da estratégia de insistir nos ataques a Flávio Bolsonaro. PÁGINA 7

Dino afasta presidente do TCE do Maranhão, sobrinho do governador

Daniel Brandão é suspeito de obstrução de justiça em investigação sobre um assassinato, relatada pelo ministro do STF. PÁGINA 11

Lula vai a Oiapoque capitalizar descoberta de petróleo: ‘é o futuro’

No primeiro dia útil da campanha eleitoral, petista optou pela agenda de presidente e viajou ao extremo norte do país, na Foz do Amazonas, para celebrar descoberta da Petrobras anunciada na sexta-feira. PÁGINA 17

‘Nova’ blitz da Lei Seca terá ‘drogômetro’ e critérios para diferir ‘resíduos’ de álcool

Resolução do Conselho Nacional de Trânsito atualiza diretrizes da lei em vigor desde 2013, incluindo equipamentos que identificam psicotrópicos. Veja o que mais muda. PÁGINA 14

PEDRO DORIA
Manifesto de Zuckerberg sobre IA surpreende pelo tom liberal PÁGINA 3

Reunido com embaixadores e diplomatas, Nunes Marques faz defesa da urna eletrônica

Em encontro organizado pelo TSE após o tribunal ser procurado pela Embaixada dos EUA, o presidente da Corte, Nunes Marques, defendeu o sistema brasileiro de votação, “referência mundial”. PÁGINA 6

Estreia esvaziada nas ruas leva Flávio a rever formato dos atos de campanha

Evento em Copacabana reuniu apenas nove mil, segundo medição da USP, bem menos que outros encontros bolsonaristas no local. Aliados importantes, como Michelle e Nikolas Ferreira, não compareceram. PÁGINA 8

Presidenciável do PL cobra fidelidade de prefeitos do RJ

PÁGINA 9

MP pede indeferimento da candidatura de Garotinho

Argumento é que ele está inelegível após ser condenado por improbidade. Candidato do Republicanos trocou de vice. PÁGINA 9

Amarrado a impasse com Irã, Trump agora ameaça Omã

Ainda sem acordo com os iranianos sobre o Estreito de Ormuz, o americano resolveu ameaçar o país que é antigo aliado dos EUA e fica na outra margem do golfo. PÁGINA 21

CLIMA EXTREMO
2026, o ano do vento

Com provável influência do El Niño, país sofre disparada na ocorrência de tornados entre maio e agosto, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. PÁGINA 12

COPA LIBERTADORES
Reanimado por Marcão, Flu joga decisão na Argentina

PÁGINA 30

MARCELO NINIO
EUA mexem peças na América Latina, de olho na China PÁGINA 22



Sobre Marina. “Foi ela que me empurrou, assim, tipo ‘vai, vai nessa!’”

SEGUNDO CADERNO

Matando a saudade dos velhos (e bons) tempos

A convite do GLOBO, Marina Lima bate papo com o roqueiro Lobão, que no próximo domingo estará com ela no festival C6 no Rock, em São Paulo, para celebrar os 42 anos do álbum “Fullgás”, um marco na carreira da cantora carioca. Autor de “Me chama”, sucesso na voz da amiga, o músico lembra que a amizade entre os dois tinha tudo para acontecer naquela época: “A gente estava a fim de aventura”.



FOTOS DE MARIA ISABEL OLIVEIRA

Sobre Lobão. “Ele foi meu músico e ficamos ligados. Percebemos ter várias coisas em comum”

Opinião do GLOBO

Descoberta na Margem Equatorial é promissora

Indícios de petróleo são apenas passo inicial. Ibama deve acelerar licenças para pesquisa em novos poços

A descoberta de hidrocarbonetos em poço exploratório na Bacia da Foz do Amazonas significa que há indícios de petróleo ou gás natural numa região que pode vir a ser a nova fronteira petrolífera do país, a Margem Equatorial. Por enquanto, porém, são apenas indícios. É fundamental que a Petrobras continue o trabalho de pesquisa para investigar a extensão da descoberta e se a exploração é viável economicamente. Qualquer decisão depende dessa análise.

O anúncio acontece dez meses depois de o Ibama ter concedido licença para a estatal perfurar o primeiro poço, em meio a debates sobre impactos na fauna, na flora e nos povos da floresta. A área de prospecção fica a 175 quilômetros da costa do Amapá, numa profundidade de 2.886 metros. A Petrobras aguarda autorização do órgão ambiental para perfurar outros três poços. “Não vejo razão para negar a licença”, diz a presidente da estatal, Magda Chambríard.

É legítima a preocupação com o impacto da atividade numa região ambientalmente sensível. Nesse aspecto, a Margem Equatorial não é diferente de

outras bacias, como as do Sudeste, onde petróleo e gás são extraídos há décadas. A exploração do pré-sal ocorre a cerca de 300 quilômetros de paraísos naturais, fundamentais para a biodiversidade e a conservação de biomas. Por isso mesmo, as atividades devem ser balizadas por estudos de impacto ambiental e planos de contingência os mais rigorosos.

A concessão da licença do Ibama em outubro passado, depois de anos de discussões, mostrou que é possível conciliar o cuidado com a natureza e os interesses estratégicos do país. O embate entre o órgão ambiental e a Petrobras resultou no aprimoramento dos projetos, em especial no que diz respeito às respostas para situações de emergência. Dele surgiram um Centro de Reabilitação e Despetrolização em Oiapoque (AP), que se juntou ao de Belém, e três embarcações offshore para atendimento de fauna e exercícios de simulação.

A exploração da Margem Equatorial não entra em conflito com as metas de transição energética e descarbonização da economia. Não há dúvida de que os combustíveis fósseis contribuem para o aquecimento global. Mas a transição para a energia limpa se dá de forma gradual, e o Brasil continuará precisando de petróleo nas próximas décadas. A previsão é que as reservas do pré-sal na Bacia de Santos entrem em declínio já nos anos 2030. Se não tiver de onde tirar petróleo, o país precisará importar. A relevância da autossuficiência ficou patente na atual crise decorrente do conflito no Oriente Médio. O Brasil sofreu menos que outras nações. Ao mesmo tempo, a exploração na Margem Equatorial pode trazer mais recursos para investir na descarbonização e na transição energética.

O cenário catastrófico pintado antes da concessão da licença para as pesquisas não se confirmou, porque tudo foi feito com sensatez. Mantendo os mesmos padrões de exigência, é preciso prosseguir com as pesquisas nos outros três poços, porque, a despeito do otimismo, a descoberta foi apenas um primeiro passo. A julgar pela realidade de países vizinhos do Norte, as perspectivas para a Margem Equatorial são promissoras. Mas precisam ser confirmadas. Isso só poderá ser feito depois de o Ibama conceder as novas licenças. Espere-se que seja célere.

Expansão de fuzis prova urgência de ação federal contra o tráfico de armas

Dos cinco estados com maior crescimento em apreensões, três estão no Norte ou no Nordeste

Dados sobre a apreensão de fuzis no ano passado refletem a expansão das facções criminosas por todo o país, revela a pesquisa “A nova cadeia de suprimentos do crime”, do Instituto Sou da Paz. Foram apreendidos 2.137 fuzis em 2025, crescimento de 165% ante os 807 de 2021. Em números absolutos, a maioria das apreensões se deu no Sudeste, mas elas aumentaram substancialmente no Norte e no Nordeste em relação a anos anteriores. A constatação é mais uma evidência de que o enfrentamento às organizações criminosas exige ação federal, em especial no combate ao tráfico de armas.

Entre os cinco estados em que houve maior aumento no número de fuzis apreendidos nos últimos cinco anos, três estão no Nordeste e no Norte. Bahia é o primeiro da lista, com crescimento de 393%; Pará vem logo em seguida com 360%; São Paulo, em terceiro com 330%; e Ceará é o quarto do ranking, com 237%. Em números absolutos, o Rio de Janeiro

está em primeiro lugar, com 924 apreensões em 2025, 160% acima dos 355 fuzis recolhidos em 2021.

A pesquisa também revela que, no período, o total de armas confiscadas permaneceu estável, mas houve mais apreensões de armas de grosso calibre, como fuzis ou pistolas. Em 2021, elas foram encontradas em 22 estados. No ano passado, havia fuzis em toda a Federação. Em 2021 não houve apreensão de fuzil na Paraíba. No ano passado, foram 25. “Entre 2024 e 2025, em um período de 12 meses, apreendemos três fuzis .50, além de outros calibres. Os .50 chamaram a atenção, pois são capazes de furar blindados, até derrubar avião”, diz o delegado André Macedo, da Polícia Civil da Paraíba.

Da mesma forma como deve haver trabalho de inteligência para desbaratar as ramificações financeiras do crime organizado, é necessário desmontar os esquemas de fornecimento de armas. O relaxamento de regras para o acesso a fuzis semiautomáticos por colecionadores, atiradores desportivos e caçadores (CACs) no governo Jair Bol-

sonaro beneficiou as facções criminosas, graças ao desvio de armas e munições compradas legalmente. Mesmo com as restrições impostas no atual governo, o crime organizado continuou a ser abastecido não apenas por armas contrabandeadas, mas também por fornecedores internos, que montam fuzis sem numeração em fábricas clandestinas, os “fuzis fantasmas”.

No ano passado, a Polícia Federal desmantelou em Santa Bárbara D’Oeste, interior de São Paulo, uma fábrica com capacidade de produzir 3,5 mil fuzis por ano, destinados a facções criminosas do Rio. Muitas vezes, quando o fuzil apreendido não é americano, ele é montado com peças de fabricantes americanos contrabandeadas. Tal realidade reforça a necessidade de reativar a Força-Tarefa Internacional de Combate ao Tráfico de Armas (Ficta), que vigorou de 2022 a 2023, como defende o diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues. Dela participam a agência americana de investigações e forças policiais brasileiras. O governo não deveria demorar a atender o pedido da PF.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniaio/
cartas@oglobo.com.br

MERVAL PEREIRA



blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira
editoria.artigos@oglobo.com.br



Caminhos tortuosos

O presidente da República visitou o Amapá para ver de perto o local onde a Petrobras descobriu indícios de petróleo na Foz do Rio Amazonas. A seu lado, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, que até há poucos dias estava rompido com Lula, mas se acertou com ele após um encontro de reconciliação promovido pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes. Mas, advertem seus assessores, fez a viagem não na qualidade de candidato à reeleição, mas com o chapéu (literalmente) de presidente.

Mas o que um ministro do STF tem a ver com a relação entre o presidente da República e o presidente do Senado, perguntará o arguto leitor ou leitora. Pois é, nada. Há muito tempo se discute a participação do presidente do Supremo nos acordos políticos entre os três Poderes. Sempre que estivemos em situações críticas, já aconteceram vários dos chamados “pactos federativos”, e sempre se colocou em dúvida se o presidente do Supremo deveria fazer esse tipo de acordo. É presidente de um dos Poderes da República, é certo, mas também julga os crimes dos que têm o chamado “foro privilegiado”. Pactos têm natureza política, e os juízes não deveriam fazer acordos políticos.

Mas agora é diferente. Não é o presidente do Supremo, ministro Edson Fachin, quem está costurando um suposto acordo, mas um ministro, em caráter, digamos assim, “monocrático”. É inacreditável que um ministro do STF possa servir de mediador de um encontro político. É assustador, muito perigoso, não é possível o juiz ser julgador de inquéritos criminais envolvendo políticos e ser intermediário de um acordo político. Agora mesmo, Alcolumbre pode ser investigado no Supremo sobre a aplicação de verba do governo de seu estado no Banco Master. Com que autoridade Moraes está intermediando esses acordos?

É inacreditável que um ministro do Supremo Tribunal Federal possa servir de mediador de um encontro político

Por que está intermediando?

É difícil explicar uma atuação desse tipo. Hoje em dia, o STF virou um *player* político, instituição onde se tomam decisões fundamentais para o país. Participar de acordos políticos, ou opinar sobre questões políticas, indica uma vontade de ser mais um elemento nessa transação política que não devia ser objetivo de ministros, ou do próprio STF. Com o gesto de intermediação, Moraes dá a impressão de que toma partido da campanha de Lula, isso depois de o presidente-candidato tê-lo convidado para tomar “um cafezinho”. É difícil armar um sistema democrático em que freios e contrapesos se contraponham para equilibrar a relação entre os Poderes, se um deles adere a outro e passa a ser intermediário de acordos.

Essa não é uma discussão nova. O então ministro Luís Roberto Barroso já havia proposto, numa discussão sobre o tema numa reunião plenária transmitida pela televisão, que o STF se limitasse a ser um guardião constitucional, de análise da Constituição, e que os casos de crimes de pessoas que tenham foro privilegiado fossem levados a um outro tribunal a ser criado. Houve uma reação muito grande dos ministros, dizendo que esse novo tribunal seria mais importante do que o STF, numa admissão velada de que julgar crimes políticos dá a eles um poder de que não querem abrir mão.

Sabe-se que o Senado é onde se dá a discussão eventual de um impeachment de ministros do Supremo. Há ameaça da oposição de que tentará pelo menos impedir um dos ministros, e Alexandre de Moraes é um dos alvos preferenciais. Alcolumbre, para se reeleger presidente do Senado, precisará do apoio do PT. Estará nas mãos do futuro presidente o destino de ministros do STF. Em momentos como uma campanha eleitoral, seria necessário que os Poderes da República tomassem cuidado com os caminhos que escolhem.



CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: João Roberto Marinho

VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO

é publicado pela Editora Globo S/A.

DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghbi Kachar

DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp

EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Alvim, André Miranda, Flávia Barbosa, Luiza Baptista e Paulo Celso Pereira

EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero

EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz

Rua Marquês de Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ

CEP 20.230-240 • Tel.: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://glo.bo/pri_edit

EDITORES

Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br

Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br

Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br

Mundo: Leda Balbino - leda.balbino@sp.oglobo.com.br

Saúde: Adriana Dias Lopes - adriana.diaslopes@sp.oglobo.com.br

Segundo Caderno: Marcelo Balbino - balbino@oglobo.com.br

Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br

Fotografia e vídeo: André Sarmento - asamento@oglobo.com.br

Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br

Audência: Gabriela Goulart - gab@oglobo.com.br

Acervo e Qualificação: William Helal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS

Boa Viagem: Marcelo Balbino - balbino@oglobo.com.br

Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br

Ela: Marina Caruso - mcaruso@oglobo.com.br

Bairros: Milton Calmon Filho - miltonc@oglobo.com.br

SUCURSAIS

Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br

São Paulo: Mauricio Xavier (interino) - mauricio.xavier@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE

www.portaldoassinante.com.br ou pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades)

WhatsApp: 21 4002 5300

Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL

com débito automático no cartão de crédito, ou débito automático em conta-corrente (preço de segunda a domingo) para RJ, MG, SP e ES: R\$ 199,90 (O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA

Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R\$ 8,00

Domingos: RJ, SP, MG e ES: R\$ 12,00

Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobrança de multa ou renovação da assinatura. Desconsidere qualquer contato a respeito desses temas. Para ter O GLOBO em seu ponto de venda, escreva para vendasavulsas@edglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:

Geral (21) 2534-5000 **Classifone** (21) 2534-4333

Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de noticiário: (21) 2534-5595 Banco de imagens: (21) 2534-5777 Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Noticiário: (21) 2534-4310 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4355 Missas, religiosos e funérbres: (21) 2534-4333. Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5501



A marca do mundo
florestal responsável



Leia aqui a Declaração
Conjunta ao FSC



_ SEG _ Carlos Alberto Sardenberg _ Demétrio Magnoli (quizenal) _ Miguel de Almeida (quizenal) _ Irapuã Santana (quizenal) _ Preto Zezé (quizenal) _ Ana Paula Araújo (quizenal)
_ TER _ Merval Pereira _ Pedro Doria _ Fernando Gabeira _ **QUA** _ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ **QUI** _ Merval Pereira _ Malu Gaspar _ Julia Dualibi
_ SEX _ Vera Magalhães _ Pablo Ortellado _ Bernardo Mello Franco _ **SÁB** _ Thaís Oyama _ Flávia Oliveira _ Eduardo Afonso _ **DOM** _ Merval Pereira _ Dorrit Harazin _ Bernardo Mello Franco

PEDRO DORIA



blogs.oglobo.globo.com/opinia
coluna@pedrodoria.com.br



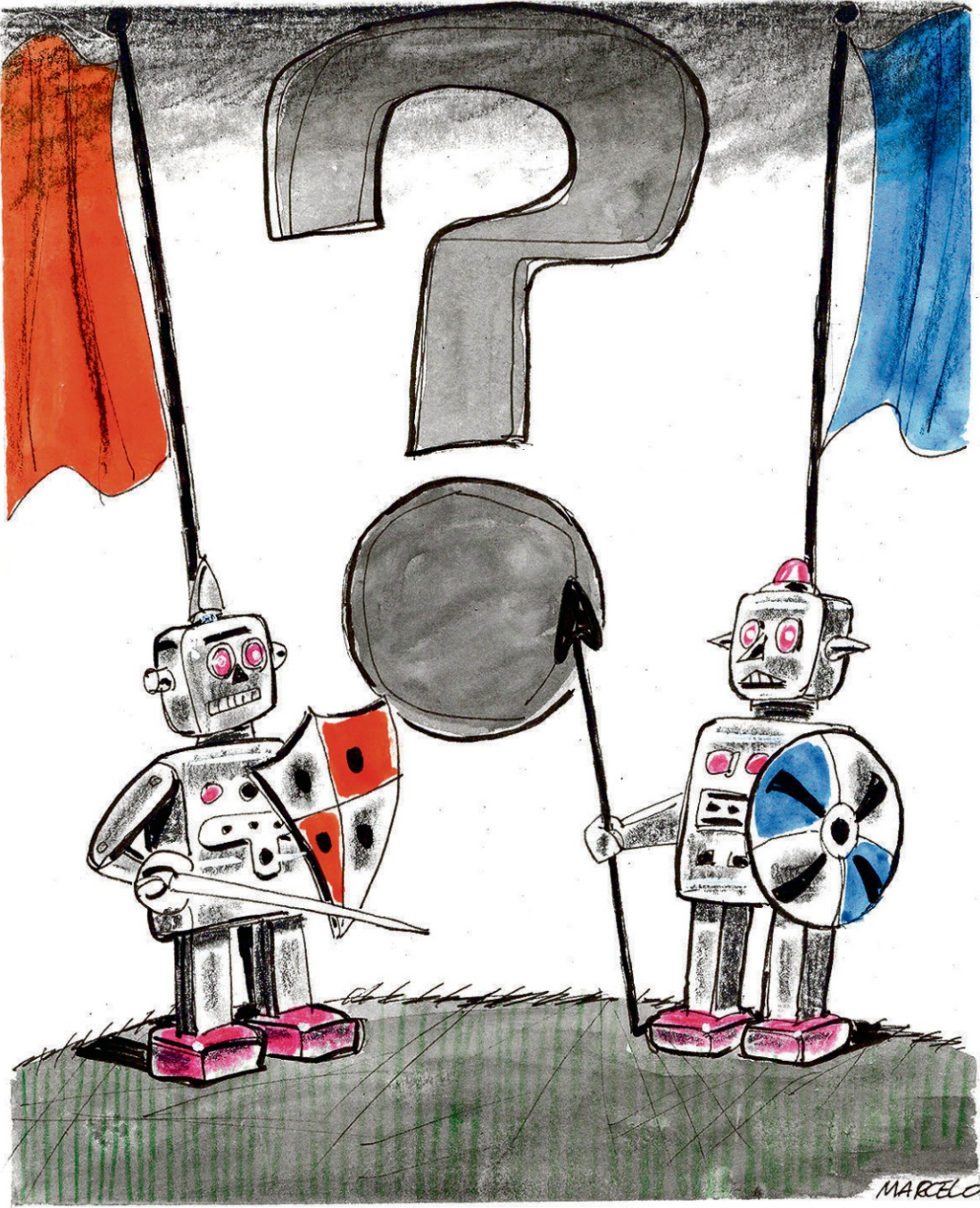
De quem é o poder da IA?

Mark Zuckerberg soltou, na semana passada, um manifesto para tratar de inteligência artificial. A esta altura, deve ser o quinto ou sexto ensaio ou manifesto que algum figurão do Vale do Silício divulga para tratar do tema. Há um aspecto nisso que passa pelo encontro do marketing e da antropologia — o Vale passou a se comunicar com o mundo por ensaios e manifestos, como costumam fazer os movimentos políticos. Mas, no caso de Zuck, há algo de diferente. É, incrivelmente, um manifesto com um tom liberal que não se ouve faz tempo vindo daquele canto da Califórnia.

Ele traz três argumentos. O primeiro é que a segurança, em IA, está na dispersão. Há um medo real de que novos modelos darão poder a hackers ou Estados hostis e porão em risco a infraestrutura de empresas e nações. Com uma ferramenta tão poderosa, do fornecimento de água e luz, passando pelo sistema bancário e incluindo até governos, tudo entra em perigo. Zuck propõe que a solução é colocar IAs poderosas nas mãos de todo mundo. A mesma tecnologia que ataca é a que combate ataques. Que cria defesas. Se todo mundo tem como se proteger, a segurança vem junto. O barão de Montesquieu já sabia disso, quando propôs a ideia da divisão em três Poderes. Quem distribui poder evita o abuso de poder.

Daí ele entra em empregos. Se todo mundo tiver as melhores IAs na mão, não faltará sustento a ninguém. Para o CEO da Meta, não está dado que a automação provocada pela tecnologia vá crescer mais rápido que a capacidade humana de lidar com a mesma tecnologia. Como com qualquer revolução passada, aprenderemos a lidar com ela. Então, talvez algumas empresas precisem de menos funcionários. Mas, ao mesmo tempo, incontáveis outros negócios surgirão. A economia se transformará. A humanidade só sofrerá se o acesso à IA for desigual.

Por fim, seu terceiro argumento. Não são os laboratórios criadores dos modelos de IA que devem determinar seus valores. Zuck defende que esses sistemas devem ser desenvolvidos de forma que cada indivíduo possa adaptar sua inteligência artificial pessoal para operar como deseja. Quem deter-



mina os limites de uma IA tem poder concentrado nas próprias mãos. Esse poder é mais perigoso que permitir a cada pessoa no planeta fazer suas próprias escolhas.

O argumento, do início ao fim, é liberal. Distribua o poder, não o concentre. Dê autonomia a cada indivíduo e respeite suas escolhas. O resultado será autonomia, crescimento econômico e ampliação das possibilidades humanas. Liberdade faz crescer. De quebra, Zuckerberg ainda propõe um fundo destinado às comunidades em cuja vizinhança houver data centers. Uma indenização e um incentivo.

Politicamente liberal, o argumento é. Zuckerberg, nem tanto. Passou os últimos anos construindo um bunker para sobreviver com a família ao fim do mundo, deliberadamente bajula Donald Trump e lamenta publicamente o fim da energia masculina. As plataformas que controla, como Facebook e Instagram, exploram o trabalho de inúmeros criadores compartilhando muito pouco da rentabilidade. Modificam sem piscar os algoritmos que muita gente investe tempo em compreender. Com isso,

impõem danos a inúmeros negócios, grandes e pequenos. E-mails internos vazados mostram que os mesmos algoritmos usados em suas redes causam danos psicológicos graves em adolescentes. Incluem-se nessa lista casos de suicídio, para não falar de automutilação. Mesmo cientes disso, as plataformas não os mudaram. Zuck não é um liberal. Dispersão de poder e autonomia individual não são preocupações sinceras.

E, pois é, ele tem um problema. Inteligência artificial é o futuro do negócio digital. No Vale, tanto OpenAI quanto Anthropic estão muito à frente da Meta. Não só. O Google está à frente. Até a xAI, de Elon Musk, tem modelos melhores. Defender distribuição de poder e esvaziamento das decisões das empresas que criam IAs lhe é conveniente. Muito conveniente.

Ainda assim, faz tempo que não vem da Baía de San Francisco uma visão otimista, que defenda o uso da tecnologia para melhorar a vida. É, de alguma forma, um alento. Mesmo que não seja sincero, quem está no debate deveria prestar atenção.

FERNANDO GABEIRA



blogs.oglobo.globo.com/opinia
editoria.artigos@oglobo.com.br



Quando as máquinas falham

A morte da menina de 13 anos numa transmissão ao vivo na plataforma Discord trouxe um grande e importante debate. Apesar de tantas intervenções esclarecedoras, fiquei com muitas dúvidas.

O Discord comunicou ao governo que suas máquinas de aprendizagem detectaram o problema, mas foram incapazes de mensurar sua gravidade e acionar o alarme. Na verdade, quem parece ter acionado o alarme foi a vigilância humana de um núcleo digital da Polícia Civil de São Paulo. Minha primeira questão: se as máquinas de aprendizagem foram incapazes de acionar o alarme, não seria o caso de voltarem para a escola, aprenderem melhor a lição? Não sei como funcionam, mas, se obedecem à lógica da inteligência artificial, trabalham basicamente com linguagem.

A história da IA mostra que nem sempre as máquinas de aprendizagem estão maduras para uso humano em sua fase inicial. Esse é o tema de um grande debate entre os grupos que trabalham na segurança de um modelo e os que o desenvolvem e precisam colocá-lo no mercado. Os grupos de segurança querem precisamente evitar tragédias, enquanto os outros precisam correr para responder aos investidores, ávidos pelo retorno de seu capital.

No caso dos grandes modelos de IA, houve muita discussão na época do lançamento do GPT-3. O sistema depende da infusão de milhões de dados, colhidos na internet. É difícil filtrá-los. Nos primórdios, as máquinas produziam textos simpáticos aos supremacistas brancos e elogiavam Hitler.

Um famoso artigo de pesquisa intitulado “Sobre os perigos dos papagaios estocásticos: os modelos de linguagem podem ser grandes demais?” foi durante algum tempo referência no debate. Sua coautora, Timnit Gebru, chegou a perder

Reflexões não são uma oposição ao desenvolvimento tecnológico. Ele deveria obedecer às necessidades humanas e sociais de segurança

o emprego pela ousadia de denunciar a imaturidade dos sistemas de IA.

No caso do GPT-3, alguns usuários chegaram a denunciar os delírios do modelo. Se alguém perguntasse sobre o problema da Etiópia, a máquina responderia: o problema da Etiópia é a própria Etiópia; a solução é destruir a Etiópia. Durante a semana, me perguntei se as máquinas de aprendizagem do Discord não sofrem da mesma imaturidade, se não foram postas em ação antes de todos os testes de segurança.

Muitos pesquisadores afirmam que esses sistemas aprendem com a prática. É preciso escala, muita prática para que se aperfeiçoem. Mas a pergunta fundamental permanece: quando estão prontos para a comercialização, qual é a margem de segurança adequada?

Creio que a mesma pergunta vale para os carros autônomos. Dependem da análise de milhões de imagens para rodar com segurança. Essas imagens que absorvem são analisadas por milhares de trabalhadores no Quênia e também na Venezuela. Mas qual o momento para afirmar que estão prontas para sair por aí se dirigindo? Houve casos, nos testes, de atropelamentos de alguém empurrando uma bicicleta. Não notaram a imagem.

Essas reflexões não são uma oposição ao desenvolvimento tecnológico. Ele deveria obedecer às necessidades humanas e sociais de segurança. No entanto, obedece à lógica do retorno do capital investido. Às vezes fico pensando que a menina morta é uma vítima desse mecanismo. Espero que as investigações respondam a essa pergunta e transcendam a questão superficial de banir ou não uma plataforma.

ARTIGO

As cidades decisivas em São Paulo

FÁBIO VASCONCELLOS



Uma análise das votações dos 645 municípios paulistas ao longo dos seis segundos turnos presidenciais (2002 a 2022) revela o tamanho do desafio que o candidato ao governo de São Paulo pelo PT, Fernando Haddad, e a campanha de reeleição do presidente Lula terão pela frente.

O mapeamento do INCT Representação e Legitimidade Democrática (ReDem) da UFPR mostra que o estado de São Paulo tem 145 cidades pendulares. No agregado, elas tendem a mudar de preferência eleitoral nos segundos turnos. Entre 2002 e 2022, esses territórios ora deram vitória a candidatos a presidente pela esquerda (Lula, Dilma e Haddad), ora a candidatos da direita e centro-direita (Alckmin, Serra, Aécio Neves e Bolsonaro). Juntas, essas cidades concentram 13,97 milhões de eleitores aptos a votar (40,95% do eleitorado paulista).

A relevância estratégica dessas cidades, contudo, vai além do peso de seu contingente eleitoral. Em duas décadas, São Paulo se tornou um estado politicamente cindido. Enquanto a direita consolidou hegemonia ou dominância em 480 cidades (74,4% dos municípios, representando 19,72 milhões de eleitores), o PT sofreu esvaziamento. O

partido detém hegemonia ou dominância eleitoral em 20 pequenos municípios (3,1% do estado), que somam apenas 415,5 mil eleitores (1,22% do eleitorado de SP).

Sem bases locais amplas no interior paulista, Haddad e Lula dependem do comportamento eleitoral das cidades-pêndulo. Os 145 municípios com essa classificação oscilaram historicamente entre PT e PSDB — mas, em 2018, migraram para o PSL de Bolsonaro. Na disputada eleição presidencial de 2022, o jogo mudou novamente. Nada menos que 84 delas trocaram de lado, todas viraram para Lula. Nenhuma virou para a direita. Exemplo disso é a capital, que tinha dado vitória a Bolsonaro em 2018 e, em 2022, foi de Lula, com 53,5% dos votos.

Aqui temos o segundo fator estrategicamente relevante: com 9,13 milhões de eleitores aptos a votar, a capital é o centro gravitacional de 18 municípios pendulares decisivos. Estão nesse grupo São Bernardo do Campo (626 mil), Osasco (583 mil), Diadema (330 mil) e Mauá (310 mil). O comportamento pendular dessas cidades deu 5,2 milhões de votos ao petista em 2022, cerca de 45,2% de toda a sua votação no estado de São Paulo. Embora tenha perdido para Bolsonaro no estado, Lula venceu em cidades-pêndulo fundamentais.

Entre 2002 e 2022, elas ora deram vitória a candidatos da esquerda, ora da direita e da centro-direita

Pelo levantamento, é possível dizer que a recuperação do PT em 2022 em São Paulo foi metropolitana, urbana e concentrada nesse cinturão em torno da capital. O problema para o partido em 2026 é que aquela recuperação foi estreita. A soma dos votos nas 18 cidades-pêndulo deu uma frente de apenas 727 mil votos a Lula.

Em resumo, a configuração territorial das forças políticas em São Paulo, com amplo domínio do campo da direita, e a vitória estreita do PT em cidades-pêndulo significativas sugerem que o partido não poderá compensar uma eventual derrota no estado com ganhos em cidades do interior. Não existe interior paulista a ser conquistado que valha aritmeticamente o que a Grande São Paulo representa.

Mais do que nunca, Lula e Haddad dependem dos eleitores que votam nas cidades mais propícias a inclinar para a direita ou para a esquerda. É nesse contexto que as 18 principais cidades-pêndulo, que concentram quase todo o voto instável do estado, serão decisivas. Elas entregarão uma massa considerável de votos a um dos candidatos a presidente. Quem se beneficiará? Depende de para qual lado esses municípios inclinarão.



Fábio Vasconcellos é cientista político, professor da Uerj e da PUC-Rio e pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, grupo Representação e Legitimidade Democrática da UFPR

PÊNDULO DO CENTRÃO

Cúpula do Congresso se reaproxima de Lula por interesses locais e evita Flávio após caso Master



Proximidade. Lula e Alcolumbre em agenda no Amapá com Randolfe Rodrigues, líder do governo, e o governador Clécio Andrade: petista fez primeira aparição com o presidente do Senado após crise

ELEIÇÕES 2026

LAURIBERTO POMPEU
E VICTORIA AZEVEDO
politica@oglobo.com.br
BRASILIA

Após viver a maior parte do seu terceiro mandato presidencial com uma relação de ida e vindas com a cúpula do Congresso, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva agora tem conseguido fazer um movimento de reaproximação com os principais nomes do Poder Legislativo. Nas duas últimas semanas ele teve uma série de reuniões com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), com que fez ontem sua primeira aparição pública após meses de afastamento no Oiapoque (AP), e recebeu o apoio explícito na eleição presidencial do presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB). Em outra frente, viu o presidente do PP, senador Ciro Nogueira (PI), e o ex-presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL) agirem para a legenda não indicar o vice de Flávio Bolsonaro, candidato do PL a presidente e principal rival do petista.

Alcolumbre fez um aceno público a Lula ao agradecer ao petista pela descoberta de petróleo na costa do Amapá. Os dois visitaram, no norte do estado, um navio-sonda da Petrobras que trabalha na exploração de petróleo na Margem Equatorial, que inclui o litoral amapaense (*leia mais na página 17*).

Ao discursar, Alcolumbre evocou a defesa da soberania nacional — um dos pilares da campanha de Lula em meio à investida tarifária dos EUA — ao citar “soberania energética” e dizer que “outros países” querem “tutelar o futuro do Brasil e dos brasileiros”:

—Sob a sua liderança como presidente da República e a trincheira de defesa do Congresso Nacional dizemos de uma vez por todas: deixem que nós brasileiros, que lutamos pela defesa do nosso Brasil, que nós decidamos o que nós queremos do Brasil.

Nasua fala, em seguida, Lula também devolveu elogios e agradecimentos ao senador.

—Essa semana teve uma atitude muito importante para o Brasil. Conversei com o senador Alcolumbre e ele mandou três projetos de importância vital ao Brasil—disse Lula.

Antes da reaproximação, Alcolumbre travava iniciativas de interesse do governo no Senado, como a PEC que dá fim à escala de trabalho 6x1, a PEC da Segurança, e o projeto que regulamenta a exploração de minerais críticos.

NEUTRALIDADE FAVORÁVEL

O diálogo com os caciques do Centrão ora é feito de forma direta, como nos casos que envolvem Motta e Alcolumbre, que se reúnem com Lula, ora indireta, como é o caso de Ciro Nogueira, que usa aliados para intermediar acordos, como o líder do PP na Câmara, Dr. Luizinho (RJ).

A federação União-PP e o Republicanos adotaram neutralidade nas eleições. Há uma avaliação desses caciques partidários de que Lula, que lidera as pesquisas, têm mais chances de vencer a eleição. Há um interesse desse grupo de se manter no comando do Congresso em 2027.

O caso “Dark Horse”, que mostrou que Flávio pediu dinheiro ao banqueiro Daniel Vercaro, do Master, para financiar a cinebiografia sobre Jair Bolsonaro, contribuiu para afastar nomes do Centrão do candidato do PL. Nogueira,

Movimento nos estados

AP

PA

MA

CE

RN

PB

PE

AL

SE

BA

MT

TO

Amapá

O PT está na coligação do governador Clécio Luis (União), aliado de **Davi Alcolumbre** e que vem aparecendo atrás nas pesquisas contra o ex-prefeito da capital Dr. Furlan (PSD).

Paraíba

Hugo Motta também se aproximou de Lula para ter apoio à candidatura do seu pai, Nabor Wanderley (Republicanos), ao Senado. E espera ter apoio petista para uma eventual reeleição ao comando da Câmara.

Piauí

Preocupado com a reeleição em um estado governado pelo PT, **Ciro Nogueira** agiu para que o seu partido, o PP, não fechasse apoio formal com Flávio, de quem se distanciou.

Alagoas

Mesmo com Lula apoiando Renan Filho (MDB) ao governo e Renan Calheiros (MDB) ao Senado, **Arthur Lira** atuou para evitar que o PP ficasse na chapa de Flávio e tem evitado citar o presidencial.

que já foi alvo de mandado de busca e apreensão em uma operação da Polícia Federal (PF) que investiga se ele teria atuado a favor dos interesses de Vercaro, o que ele nega, passou a adotar um distanciamento de Flávio.

Nogueira fez aliança com o PL no Piauí, mas evita fazer campanha para Flávio. O candidato do PL à Presidência também não citou o nome de Ciro no início de agosto, quando listou os candidatos ao Senado apoiados por ele.

A distância também é vista em Alagoas. Flávio chegou a mencionar que apoia Arthur Lira ao Senado, mas Lira não retribuiu o gesto e tem silenciado sobre a eleição presidencial. Integrantes do PP dizem que Lira articulou para

que a federação com o União adotasse neutralidade e que ele foi um dos atores que barrou a senadora Tereza Cristina (PP-MS) de ser vice de Flávio, após ela ter sido convidada pelo presidencial.

O ex-presidente da Câmara chegou a ser visto em uma casa em Brasília onde Flávio recebia aliados que iam se candidatar ao Senado, mas o deputado minimizou a presença e disse que estava lá porque deu carona a um aliado. Lira é aliado do PL em Alagoas, mas também tenta manter pontes com o governo Lula.

Na relação entre o PL de Flávio e Alcolumbre também há estremecimentos. O PL tem a expectativa de ter a maior bancada de senadores e, independentemente de uma vitória

nas eleições presidenciais ou não, ameaça lançar um candidato próprio ao comando do Senado para emplacar impeachment de ministros do Supremo Tribunal Federal.

Entre os nomes que podem aparecer como concorrentes de Alcolumbre no ano que vem, com apoio do bolsonarismo, estão os senadores Rodrigo Marinho (PL-RN), coordenador da campanha de Flávio, e Tereza Cristina, que foi cotada para ser vice dele em uma operação que falhou, mas que permanece aliada do candidato do PL.

Por sua vez, Alcolumbre tenta apoio de Lula e do PT para se reeleger e se manter na presidência da Casa Legislativa. O presidente do Senado tem uma relação próxima de diálogo

com ministros do STF, inclusive Alexandre de Moraes, alvo de diversos pedidos de impeachment feitos por parlamentares bolsonaristas devido a casos que miram o grupo político na Corte, e tem resistido a pautar esses pedidos de afastamento.

Diferentemente de Motta, Alcolumbre não fez uma declaração direta de apoio eleitoral a Lula e nem declarou voto no petista. Apesar disso, fechou uma aliança com o PT no Amapá, seu reduto eleitoral, e apoia a reeleição do senador Randolfe Rodrigues (PT-AP), líder do governo no Congresso. O PT de Lula, por sua vez, apoia a reeleição do governador do Amapá, Clécio Andrade (União Brasil), aliado de Alcolumbre.

SUCESSÃO NO CONGRESSO

A agenda de ontem no Amapá foi a primeira aparição pública de Lula e Alcolumbre desde a derrota histórica imposta pelo Senado ao indicado do presidente ao STF, Jorge Messias, no fim de abril. Antes disso, Lula e Alcolumbre tiveram três encontros nos últimos dias, que marcaram o início do processo de reaproximação. O primeiro ocorreu na casa do ministro Alexandre de Moraes, do STF, e os demais no Palácio da Alvorada.

No período, Alcolumbre atuou para que a federação União-PP adotasse a neutralidade em nível nacional e também facilitou acordos locais. Em Minas, por exemplo, ainda que não apoie candidatos a governador do grupo do PT e nem do PL, o diretório estadual da federação é comandado desde julho pelo prefeito de Belo Horizonte, Álvaro Damião (União Brasil), próximo do PT. No Rio, integrantes do PP são próximos do candidato do PSD a governador, Eduardo Paes, apoiado por Lula e pelo PT.

Da mesma forma, Motta tenta se manter no comando da Casa com o apoio do governo. Ele declarou publicamente apoio a Lula em evento na Paraíba na semana passada e foi um dos responsáveis por articular a neutralidade do Republicanos. Após o aceno, Lula fez uma ligação ao presidente da Câmara para agradecer e o convidou para uma reunião, que ainda não foi marcada.

Motta tem interesse em eleger o pai, o ex-prefeito de Patos Nabor Wanderley (Republicanos) ao Senado, se reeleger como deputado e também se manter no comando da Câmara em 2027. Para isso, conta a popularidade de Lula na Paraíba e o apoio institucional do governo, caso o petista seja reeleito, para se manter no comando da Casa.

Integrantes da campanha de Flávio minimizam o apoio dos representantes do Centrão a Lula e dizem que, se o candidato do PL vencer a eleição, é natural que Alcolumbre, Motta e os outros integrantes dos partidos do bloco procurem se aproximar de Flávio.

‘Nosso futuro é Suíça’: PF analisa mensagens entre Lulinha e lobista

Na conversa, filho de presidente diz a Roberta Luchsinger, suspeita de fraudes no INSS, ter se reunido com Marcola

PATRIK CAMPOREZ, SARAH TEÓFILO E SÉRGIO ROXO
politica@oglobo.com.br
BRASILIA

A lobista Roberta Luchsinger, investigada por suspeita de participação no esquema de fraudes do INSS, disse em mensagens a Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, filho do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que os dois trabalham em “outro” nível e que o futuro deles é a Suíça. Os diálogos estão sendo analisados pela Polícia Federal (PF). A defesa de Lulinha informou que vai pedir uma investigação sobre a “instrumentalização de parte das nossas instituições por interesses políticos e eleitorais”.

O conteúdo foi revelado pelo Metrôpoles e confirmado pelo GLOBO. Um dos diálogos em poder dos investigadores ocorreu em 22 de março de 2024. A lobista diz a Lulinha: “Nosso nível tá outro. Nosso futuro é Suíça. Poucos negócio é bom (sic). Esse povo aqui tá em outra vibe”. O filho do presidente responde em seguida: “Isso. Deixa eles. Trabalho para ca-

ralho e nunca dá em nada”. Lulinha é investigado em três inquéritos em andamento no Supremo Tribunal Federal (STF) por suspeita de tráfico de influência no governo federal. Uma das linhas seguidas pelos investigadores é a relação com a lobista, que tentou fechar contratos com a União. Os dois são amigos, e a relação já foi questionada por Lula em conversa com o filho.

Na mensagem, Lulinha disse ainda ter participado de reuniões com Marco Aurélio Santana Ribeiro, o Marcola, ex-chefe de gabinete de Lula, e com o ex-secretário-executivo do Ministério da Saúde Swedenberger Barbosa. Quando a conversa ocorreu, Marcola despachava no gabinete presidencial e cuidava da agenda do presidente com parlamentares, ministros e empresários.

A defesa de Lulinha disse que “reafirma sua confi-

Amiga. A empresária Roberta Luchsinger: negócios em ministérios



REPRODUÇÃO

ança nas instâncias formais e adequadas de apuração dos fatos e se manifestará nos autos em momento adequado, somente após o acesso integral aos dados obtidos pelas quebras de sigilo”. A defesa informou ainda que solicitará, “uma vez mais, rígidas apurações da nefasta instrumentalização de parte das nossas instituições por interesses políticos e eleitorais”.

“Caso estejamos diante de mais um lamentável episódio de violação do dever de sigilo funcional —crime previsto no art. 325 do Código Penal —, o recorte seletivo e a divulgação parcial das referidas supostas mensagens revelam um abandono de qualquer pretensão de imparcialidade e de obediência às leis, deixando de lado a verdade ou o interesse público para buscar, por meio da exposição midiática, efeitos que a via processual legítima e adequada não permitiria”, acrescentou a nota.

A defesa de Roberta Luchsinger não se



NELSON ALMEIDA/AFP/3-2-2018

No Supremo. Lulinha, filho do presidente, é investigado em três inquéritos por suspeita de tráfico de influência

manifestou.

De acordo com as investigações, Luchsinger recebeu repasses do lobista Antônio Carlos Camilo Antunes, o Careca do INSS, que somam R\$ 1,5 milhão e seriam referentes a serviços de consultoria, segundo ela. Numa das transferências, o empresário informou a um interlocutor que o dinheiro era destinado ao “filho do rapaz”, possivelmente em referência a Lulinha, aponta a PF.

Conforme mostrou o colunista do GLOBO Lauro Jardim, a PF desconfia que Luchsinger buscava diferentes formas de agradar o entorno de Lula. As investigações descobriram que ela comprou duas joias que Marcola pediu para apresentar familiares no Dia das Mães de 2024.

A investigação da PF aponta que Marcola enviou por WhatsApp a foto dos modelos, e Luchsinger pagou a fatura de R\$

9,2 mil. Segundo Lauro Jardim, ao longo de 2024, a lobista repassou a Marcola R\$ 217 mil, entre transferências bancárias, pagamento de boletos e presentes.

Em abril deste ano, depois de a PF já ter apreendido o celular de Roberta, Marcola devolveu R\$ 249 mil. A diferença corresponderia ao total desembolsado pela lobista, acrescido de juros e correção monetária. O ex-chefe de gabinete classificou os repasses como um “empréstimo” e disse já ter quitado o valor. Marcola deixou a equipe da coordenação da campanha de Lula à reeleição após o episódio vir à tona, há duas semanas.

EDINHO: INVESTIGAÇÃO

O presidente do PT e coordenador da campanha de Lula à reeleição, Edinho Silva, defendeu ontem que Lulinha e Marcola sejam investigados com amplo direito de defesa como qualquer cidadão.

— As denúncias que envolvem o Fábio, ele (Lula) já disse isso, do mesmo jeito as denúncias que envolvem o Marco Aurélio, ele quer que sejam investigadas. Que os dois tenham amplo direito de defesa como qualquer cidadão brasileiro, (...) que eles sejam investigados e que nesse processo possam provar inocência. É a postura correta que o presidente da República tem — respondeu Edinho, ao ser indagado se os episódios poderiam trazer desgaste para a campanha de Lula.

O presidente do PT ainda disse que o atual governo “combate a corrupção” com liberdade para os órgãos de fiscalização apurarem:

— Vocês nunca viram nenhuma autoridade ser afastada do cargo por estar investigando denúncias de corrupção, ao contrário de fatos passados. Nunca viram o presidente interferir em nenhum processo de investigação.

Shell Eco-marathon

Jovens talentos impulsionando o futuro da mobilidade



Escaneie para saber mais.
Entrada gratuita.

Carlos
Voluntário

Jéssica
Participante

Há 10 anos no Brasil, a Shell Eco-marathon desafia mentes brilhantes a criar soluções para o futuro da mobilidade. Uma competição que vence quem conseguir percorrer a maior distância com o menor consumo de energia. Venha assistir ao vivo.
Esse é o poder de inspirar jovens talentos.
Esse é o poder da parceria.

De 25 a 27 de agosto
no Pier Mauá | Armazém 4

Energia que vem da gente



THOMAS
TRAUMANN



thomas@thomastrumann.com



A volta do fantasma do Lulômetro

Sob o pretexto de um relatório do JP Morgan, investidores estrangeiros aceleraram na semana passada um movimento de saída da Bolsa de Valores de São Paulo que desvalorizou o real em 3% e vai transformar o câmbio em fator decisivo para as eleições de outubro. O Ibovespa caiu 3,2% para o menor índice desde janeiro. Ontem, após cinco dias seguidos de alta, o dólar oscilou 0,36% para baixo, impactado pelas declarações do presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, de que o modelo econômico baseado em crédito e consumo se esgotou — a mensagem que o mercado queria ouvir dos candidatos. O Ibovespa andou de lado.

No relatório divulgado no último dia 11, o JP Morgan retirou a recomendação de compra das ações brasileiras em favor de mercados menores, como México, Colômbia, Peru e Chile. Acompanhado da retirada de empresas brasileiras do índice da MSCI, que funciona como uma carteira de referência para fundos de investimento, o comportamento estrangeiro imitou uma manada desembestada. O Citibank mudou a sua cesta de moedas recomendadas, trocando o real brasileiro pelo rand sul-africano. Em uma semana, o saldo líquido de entrada de capital estrangeiro, que era de US\$ 34 bi-



EDILSON DANTAS / 16-08-2026

lhões no ano, caiu para cerca de US\$ 29 bilhões. É uma meia-verdade explicar esse movimento apenas por uma percepção majoritária no mercado financeiro de que o presidente Lula vá se reeleger, mas é impossível tirar a eleição da equação. Como mostrou a repórter Roberta Costa, do Valor, está em curso um movimento global de retirada de capital de países emergentes. O crescimento da dívida pública do Brasil ao maior nível desde a pandemia de Covid-19, contudo, deixa o país fragilizado nesse cenário.

É uma ironia. Em maio, quando os investidores brasileiros ficaram pessimistas com as chances da oposição depois que se soube que Flávio Bolsonaro havia recebido mais de R\$ 60 milhões do banqueiro corrupto Daniel Vercaro, os estrangeiros minimizaram. Diziam que o governo Lula 4 seria uma continuação de Lula 3 — e, portanto, previsível. Agora, quando as pesquisas mostram um empate técnico entre Lula e Flávio nas simulações de segundo turno, estão assustados.

Em junho, quando o coordenador do programa de governo do PT, Sergio Gabrielli, falou na hipótese de controle de capital, Lula o desautorizou e nomeou o ministro da Fazenda, Dario Durigan, como porta-voz econômico.

Desde então, Durigan e seu time participam semanalmente de eventos com executivos da Faria Lima para reforçar que Lula 4 fará ajustes fiscais. Embora considerassem que Durigan estava minimizando o risco de uma crise fiscal, os investidores nacionais se resignaram. Um Lula 4 parecia inevitável, assim como uma desvalorização do real e um aumento nas taxas de juros longas logo depois da eleição.

Na sexta-feira, acompanhando a tática dos investidores estrangeiros, as assets brasileiras iniciaram movimento de aposta contra o real. É visível a má vontade do mercado com Lula e sua benevolência com Flávio. Onze de cada dez executivos da Faria Lima votarão em qualquer um contra Lula no segundo turno. Curiosamente, com a aposta no dólar e juros, muitos perderão dinheiro se Lula perder. É dado que se Flávio vencer, haverá uma euforia momentânea no mercado.

É cedo para comparar o movimento com o “Lulômetro”, o modelo matemático criado pelo Goldman Sachs em 2002, que tentava antecipar quanto a cotação do dólar subiria em relação ao real a cada ponto que o então inexperiente Lula subisse nas pesquisas. Três mandatos depois, Lula não é mais o bicho-pa-

Jair, o elefante na campanha

Condenado a 27 anos de cadeia por tentar um golpe de Estado, detido em casa por problemas de saúde e sem poder falar com os filhos, o ex-presidente Jair Bolsonaro é o elefante na sala desta campanha presidencial. É contra o seu governo que o presidente Lula quer se comparar, é a sua anistia a promessa número 1 de Ronaldo Caiado e é sobre o seu eleitorado

raiz que Renan Santos tenta se catapultar como o candidato antissistema. A campanha de Flávio Bolsonaro é uma mera hagiografia do pai. A dicotomia entre Lula e os Bolsonaros indica que esta campanha será um longo segundo turno. Nesse cenário, a vitória pode ser definida por fatores conjunturais. Cresce o poder da Polícia Federal que conduz, ao mesmo tempo, o

OS PROFISSIONAIS PREFEREM LULA

Faltando menos de 50 dias para o primeiro turno, os profissionais da política estão se movendo em direção ao presidente Lula.

O presidente da Câmara, Hugo Motta, declarou apoio à reeleição, apesar de o presidente não apoiar formalmente a candidatura de seu pai, Nabor Vanderlei, ao Senado. Motta está de olho em fevereiro do ano que vem, quando disputará a reeleição à presidência da Câmara e quer o apoio de Lula.

A mesma razão levou o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, a ir ao Alvorada na quarta e na sexta-feira após meses de intrigas,

da histórica rejeição de Jorge Messias ao STF e de muitas pautas-bomba. Em um gesto pouco comum, divulgou nota para avisar que colocou para andar a PEC que acaba com a escala 6x1, a da Segurança e o projeto que trata da política para minerais críticos.

Profissional entre os profissionais, o presidente do PSD, Gilberto Kassab, jogou na quinta-feira a realidade em um encontro com empresários em São Paulo. Ao bater em Flávio e preservar Lula, indica para onde acha que vai a vitória e mostra que já está se posicionando para novembro, quando a eleição passar.

inquérito que pode arrastar Flávio ainda mais para a teia de corrupção de Daniel Vercaro e as investigações que envolvem o filho e o ex-secretário de Lula com o lobista responsável por uma fraude que prejudicou milhões de aposentados.

Não será bonito assistir a uma campanha que pode ser decidida pelas delegacias.



EDILSON DANTAS

A eleição da Mainha contra o Herdeiro

Dia sim e outro também, o coordenador da agenda da campanha de Lula, Gilberto Carvalho, recebe duas mensagens. A turma do ex-prefeito do Recife João Campos (PSB) cobra a definição de quando o presidente vai a Pernambuco. Do outro lado, políticos de vários partidos sugerem que Lula pule o estado para manter o apoio discreto da governadora Raquel Lyra (PSD). Na sexta, Lula gravou um spot que será usado por Campos. O comício no Recife, porém, não está marcado.

Lula teve dois de cada três votos em Pernambuco em 2022 e seu apoio tem peso. Nas simulações das duas campanhas, o ex-prefeito ganha de quatro a oito pontos quando é apresentado como “João Campos apoiado por Lula”. Já Flávio Bolsonaro é tóxico. A pressão sobre a agenda de Lula vai continuar até o último dia da campanha.



QUER LER ESTA COLUMNA ANTES? LEIA O QR CODE AO LADO E SE INSCREVA NA NEWSLETTER

Nunes Marques faz defesa das urnas para embaixadores

Presidente do TSE afirmou, em reunião, que sistema eleitoral brasileiro é referência em transparência e legitimidade

ELEIÇÕES 2026

BERNARDO LIMA E PEPITA ORTEGA
politica@oglobo.com.br
BRASILIA

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Kassio Nunes Marques, defendeu as urnas eletrônicas para embaixadores e diplomatas durante reunião ontem. O magistrado afirmou que o país é referência em transparência e legitimidade no pleito.

O ministro que comandará o tribunal durante as eleições reiterou o discurso em defesa do sistema de votação brasileiro. Ele foi indicado para o Supremo Tribunal Federal (STF) pelo então presidente Jair Bolsonaro.

— O Brasil tornou-se ao

longo das últimas décadas uma referência mundial na realização de eleições. A vanguarda entre as democracias representativas contemporâneas é resultado da contínua e paulatina construção de um processo eleitoral eficiente, ancorado em normativos modernos e sistemas tecnológicos capazes de garantir a transparência, segurança e credibilidade das eleições, visando, sobretudo, a plena vontade das cidadãs e cidadãos — disse na abertura do evento.

DADOS FALSOS

O posicionamento vem sendo reiterado por Nunes Marques após o ciclo de debates em que o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), candidato à Presidência, citou dados falsos sobre as

urnas eletrônicas, gerando reação do TSE. Quando a reunião marcada para esta segunda foi convocada, a Corte eleitoral destacou que a urna eletrônica é um “patrimônio do povo brasileiro”.

— Técnicos deste tribunal apresentarão alguns dos sistemas tecnológicos desenvolvidos pela Justiça Eleitoral, que garantem de forma séria, segura e transparente, a legitimidade das eleições, a integridade do voto e a própria vitalidade do regime democrático brasileiro — disse Nunes Marques para os representantes de embaixadas.

O evento foi agendado após a área internacional do tribunal ser procurada pela embaixada dos Estados Unidos para tratar sobre visita de integrantes do governo

Quaest: 45% veem risco de interferência estrangeira na eleição

> Novos recortes da pesquisa Quaest contratada pela TV Globo e o GLOBO apontam que os brasileiros se dividem na avaliação sobre o risco de a eleição de 2026 sofrer interferência estrangeira. A possibilidade é aventada por 45%, enquanto 48% não veem chances. Como a margem de erro é de dois pontos para mais ou para menos, o resultado configura empate técnico.

> Dado que o país que mais desperta esse risco no imaginário são os Estados Unidos de Donald Trump, 57% acreditam que a eventual inter-

ferência teria a direita como principal beneficiária. Apenas 22% mencionam a esquerda, 5% acham que ambos os lados seriam ajudados “da mesma forma” e 16% não sabem responder.

> Desde o ano passado o Brasil vive um vaivém na relação com os EUA. Além de tarifas, o governo Trump classificou o CV e o PCC como organizações terroristas, movimento que desagradou a gestão Lula e animou a oposição. Recentemente, a embaixadora brasileira em Washington teve o visto revogado. (Caio Sartori)

americano. A audiência não foi marcada devido ao recesso do Judiciário. Dias antes, o Itamaraty negou vistos para dois funcionários do governo americano que viriam ao Brasil com a justificativa oficial de discutir liberdade de expressão no contexto das eleições. A avaliação interna levou em consideração que o pedido de visto ocorreu em paralelo ao questionamento de Flávio às urnas eletrônicas.

Durante a reunião fechada na tarde de ontem, os técnicos do TSE também detalharam os planos de contingência para enfrentar o uso de Inteligência Artificial (IA) nesta campanha eleitoral.

— A produção de vídeos e áudios que visam manipular ou disseminar conteúdos capazes de enganar o eleitorado, distorcer o debate público, ou comprometer a livre formação da vontade política são uma triste realidade desta década — disse Nunes Marques.

Marqueteiro deixa campanha de Caiado após divergências

Nas últimas semanas, candidato do PSD ao Planalto aumentou críticas a Flávio Bolsonaro (PL), na contramão do que defendia Paulo Vasconcelos

ELEIÇÕES 2026

CAIO SARTORI E PAULO ASSAD

politica@oglobo.com.br

O marqueteiro Paulo Vasconcelos deixou a campanha do ex-governador de Goiás Ronaldo Caiado (PSD), que concorre à Presidência. O candidato foi informado no sábado, dias depois de o vice da chapa e presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, ter sido comunicado da intenção.

Nas últimas semanas, Caiado intensificou os ataques ao adversário Flávio Bolsonaro (PL), movimento que se deu a despeito das opiniões de Vasconcelos, como mostrou a *newsletter* Jogo Político em julho. Aguinada aconteceu sob a influência de Gracinha Caiado (União), mulher do candidato e primeira colocada nas pesquisas ao Senado em Goiás.

Gracinha alertou o marido sobre seu baixo desempenho nas redes sociais. Em julho, Marcos Carvalho, ex-estrategista digital de Flávio, assumiu as plataformas digitais de Caiado e acentuou divergências nos bastidores. Agora, Carvalho tocará também o marketing do ex-governador, conforme revelou o colunista do GLOBO Lauro Jardim.

Na visão de Vasconcelos, o correto era Caiado se colocar como alternativa à direita sem necessariamente atacar Flávio. Se o adversário sofresse outros baques, ele despontaria como opção natural ao eleitor. Com os ataques, alertava o marqueteiro, quem vota no filho de Jair Bolsonaro acabou rejeitando Caiado, o que também teria acontecido com Romeu Zema (Novo).

Em julho, o goiano se referiu a Eduardo Bolsonaro, irmão de Flávio, como “pateta da política brasileira” após a confirmação de novo tarifaço americano. E criticou o nome do PL por questionar urnas eletrônicas num encontro com embaixadores em vez de “vender soja, abrir mercado para a indústria, atrair investimento”.

Durante uma agenda de campanha na última quinta-

Candidatos ao Planalto criticam juros altos e gastos do governo

> Os candidatos a presidente Romeu Zema (Novo), Renan Santos (Missão) e Ronaldo Caiado (PSD) fizeram ontem críticas aos gastos do governo Lula, à taxa de juros elevada, que tem levado empresas a pedir recuperação judicial, além da inadimplência recorde de pessoas físicas, na 27ª Conferência Anual do Santander Brasil, que termina hoje em São Paulo. Na plateia estavam empresários, gestores financeiros e investidores

> Em comum, os três defenderam um ajuste fiscal imediato, que possibilite a queda dos juros, retomando os investimentos no Brasil. Renan Santos disse que o país precisa sair do “buraco”. Caiado chamou o governo de “retrógrado”, e Zema sugeriu privatizar “tudo”.

feira, Caiado afirmou que o currículo de Flávio se resumia à certidão de nascimento: — Ninguém aprende a governar sentado na cadeira de presidente da República. Sem Caiado, Vasconcelos se concentrará em duas missões estaduais. Ele coordena a comunicação de Mateus Simões (PSD), em Minas Gerais, e de Douglas Ruas (PL), no Rio. Caiado lançou a campanha num ato em Goiás no domingo. Afirmou que seria o único capaz de vencer o presidente

Lula (PT). Também fez críticas ao PL e disse que o partido está “apavorado”. A declaração se deu dias após o coordenador da campanha de Flávio, senador Rogério Marinho (PL-RN), afirmar que Caiado atuava como linha auxiliar de Lula.



Estratégia. Caiado no lançamento de sua candidatura: ataques a adversários

CONECTA RIO

HUB ESTRATÉGICO DE ENERGIA E INOVAÇÃO

O Conecta Rio movimenta os debates sobre oportunidades, investimentos e os caminhos da nova economia brasileira, ligando, em tempo real, o centro de desenvolvimento tecnológico do Rio com o mercado financeiro de São Paulo.

INOVAÇÃOINTELIGÊNCIA ARTIFICIALTRANSIÇÃO ENERGÉTICA

Palestrantes

10h às 11h

MESA 1 - O NOVO CICLO DE INVESTIMENTOS

Sidney LevyPresidente da Invest.Rio

Marcelo GattassVice-reitor de Desenvolvimento da PUC-Rio

Roberto PerroniHead da Brookfield no BrasilEstúdio CBN São Paulo

11h às 12h

MESA 2 - DO PETRÓLEO ÀS RENOVÁVEIS: O MAPA ENERGÉTICO DO RIO

Víctor BomfimCEO da Vast e conselheiro do EIG Global Energy Partners

Fabio PassarelliGerente-geral de Águas Ultra Profundas, Concepção e Implantação de Projetos da Petrobras

Rodrigo RochaSócio de Infraestrutura da Vinci Compass

Rodolfo RiechertCEO da Genial InvestimentosEstúdio CBN São Paulo

Mediação

Rennan SettiColunista do GLOBO

Naiara BertãoEditora de Sustentabilidade do Valor EconômicoEstúdio CBN São Paulo

25 DE AGOSTO 9H30

HILTON COPACABANA

Av. Atlântica, 1020, Copacabana – RJ (Salão Petrópolis - 3º andar)

Vagas limitadas - Evento gratuito

Patrocínio

PREFEITURA RIO

o GLOBO

Realização

Valor

CBN

ACESSE E INSCREVA-SE

Sem Michelle, Nikolas e Malafaia, estreia de Flávio faz PL reavaliar formato

Mobilização em Copacabana reuniu cerca de nove mil pessoas, segundo o Monitor do Debate Político da USP/Cebrap; aliados rebatem que a transmissão chegou a 35 mil espectadores simultâneos nas redes

ELEIÇÕES 2026

LUÍSA MARZULLO
E BERNARDO MELLO
politica@oglobo.com.br
BRÁSILIA E JUIZ DE FORA (MG)

A estreia do candidato Flávio Bolsonaro (PL) nas ruas com um ato para cerca de nove mil pessoas em Copacabana, segundo dados do Monitor do Debate Político da USP/Cebrap provocou uma avaliação crítica no próprio partido sobre o formato escolhido para as próximas mobilizações da campanha presidencial. Sem o ex-presidente Jair Bolsonaro e nomes com forte capacidade de mobilização da base, como a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) e o pastor Silas Malafaia, o presidenciável ocupou no domingo o mesmo palco de manifestações maiores promovidas pelo pai nos últimos anos e deixou, no entendimento de integrantes do PL, uma imagem de esvaziamento que poderia ter sido evitada. Aliados, por outro lado, contrapõem a fotografia da orla ao desempenho do lançamento nas redes sociais e afirmam que a transmissão chegou a cerca de 35 mil espectadores simultâneos. Esses aliados defendem que a mobilização não pode ser medida apenas pela ocupação da Avenida Atlântica e reforçam a aposta nas redes como um instrumento relevante para a campanha. A comparação com atos

anteriores em Copacabana pesou na avaliação interna. Em 7 de setembro de 2022, durante a campanha pela reeleição, Bolsonaro levou cerca de 64 mil pessoas à Avenida Atlântica, de acordo com o Monitor do Debate Político da USP/Cebrap (leia mais detalhes abaixo).

ORGANIZAÇÃO

Integrantes da cúpula do PL afirmam que um público menor já era esperado. A principal crítica feita após a estreia é que, diante dessa previsão, a organização poderia ter delimitado uma área menor da praia, aumentando a concentração dos apoiadores, ou optado por outro local. A extensão reservada para o ato acabou tornando mais visíveis os espaços vazios e produziu imagens consideradas ruins por aliados.

Uma das ponderações é que uma campanha eleitoral tem uma dinâmica diferente das manifestações de rua protagonizadas por Bolsonaro nos últimos anos. Além de Flávio ainda não ter demonstrado o mesmo poder de convocação do pai, o ato ocorreu no primeiro dia oficial da campanha, quando candidatos e parlamentares aliados estavam envolvidos nas próprias agendas eleitorais nos estados.

Deputados e senadores de fora do Rio, por exemplo, não foram mobilizados para viajar para o ato em Copacabana. A avaliação era que não faria sentido abandonar



Flávio está incomodado com falta de apoio de prefeitos

seus redutos justamente no primeiro dia de campanha para participar da estreia do presidenciável. Com isso, o presidenciável ficou acompanhado principalmente por aliados do Rio e pela cúpula partidária, entre eles o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto.

Também não estavam presentes alguns dos personagens com maior capacidade de levar a base bolsonarista às ruas. Michelle fez sua própria estreia eleitoral no Distrito Federal, onde concorre ao Senado, e Nikolas não participou do lançamento. Bolsonaro, que historicamente funciona como principal polo de atração desses atos, cumpre pri-

seus domiciliar.

Malafaia, responsável pela organização de diferentes manifestações de Bolsonaro após deixar a Presidência, também decidiu não ir. Procurado antes do evento, o pastor afirmou que não via razão para participar justamente por se tratar de um compromisso eleitoral de Flávio.

— Não vou, não. Isso é ato de campanha. Não tem por que ir — disse ele.

Apesar da ausência, o líder religioso enviou um áudio cumprimentando o candidato. Na gravação, manifestou seu “apoio irrestrito” a Flávio.

No caso de Michelle, o pedido público de voto feito pe-

la ex-primeira-dama a Flávio no primeiro dia oficial de campanha foi recebido com alívio pelo entorno do presidenciável, que busca agora um novo ato conjunto após a crise entre os dois na pré-campanha (leia abaixo).

Outro fator apontado para justificar o baixo público foi o pouco tempo de maturação da convocação. O evento foi anunciado apenas na quinta-feira, três dias antes de sua realização. Aliados avaliam que manifestações de maior porte costumam depender de um período mais longo de divulgação e mobilização, especialmente para atrair apoiadores de outras regiões.

A escolha de Copacabana havia sido feita justamente pelo simbolismo. Flávio decidiu iniciar a corrida presidencial no estado onde construiu sua trajetória política e em um endereço transformado pelo pai em cenário recorrente de demonstrações de força. A intenção era resgatar elementos dos atos bolsonaristas, com concentração na orla e mobilização aberta de apoiadores, em vez de promover um lançamento fechado para convidados.

O resultado abriu uma discussão sobre até que ponto esse modelo deve ser repetido ao longo da campanha. No PL, há quem defenda que os próximos eventos sejam dimensionados de acordo com a capacidade de mobilização do próprio Flávio e com os aliados que estarão disponíveis em cada ocasião, sem usar automaticamente como parâmetro as manifestações organizadas em torno de Bolsonaro.

AGENDA CANCELADA

Ontem Flávio cancelou a motociata e o comício agendados para Juiz de Fora (MG). Ele viajaria de Brasília para a cidade mineira pela manhã mas, devido ao mau tempo, não havia condições de pouso no aeroporto local.

O cancelamento dos compromissos foi anunciado pelos organizadores por volta das 9h05, diante do aeroporto de Juiz de Fora, onde algumas dezenas de apoiadores aguardavam o início da motociata.

Após o comício em Copacabana no domingo, Flávio Bolsonaro retornou a Brasília, onde vive com a família, no mesmo dia. Ele planejou ir no dia seguinte a Juiz de Fora, cidade onde o pai sofreu uma facada na campanha de 2018.

O presidenciável do PL seguiria em motociata até o centro da cidade, onde discursaria no local do ataque. O mesmo roteiro foi seguido por Jair Bolsonaro na abertura da campanha de 2022.

OS OUTROS ATOS EM COPACABANA



ANA BRANCO/7-9-2022

2022: 64 mil nos 200 anos da Independência
Em 7 de setembro de 2022, durante a campanha pela reeleição, Jair Bolsonaro levou cerca de 64 mil pessoas à Avenida Atlântica. O evento foi marcado pelo ataque à esquerda e ao Supremo



HERMES DE PAULA/21-4-2024

2024: ato pela anistia reúne 32 mil na orla
Bolsonaro e dezenas de aliados reuniram na Avenida Atlântica 32,7 mil apoiadores. O ato foi marcado pelo tom religioso no discurso de Michelle e pelos ataques ao ministro Alexandre de Moraes.



DOMINGOS PEIXOTO/7-9-2025

2025: 42 mil em meio a julgamento no STF
Em um 7 de Setembro atípico, durante o julgamento de Bolsonaro no STF por golpismo e ao tarifaço dos EUA, 42,7 mil foram a Copacabana. No discuso, Flávio cobrou a cúpula do Congresso apoio a anistia.

Apoio público da ex-primeira-dama anima campanha

Pedido de voto para Flávio feito por Michelle causou alívio no entorno do presidenciável, que busca agora ato conjunto

BRÁSILIA

O pedido público de voto feito por Michelle a Flávio Bolsonaro (PL) no primeiro dia oficial de campanha foi recebido com alívio pelo entorno do presidenciável, que busca agora um novo ato conjunto após a crise entre os dois na pré-campanha. O gesto partiu da ex-primeira-dama durante a estreia de sua campanha ao Senado no Distrito Federal. Enquanto Flávio lançava sua candidatura em Copacabana, no Rio, Michelle Bolsonaro pediu a eleição do enteado ao Palácio do Planalto. — Vamos eleger Flávio Bolsonaro presidente e, logo, logo, nosso capitão e lí-

der Jair Messias Bolsonaro estará em nosso meio.

A declaração foi considerada relevante por aliados de Flávio por representar um passo além da gravação conjunta feita na semana passada. Na ocasião, o primeiro encontro presencial dos dois desde o desentendimento havia sido interpretado por pessoas próximas a Michelle como um gesto político necessário para demonstrar unidade. Agora, a ex-primeira-dama usou uma agenda própria para pedir votos ao enteado, sem que os dois estivessem no mesmo evento.

NOVO ENCONTRO

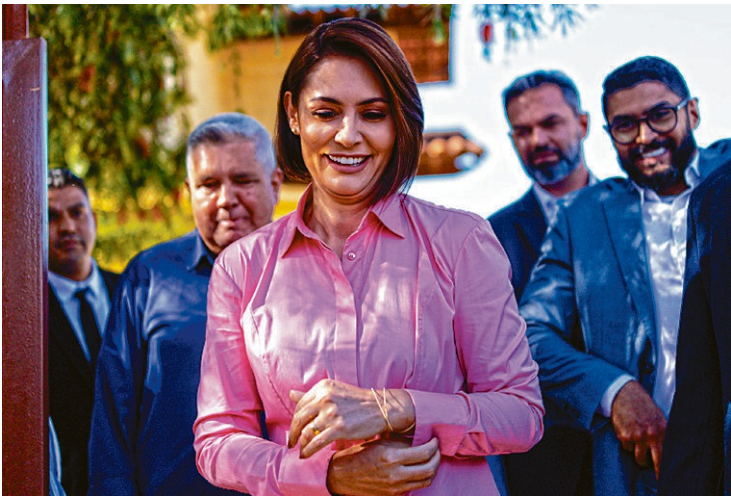
A campanha de Flávio quer aproveitar a melhora no ambiente para tentar uma nova aparição conjunta. O presi-

denciável estará em Brasília nesta semana, e seu entorno busca uma oportunidade para reunir os dois novamente em público.

A declaração de domingo se soma aos movimentos feitos nas últimas semanas para reduzir as arestas. Depois do auge da crise, Flávio divulgou um vídeo pedindo desculpas à madrastra, que respondeu publicamente que o perdoava. Os dois, porém, continuaram sem se encontrar pessoalmente.

Bolsonaro então intercedeu para que a mulher participasse da maratona de gravações organizada pela campanha do filho com candidatos ao Senado, segundo aliados dos dois.

A ex-primeira-dama aten-



BRENNO CARVALHO/11-08-2026

Na rua. Michelle deu a largada em sua campanha para o Senado no DF

deu ao pedido e foi à sede jurídica da campanha em Brasília na terça-feira passada. Michelle permaneceu pouco mais de uma hora no local e, antes de aparecerem diante das câmeras, ela e

Flávio tiveram alguns minutos reservados em uma sala, conversaram e oraram juntos. Pessoas que acompanharam a movimentação descreveram o clima como amistoso e “leve”.

Ao deixar o local, Michelle disse que não guardava mágoas do enteado e “que as coisas vão se ajustando aos poucos”.

Apesar da melhora no ambiente, aliados de Michelle afirmam que sua participação na campanha de Flávio deve continuar pontual. A ex-primeira-dama está concentrada na própria disputa ao Senado e tem evitado assumir compromissos de viagens pelo país. Michelle atribuiu a dificuldade de manter uma agenda fora de Brasília aos cuidados com Bolsonaro.

A campanha de Flávio Bolsonaro gostaria de ampliar essa participação. Michelle é considerada importante principalmente para a aproximação com mulheres e evangélicos e construiu uma rede de apoiadoras pelo país durante o período em que comandou o PL Mulher. (Luísa Marzullo)

MP pede que Justiça negue o registro da candidatura de Garotinho

Em outra frente, Paes também recorre ao tribunal para tirar adversário da disputa; o argumento é que ele está inelegível

ELEIÇÕES 2026

FERNANDA ALVES
fernanda.lima@oglobo.com.br

O Ministério Público Eleitoral pediu o indeferimento da candidatura do ex-governador Anthony Garotinho (Republicanos), que buscava voltar ao cargo no Palácio Guanabara. O argumento é que ele está inelegível por conta de uma condenação por improbidade administrativa da época em que atuou como secretário de Governo do Rio, na gestão de sua mulher, Rosinha Garotinho. O pedido ainda será analisado pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE-RJ).

O texto, assinado pelo procurador regional eleitoral Flávio Paixão de Moura Júnior, destaca que, depois da certificação do trânsito em julgado de julho de 2025, o Ministério Público pediu a inscrição da condenação de Garotinho no Cadastro Nacional de Condenados por Ato de Improbidade Administrativa e Inexigibilidade (CNJ) e a expedição de

ofícios ao TRE-RJ e ao TSE comunicando a suspensão dos direitos políticos do político. Nas redes sociais, Garotinho se defendeu das alegações do Ministério Público.

— É um absurdo me condenar num processo onde eu não era secretário de Saúde, ordenador de despesa, que eu não cometi nenhuma ilegalidade — diz o ex-governador. — Foi uma perseguição que nós sofremos por denunciarmos coisas erradas. Não há absolutamente nada de verdadeiro nessa história que está sendo contada.

MOVIMENTO DO PSD

Há ainda uma segunda análise relacionada ao político tramitando no órgão, em uma Ação de Impugnação ao Registro de Candidatura (AIRC) apresentada pela coligação do também candidato ao governo do Estado do Rio Eduardo Paes (PSD). Na argumentação, a mesma condenação que motivou o pedido do MPE é citada, pontuando que o processo de 2018 só foi transitado em julgado em 11 de

julho de 2025. Com isso, o grupo aponta que a sanção de suspensão dos direitos políticos por oito anos imposta a Garotinho valeria até julho de 2033.

Os advogados de Paes também rebatem o argumento de Garotinho de que o prazo para começar a contar os oito anos de inelegibilidade seria a partir do fim dos agravos de recursos no processo, em 1º de agosto de 2018. O grupo do ex-prefeito aponta que, como houve movimentação processual até maio de 2020, mesmo se houver uma análise a favor da retroatividade, Garotinho só retomaria seus direitos político em maio de 2028.

A ação também contesta a filiação de Garotinho ao Republicanos, que não poderia acontecer no caso do ex-governador não gozar de seus direitos políticos.

Garotinho foi condenado por sua atuação como secretário de Governo entre 2005 e 2006. Segundo a sentença de 2016, o político atuou em fraudes envolvendo o projeto



Registro. O MPE argumenta que Garotinho teve seus direitos políticos suspensos após ser condenado por improbidade

Garotinho troca de vice pela 3ª vez

> Pela terceira vez, o candidato a governador Anthony Garotinho (Republicanos) trocou de vice. Depois da saída do coronel da reserva Venâncio Moura (DC) e da major Elaine Gonçalves (Democrata), o ex-governador definiu o ex-Bope André Monteiro (Democrata) como novo companheiro de chapa.

> A saída de Major Elaine ocorreu após a revelação

de sua sociedade com Fábio Picanço, ex-presidente da Codin, numa empresa de segurança. Mesmo sem provas, Garotinho levantou suspeitas sobre Picanço num esquema de corrupção envolvendo incentivos fiscais no estado. Picanço e a Codin não comentaram. A major negou favores e afirmou que a saída da chapa foi por motivos pessoais. (Anna Bustamante)

Saúde em Movimento, que trouxeram prejuízos ao erário de R\$ 234,5 milhões. Na decisão judicial, além da perda dos direitos políticos, o ex-governador foi condenado a pagar multa, ficou proibido de

estabelecer contratos com o poder público e de receber benefícios ou incentivos fiscais por cinco anos; e a ressarcir os cofres públicos.

Não há previsão de quando o TRE-RJ se posicionará sobre

PL cobra fidelidade de prefeitos após traições a Ruas

Candidato participou de evento do ex-chefe da Polícia Civil, Felipe Curi, de quem busca se aproximar para reforçar discurso de segurança

FELIPE GRINBERG, LÍVIA MENDES E BRUNA MARTINS
politica@oglobo.com.br

Incomodado com o apoio de prefeitos fluminenses a Eduardo Paes (PSD-RJ), o senador e presidenciável Flávio Bolsonaro (PL-RJ) cobrou fidelidade dos mandatários. Em um vídeo gravado no último sábado durante um café da manhã com apoiadores, incluindo Douglas Ruas (PL-RJ), principal adversário de Paes na disputa pelo governo do Rio, Flávio direcionou o recado àqueles que teriam vencido a última eleição com ajuda da família Bolsonaro em 2024 e “agora está tudo interessado no lado de lá”.

— Em 2028, não votem nos prefeitos que estão apoiando o Eduardo Paes.

Desde que deixou a prefeitura para concorrer ao Palácio Guanabara, Paes tem percorrido o estado buscando apoio

dos prefeitos do interior. A eleição de 2022 mostrou que o eleitorado da região é de suma importância. O ex-governador Cláudio Castro venceu aquela disputa ainda no primeiro turno, sendo que em 39 cidades ele ganhou com 70% ou mais dos votos. Dessas, apenas Belford Roxo faz parte da região Metropolitana do Rio.

DESEMBARQUES

Nas últimas semanas, a chapa do PL para o Palácio Guanabara enfraqueceu, com o desembarque da federação União-PP, que agora se coloca como neutra na disputa. Durante o período pré-eleitoral, o PP chegou a ter a cadeira de vice-governador na chapa de Ruas, com o ex-prefeito de Nova Iguaçu Rogério Lisboa. Com a saída da sigla da coligação na semana passada, o político da Baixada Fluminense anunciou apoio a Paes.

Após o recado de Flávio, o prefeito de Paraíba do Sul, Júlio Canelinha (PSD), também foi às redes criticar as ameaças do senador. Em 2024, o empresário foi eleito pelo União com o PL na coligação, contra uma candidata do PSD, hoje, seu partido. No fim do mês passado, ele oficializou a ida para a legenda de Paes. Canelinha disse ter decidido apoiar o ex-prefeito após o partido pelo qual foi eleito deixar de ter uma candidatura majoritária própria. O prefeito disse que recebeu ajuda de Cláudio Castro (PL), mas criticou a falta de apoio de Flávio a Paraíba do Sul, afirmando nunca ter recebido verbas de emendas ou qualquer aproximação institucional do parlamentar.

“Não tenho dono político. Não devo meu mandato a senador, governador ou partido”, escreveu Canelinha.

O PSD também conseguiu



Agenda. Douglas Ruas entre Felipe Curi e sua vice Fernanda Louback

atrair na última janela partidária o prefeito de Arraial do Cabo, Marcelo Magno, que se elegeu em 2024 pelo PL. Além de aparecer em vídeos com Paes nos últimos meses, ele declarou apoio à candidatura de Pedro Paulo (PSD) ao Senado. Na Baixada Fluminense, o ex-prefeito do Rio ainda conseguiu apoio da família Reis —

que não esconde apoiar Jair Bolsonaro — e do prefeito Glauco Kaizer (União).

Paralelamente às deserções, Douglas Ruas participou ontem à noite do lançamento da candidatura do ex-secretário da Polícia Civil Felipe Curi a deputado federal. O nome de Curi chegou a ser cogitado para disputar o Pa-

lácio Guanabara e também o Senado. Após ele comandar a operação que deixou 122 mortos nos complexos da Penha e do Alemão, Curi passou a ser censurado pelos bolsionistas nas redes sociais.

Em discurso focado em segurança pública, Ruas defendeu a liberdade econômica e o direito de ir e vir para as pessoas:

— Nós vamos ter uma política significativamente melhor em todos os índices criminais do estado do Rio de Janeiro. É para isso que nós vamos trabalhar.

Mais cedo, Ruas esteve no calçadão de Bangu, na Zona Oeste carioca, por onde caminhou durante meia hora e falou em governar para o “verdadeiro Rio”:

— Durante muitos anos, governaram como se o Rio fosse apenas alguns bairros da Zona Sul, o Rio do cartão-postal. Mas existe o Rio real, da Zona Norte, da Zona Oeste, da Baixada, de São Gonçalo, do interior. Nosso plano de governo é trabalhar para todo o Rio, queremos trazer o Estado para próximo da casa das pessoas.

Marinho promete reduzir IPTU, atribuição municipal

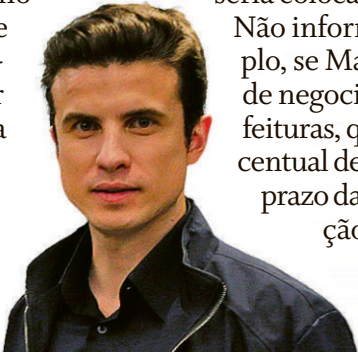
Em plano de governo, candidato do Novo menciona benefício a oito cidades, mas não esclarece como pretende negociar com prefeituras

ANNA BUSTAMANTE
anna.santos@oglobo.com.br

O plano de governo de André Marinho, candidato do Novo ao Palácio Guanabara, prevê reduzir ou isentar o IPTU de imóveis situados em uma faixa de dois quilômetros de cada lado do Arco Metropolitano, que atravessa oito municípios do estado. A promessa, porém, esbarra

em uma questão federativa: o IPTU é um imposto municipal. A Constituição Federal estabelece, no artigo 156, que cabe aos municípios instituir impostos sobre a propriedade

André Marinho.
Candidato do partido Novo



predial e territorial urbana. Com 140 páginas, o plano não explica como a medida seria colocada em prática. Não informa, por exemplo, se Marinho pretende negociar com as prefeituras, qual seria o percentual de desconto ou o prazo da eventual isenção, quem poderia receber o benefício ou

qual seria o impacto da medida sobre os cofres públicos.

A proposta é apresentada como estratégia de desenvolvimento para integrar municípios do entorno do Arco Metropolitano, da Baía e da Baixada Fluminense. A estrada atravessa os municípios de Itaboraí, Guapimirim, Magé, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Japeri, Seropédica e Itaguaí.

O advogado tributarista David Nigri reforça que a redução do IPTU não é da alçada do Estado.

— O governo do estado pode propor políticas de desenvolvimento. Se isso sensibilizar o município, e o município resolver criar essa lei dando isenções, é outra história.

Na prática, portanto, a implementação da promessa dependeria da ade-

ção das prefeituras e da criação de regras municipais para conceder o benefício.

Isso não impede, segundo Nigri, que o governo estadual tente estimular os municípios a aderirem ao projeto. Entre as possibilidades, estariam políticas de desenvolvimento para a região, investimentos em infraestrutura, apoio técnico, financiamento de projetos ou até mecanismos de compensação ou incentivo financeiro estadual.

O plano de Marinho não informa, porém, se algum desses mecanismos está previsto.

De missa a culto, Tarcísio consolida apoio religioso

Filho de pastora da Assembleia de Deus, governador mantém a proximidade com líderes evangélicos e, nos últimos meses, tem comparecido mais a eventos ligados à Igreja Católica, além de encontros com a comunidade judaica

ELEIÇÕES 2026

HYNDARA FREITAS
hyndara.freitas@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

Buscando o voto de eleitores religiosos, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), intensificou nos últimos meses encontros com líderes evangélicos, judaicos e católicos. A relação com os evangélicos vem de longa data, mas o governador vem se aproximando mais dos católicos, com a ajuda do prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB). No domingo, Tarcísio deu o pontapé na campanha eleitoral em uma missa no evento Canção Nova Abraça São Paulo, no Ginásio do Ibirapuera.

Na sexta-feira, Tarcísio foi recebido na Coalizão de Igrejas Evangélicas Apostólicas Global (Cieag), que reúne 122 representantes da igreja Renascer em Cristo e diversos ministérios da Assembleias de Deus, entre outras denominações. O encontro foi promovido pelo apóstolo Estevam Hernandes, da Renascer em Cristo, um dos mais fortes aliados do governador no meio.

No encontro, pastores e bispos citaram a responsabilidade dos líderes no período eleitoral e em “formar um exército” para “cuidar da cidade, do estado e da nação”.



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



DIVULGAÇÃO

Ecumênico. Tarcísio se encontrou na sexta-feira com líderes evangélicos (à esquerda) e iniciou no domingo a campanha em uma celebração da comunidade católica Canção Nova (à direita)

Mas não houve pedidos de votos, e Tarcísio falou mais do apoio que vem tendo do segmento no mandato do que para pedir engajamento.

— Há quatro anos a gente começou a caminhada mais ou menos da mesma forma, sendo acolhido por vocês — discursou o governador. — Não faço nada na minha vida sem Deus. Se a gente está aqui, é para ser instrumento.

O discurso mais político ficou por conta de Ricardo Nunes, que falou dos riscos de entregar o poder “nas mãos de mentirosos, de pessoas que defendem a liberação de drogas e que perseguem igrejas”, sem citar nomes. O prefeito defendeu que os pastores “protejam

suas ovelhas”. Também pediu a “proteção espiritual de Flávio Bolsonaro e Tarcísio” porque “os ataques do mal são muito fortes”.

Estevam Hernandes disse ao GLOBO que quis aproximar os evangélicos “do homem Tarcísio”.

— A responsabilidade do pastor sobretudo é espiritual, mas tem uma responsabilidade social porque ele é um influenciador do bem. O papel do líder é não colocar goela abaixo, não impor nada, mas colocar as suas convicções para que o povo possa fazer o melhor. O Tarcísio tem a palavra de Deus, não é algo fabricado para as eleições — defendeu.

Tarcísio tem uma relação

próxima com os evangélicos sobretudo porque sua mãe era pastora da Assembleia de Deus. A primeira-dama de São Paulo, Cristiane Freitas, atua para conquistar o apoio das mulheres evangélicas. Há duas semanas, Cristiane participou de um podcast com a Bispa Sônia, da Igreja Renascer em Cristo. Os cortes do podcast têm sido explorados nas redes sociais da primeira-dama.

DISCRICÃO COM CATÓLICOS

A relação com líderes católicos era mais tímida até o início deste ano, mas Nunes vem fazendo a ponte com esse segmento — em 2024, o emedebista começou a campanha na Diocese de

Santo Amaro, para onde levou o governador em ao menos duas ocasiões desde abril. Tarcísio também foi à comunidade Arautos do Evangelho, em Caieiras, na Região Metropolitana, em abril. O governador marcou presença em missas aos fins de semana, muitas vezes de maneira mais discreta, sem divulgação em redes sociais ou de agendas, acompanhado do prefeito. Nas celebrações, o governador chegou ler trechos bíblicos.

No domingo, no Ginásio do Ibirapuera, Tarcísio assistiu a uma missa do padre Adriano Zandon, que acumula quase 3 milhões de seguidores no Instagram. O padre Carlos Alberto, da Pa-

róquia São Pedro Apóstolo, de Taboão da Serra, apoia explicitamente o governador, mas se vê como exceção. Petista na juventude, ele considera que o partido de Lula afastou parte dos católicos ao se ligar a “intelectuais e revolucionários”.

— O Tarcísio é o que mais representa os cristãos aqui em São Paulo Mas a maioria dos padres ainda é petista — admite o líder, que participou do encontro do Cieag e subiu ao palco ao lado do governador.

Tarcísio também se encontrou, no início do mês, com a comunidade judaica. No dia 3, ele participou de um evento da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp).

Haddad critica política de segurança para mulheres

Petista faz caminhada no Centro de São Paulo ao lado de candidatas ao Senado de sua chapa para disputar o governo do estado

SAMUEL LIMA
samuel.lima@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Em uma caminhada com mulheres na região central de São Paulo, o candidato do PT ao governo do estado, Fernando Haddad, criticou ontem o desempenho na área de segurança pública do governo Tarcísio de Freitas. Haddad estava acompanhado das candidatas ao Senado da sua chapa, Simone Tebet (PSB) e Marina Silva (Rede).

— A maioria das mulheres hoje espera segurança do seu governador, porque a coisa está atingindo patamares inaceitáveis — criticou Haddad.

Os ataques se repetiram em frases como “Quer parar de sofrer, coloca o Tarcísio pra correr”, dita pelos apoiadores, e questionamentos de Tebet.

— Estive ontem gravando um vídeo em Jaguaré, na Zona Oeste, onde a delegacia da mulher fica fechada a

partir das 19h e nos fins de semana. Isso acontece na maioria das delegacias pelo interior. Há estudos que mostram que a violência contra a mulher aumenta em até 30% à noite, especialmente depois de jogos de futebol. Como isso se justifica? — cobrou.

MARINA INTIMIDADA

Na caminhada, uma abordagem agressiva de um homem a Marina Silva foi destacada nos discursos de ci-



DIOGO ZACARIAS/DIVULGAÇÃO PT

Caminhando e cobrando. Haddad segura faixa ao lado de apoiadoras

ma do carro de som. O homem teria se aproximado da candidata quando ela tinha se afastado dos demais participantes da caminhada, por cuidados que precisa ter com uma fratura na vértebra em dezembro.

Testemunhas disseram que uma assessora tentou afastá-lo enquanto ele falava de modo contundente. Não houve agressão física e Marina se abrigou em uma loja.

— Diante da paz, com certeza, o ódio recua. Era um homem com um gestual muito agressivo, mas eles estão fazendo isso o tempo todo em relação ao Haddad, e agora fizeram em relação a mim — relatou a ex-ministra do Meio Ambiente.

Número de candidatos do exército cai para mais da metade este ano

Dos 50 que irão concorrer este ano, cinco são da ativa e o restante, na reserva

BELA MEGALE
bela@bsb.oglobo.com.br
BRÁSILIA

O Exército Brasileiro terá o menor número de militares concorrendo a cargos eletivos nas eleições deste ano. Ao todo, serão 50 integrantes da Força na disputa eleitoral de 2026, sendo cinco da ativa e os demais da reserva.

O número mostra uma redução de mais de 53% em relação à eleição de 2022, quando 107 integrantes do Exército concorreram. A queda é ainda mais elevada em comparação ao pleito de

2018, quando 115 militares da Força disputaram cargos eletivos e Jair Bolsonaro, capitão reformado do Exército, se elegeu presidente.

Os dados fazem parte de um levantamento do Exército obtidos com exclusividade. O prazo para regis-

53%
foi a redução de militares do Exército candidatos em 2026
Em relação à eleição de 2022, quando 107 integrantes da Força concorreram a algum mandato.

tro de candidaturas terminou no sábado.

Os números chegaram ao Ministério da Defesa, que viu os dados como o resultado do trabalho da cúpula militar para despolitizar as Forças Armadas. Essa foi uma das bandeiras defendidas pelo chefe da pasta, José Múcio Monteiro, desde que foi anunciado ministro por Lula, em 2022.

Também foi um dos focos do comandante do Exército, Tomás Paiva. Poucos meses depois de assumir o posto, o general disse ao GLOBO que seu objetivo era “afastar



CRISTIANO MARIZ/7-6-2024

Estratégia. Tomás Paiva: comandante quer Exército longe da política

a política do Exército”:

— Somos profissionais e temos que focar no nosso trabalho — disse.

O governo Lula chegou a articular uma proposta que proíbe militares da ativa de disputarem cargos eletivos, mas a medida não avançou no Congresso. A

Proposta de Emenda Constitucional, apresentada em 2023 pelo senador Jaques Wagner (PT-BA), determina o militar da ativa das Forças Armadas que registrasse sua candidatura a um cargo eletivo fosse obrigatoriamente para a reserva, para garantir a

neutralidade da tropa.

A PEC chegou a passar pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, mas está andando lentamente no Congresso e sem previsão de votação definitiva no plenário.

PRESIDENTES DA ATIVA

Bolsonaro foi eleito como oficial reformado, mas o Brasil já teve dois presidentes que concorreram como militares da ativa: Hermes da Fonseca, marechal que governou o país de 1910 a 1914, na República Velha, e Eurico Gaspar Dutra, o primeiro a ser eleito depois do fim da ditadura de Getúlio Vargas no Estado Novo, que governou entre 1946 e 1950.

Dutra derrotou outro oficial da ativa: Eduardo Gomes, da recém-criada Força Aérea Brasileira, que se candidatou de novo em 1950 e foi derrotado por Vargas.

Dino afasta presidente do TCE do Maranhão, sobrinho do governador

PF investiga relação de Daniel Brandão com assassinato que teria ligação com um esquema de desvio de recursos públicos

PEPITA ORTEGA E YAGO GODOY
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA

O ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou ontem o afastamento de Daniel Itapary Brandão do cargo de presidente do Tribunal de Contas do Estado do Maranhão (TCE-MA). Daniel é sobrinho do atual governador do Maranhão, Carlos Brandão (MDB), que finaliza o segundo mandato. Daniel ficará afastado por 180 dias e será substituído no cargo por um antigo aliado político de Dino no Maranhão. Daniel Brandão teve o nome mencionado em uma investigação da Polícia Federal (PF) sobre obstrução de justiça no caso do assassinato do empresário João Bosco Sobrinho, que ocorreu em 2022, antes de ele ter sido indicado para o TCE-MA. A PF apura se o autor do crime, Gilbson César Cutrim Junior, que foi condenado em 2024, atuava em conjunto com Daniel em um esquema de pagamentos ilícitos relacionados a contratos no governo estadual. Na decisão, Dino afirmou

que o órgão de fiscalização das contas públicas estaduais não pode ser presidido por uma pessoa que “figura no epicentro de investigações sobre homicídio, mau uso de recursos públicos, cobrança de propinas e pagamentos fraudulentos”. E destacou a influência de Daniel sobre a avaliação das contas do governo do tio.

DE ALIADOS A DESAFETOS
Dino foi governador do Maranhão e transmitiu o poder em 2022 a Carlos Brandão, que era seu vice, mas os dois acabaram virando opositores políticos. Mesmo assim, o ministro não se declarou impedido de supervisionar as investigações da PF de suspeitas de desvios de recursos de emendas parlamentares no Maranhão envolvendo o grupo político do governador. Com sua decisão de ontem, o ex-deputado estadual e ex-presidente da Assembleia Legislativa do Maranhão Marcelo Tavares assumiu o TCE-MA. Ele é um aliado histórico de Dino, de quem foi secretário estadual da Casa Civil, revelou o blog da colunista do GLOBO Malu Gaspar.

A investigação contra Daniel se baseia na suspeita de que, após ser preso, o assassino teve a família amparada financeiramente por empresas ligadas à família Brandão e ao grupo político que comanda o estado atualmente. Esses pagamentos, conforme o inquérito, teriam a “provável finalidade” de evitar que o condenado revelasse a presença de Daniel Brandão em uma reunião com a vítima pouco antes do crime. A PF suspeita que Daniel teria marcado a reunião com João Bosco para a discussão de “pagamentos ilícitos com verbas públicas” em que ocorreu o desentendimento que culminou no assassinato do empresário. O caso é o mesmo que levou à prisão domiciliar o ex-secretário estadual de Assuntos Legislativos do governo de Brandão, Raimundo Cutrim, parente do assassino e apontado como interlocutor da família do governador junto à familiares do preso, insistindo para que mudassem depoimentos prestados à polícia. Raimundo Cutrim também é alvo de outro inquérito no STF relacionado a Dino. Ele foi alvo de



Aliado no lugar. Ex-braço direito de Flávio Dino irá assumir a presidência do Tribunal de Contas do Maranhão

mandados de busca e apreensão determinados pelos ministros Alexandre de Moraes após ter sido apontado como a fonte de um jornalista do Maranhão numa reportagem sobre o uso de veículo oficial da Justiça por parte de Dino e sua família. A ação foi criticada por entidades de imprensa.

‘ÍNTIMA RELAÇÃO’
No despacho de ontem, Dino determinou o aprofundamento da apuração sobre o envolvimento de Daniel no homicídio e, ainda, de sua possível ligação com o uso de emendas parlamentares federais para o pagamento de propinas no Maranhão. Segundo o ministro, há indícios de que o grupo sob investigação no STF “tem lançado mão de todas as ações ao seu alcance para blindar a identificação” de Daniel Bran-

dão no inquérito do assassinato e que “há, inclusive, fortes indícios” de que a sua nomeação para a presidência do TCE-MA seria uma forma de protegê-lo das investigações. A decisão de Dino apontou ainda uma “íntima relação” de Daniel com empresas da família Brandão, que teriam sido usadas na compra do silêncio do assassino, para classificar que a permanência de Daniel no TCE-MA como um “evidente perigo” ao processo e aos cofres públicos. A defesa de Daniel disse ter recebido a decisão com surpresa e que seu cliente é inocente. A do governador afirmou que a investigação é inconsistente e deveria se dar no âmbito do Superior Tribunal de Justiça (STJ), foro previsto para investigações envolvendo governadores.

Com o afastamento, Daniel está proibido de frequentar e acessar sistemas do TCE-MA e de “manter contato direto ou indireto” com mencionados na apuração, inclusive com o tio, o governador Carlos Brandão.

EX-BRAÇO DIREITO DE DINO
Tavares, o novo presidente do TCE-MA, tornou-se conselheiro do órgão em setembro de 2021 por indicação de Dino, que estava em seu segundo mandato como governador. Antes, ele havia sido chefe da Casa Civil de Dino — e principal articulador do então governador junto ao Legislativo — entre 2014 e 2018 e a partir de 2019 até ser nomeado pelo chefe para o TCE-MA, do qual se torna presidente pela segunda vez. A primeira foi entre 2023 e 2024.

PF indicia ‘Rei do Lixo’ e mais 24 por desvio de emendas

Operação que apura um esquema de fraudes em recursos parlamentares estima que R\$ 1,4 bilhão foi movimentado pelo grupo

SARAH TEÓFILO
sarah.teofilo@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

A Polícia Federal (PF) indiciou 25 pessoas no âmbito da Operação Overclean, que apura, desde o fim de 2024, desvios de recursos de emendas parlamentares e fraudes em licitações. Entre os indicados está o empresário José Marcos de Moura, conhecido como “Rei do Lixo”, além de Lucas Maciel Lobão Vieira e Rafael Guimarães de Carvalho, ex-coordenadores estaduais do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs) na Bahia. Eles foram indiciados pelos investigadores da PF por, dentre outros crimes, corrupção, peculato, organização criminosa e lavagem de dinheiro. O inquérito da PF estima que a organização criminosa tenha

movimentado cerca de R\$ 1,4 bilhão por meio de contratos fraudulentos e obras superfaturadas. Ao menos R\$ 271,7 milhões foram bloqueados nas várias fases da investigação, conduzida sob supervisão do Supremo Tribunal Federal (STF) por envolver parlamentares com foro especial.

INVESTIGAÇÕES CONTINUAM
A investigação Overclean começou para apurar desvios de recursos de emendas parlamentares destinadas ao Dnocs e mirou na atuação de Moura, que integrou a executiva nacional do União Brasil, junto a políticos para destravar negócios públicos. A organização é suspeita de pagar propinas a agentes públicos para obter contratos em todo o país. Em abril de 2025, a PF flagrou uma fase de grande

impacto da operação, com mandados de busca e apreensão em Salvador, São Paulo, Belo Horizonte e Aracaju. Moura foi um dos principais alvos, mas, na época, negou participar de irregularidades. Ontem, advogados dele e de Lucas Maciel disseram ao gl que ainda não haviam sido notificados sobre o indiciamento. A defesa dos outros envolvidos não foi localizada. Conhecido como “Rei do Lixo” devido aos contratos firmados na área de limpeza urbana na Bahia, Moura foi preso preventivamente, junto com outras 16 pessoas, na primeira fase da operação, mas depois foi solto por decisão do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF-1). Segundo a polícia, ele atuou como “articulador político e operador de influência” na organização.



No alvo. José Moura, o “rei do lixo”, é um dos indiciados pela Polícia Federal

Agora, a partir do indiciamento, a Procuradoria-Geral da República vai decidir se denuncia os suspeitos à Justiça. As investigações que envolvem parlamentares como os deputados federais Vicentinho Júnior (PSDB-TO), Elmar Nascimento (União Brasil-

BA), Félix Mendonça Jr. (PDT-BA) e Dal Barreto (União Brasil-BA) ainda estão em curso. Uma das principais fases da operação foi deflagrada em junho do ano passado, focada na liberação de emendas parlamentares. Dois prefeitos da Bahia foram afastados do car-

go. Um assessor de Félix Mendonça Jr. foi apontado como operador financeiro do esquema e, mais tarde, foi alvo de mandado judicial de busca e apreensão. Mas a investigação foi remetida ao STF depois de chegar no nome de Elmar Nascimento. A PF encontrou no cofre de Marcos Moura uma escritura de compra e venda de um imóvel de uma empresa para Elmar. O parlamentar não foi alvo de nenhuma fase da operação e nega envolvimento em irregularidades, mas alguns de seus familiares foram investigados. Seu irmão, Elmo Nascimento, prefeito de Campo Formoso (BA), foi alvo de buscas em julho do ano passado. O primo do parlamentar, Francisco Manoel do Nascimento Neto, conhecido como Francisquinho Nascimento (União Brasil), vereador eleito no município, também foi alvo da PF. Em uma etapa anterior da investigação, ele chegou a arremessar uma sacola com R\$ 220 mil pela janela momentos antes de ser preso.

AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!

ACESSE EDITORAGLOBONEGOCIOS.COM.BR E SAIBA MAIS.

VENTO EXTREMO

Tornados se multiplicam, e temporada começa mais cedo e mais intensa no país



Vento em fúria. Giruá, no Rio Grande do Sul, foi um dos municípios brasileiros que registraram a passagem de um tornado no fim de julho; fenômeno foi registrado por um dos colaboradores da Prevots

ANA LUCIA AZEVEDO
ala@oglobo.com.br

Mal passou da metade e 2026 já pode ser considerado o ano do vento. Como se não bastasse o vendaval histórico de 29 de julho em São Paulo e Rio de Janeiro, este já é o ano com o maior número de tornados documentados no Brasil, pela Plataforma de Registros e Rede de Observadores de Tempestades Severas (Prevots). De 1º de maio a 1º de agosto, foram 44 ocorrências identificadas, das quais 39 tiveram origem em tempestades supercelulares, as mais intensas. Todas elas nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Os fenômenos não apenas estão mais numerosos como começaram mais cedo. Segundo os cientistas, o aumento deste ano reflete, além da melhora na metodologia e nos recursos tecnológicos para registros, a provável influência do El Niño, especialmente na antecipação da temporada de tempo severo.

Segundo análise da Prevots, em 2026 se destaca uma sequência de quatro ocorrências, entre 13 e 14 de junho, em Rio Verde (GO). Já entre 27 e 30 de junho, 13 tornados supercelulares foram registrados no Paraná. Em 28 de julho, os municípios gaúchos de Senador Salgado Filho e Sete de Setembro foram atingidos.

E ficaram fora das estatísticas o que atingiu o Rio Grande do Sul (Herval/Pedro Osório), em 6 de agosto, e o de 8 de agosto em Candói, Nova Aurora e Pirai do Sul, no Paraná.

DANOS REGISTRADOS

Em 2026 já são 646 registros de danos provocados por essas ocorrências. Isso porque um mesmo tornado pode ser registrado várias vezes em sua trajetória, que pode incluir mais de um município. Esse também é o maior número anual de registros.

Tornado é a manifestação

mais violenta do vento. Relativamente pouca gente já presenciou um, mas quase todo mundo já viu fotos, vídeos e filmes. Eles podem rasgar árvores como folhas de papel, deixar casas reduzidas ao piso e esmagar vagões e tratores como se fossem de brinquedo.

Parte do território do Brasil fica no segundo maior corredor de tornados do mundo, menor apenas do que o dos Estados Unidos.

— A gente sabe que não eram tão frequentes, mas existiam. Eram chamados equivocadamente de pé de vento, vendaval, ciclone. Como não havia imagem, quase ninguém ficava sabendo. Hoje há muito mais gente na trajetória deles — esclarece Ernani Nascimento, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e referência em estudos de tempo severo, em especial tornados, no Brasil.

Além dos 39 tornados supercelulares, houve este ano no Brasil três *landspouts* (tornados gerados por nuvens de tempestade menores e menos intensos) e duas trombas d'água (tornado sobre a água). A Prevots mantém a única base de dados contínua dedicada ao tempo severo (tornados, granizo, vendaval) desde 2018. Ela surgiu da fusão de iniciativas de meteorologistas de universidades com instituições de pesquisa. Conta ainda com a colaboração da sociedade, num exemplo bem-sucedido de ciência cidadã.

A plataforma também elabora previsões experimentais diárias de tempo severo para o Centro-Sul do país.

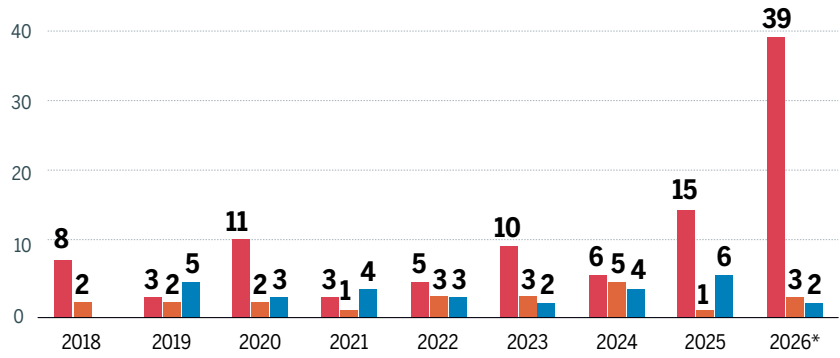
— Poucos centros apoiam o projeto, tais como a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), que utilizam os dados para pesquisa e na capacitação profissional, e o SIMGE/IGAM, único centro regional que emprega tanto a metodologia de previsões quanto os

Tornados no Brasil

País já tem maior número de registros do fenômeno desde que eles começaram a ser registrados pela Prevots (Plataforma de Registros e Rede Voluntária de Observadores de Tempestades Severas), em 2018.

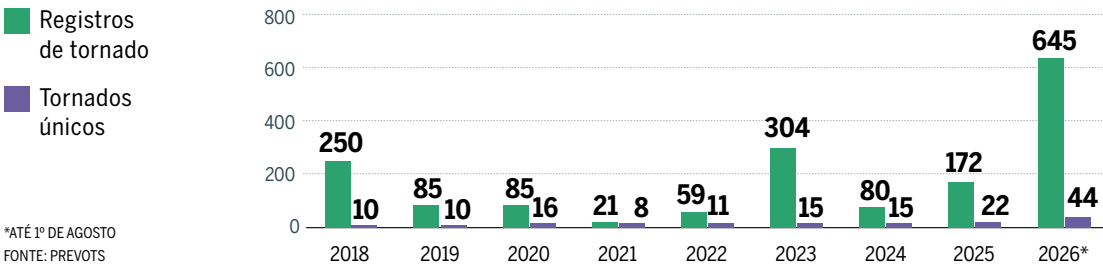
TORNADOS ÚNICOS

- Supercélula (TS)
- Landspoul (L)
- Tromba d'água (TA)



NÚMERO DE REGISTROS

Um mesmo tornado pode ser registrado dezenas de vezes, caso seja grande e atravesse muitos municípios. Por isso, um elevado número de registros não significa que houve necessariamente mais tornados, mas, sim, um maior grau de destruição.



COMO SE FORMA UM TORNADO

O que é um tornado?

É um funil de ar girando em altíssima velocidade que conecta uma nuvem de tempestade até o chão.

NASCIMENTO

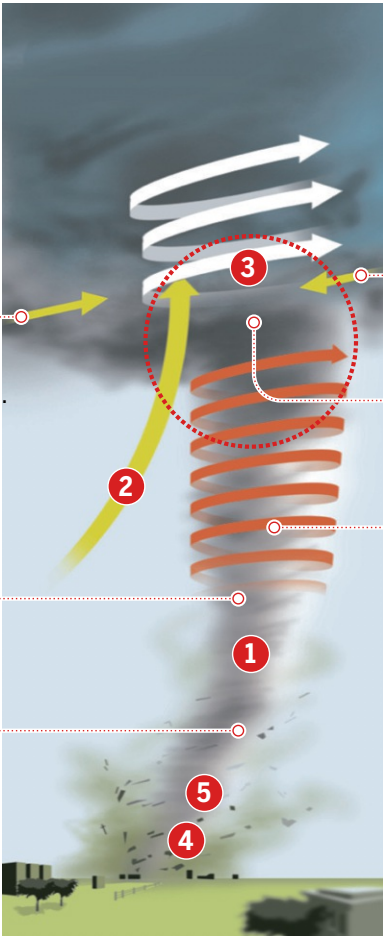
Para um tornado surgir, a atmosfera precisa misturar três elementos no lugar e na hora certos:

Ar quente e úmido

É o "combustível". Leve e cheio de água, ele quer subir rápido.

Ventos fortes

Ventos fracos



Ar frio e seco
É pesado. Ele empurra o ar quente para cima com força.

Colisão

Tesoura de vento

Variação na velocidade e direção dos ventos em diferentes altitudes. É isso que faz o ar começar a girar.

CRESCIMENTO

- 1 Ventos em altitudes diferentes soprando em direções opostas criam um tubo de ar girando deitado próximo ao solo (como um rolo de macarrão invisível girando no ar).
- 2 O ar quente e úmido sobe com tanta força (corrente ascendente) que empurra o tubo giratório deitado e o coloca em pé.
- 3 A coluna de ar girando em pé junta-se à nuvem de tempestade. Toda a nuvem começa a girar devagar. Esse centro rotatório é chamado de mesociclone.
- 4 Para girar mais rápido, a coluna de ar se afunila e se estica para baixo, como um patinador rodando.
- 5 A queda de pressão faz o vapor de água condensar, tornando o funil visível. Está criado o tornado.

dados para validar e elaborar a climatologia de tempo severo para o estado de Minas Gerais — afirma o meteorologista Guilherme Schild, um dos fundadores da Prevots.

Schild destaca que 2026 é o ano com maior atividade já registrada nos oito anos de atuação da plataforma, mas salienta que não se trata de recorde. A série temporal disponível, iniciada em 2018, ainda é muito curta para representar uma documentação histórica representativa de uma climatologia de tornados no Brasil.

— Não é possível dizer que é um recorde porque faltam séries históricas no Brasil para os anos anteriores a 2018. Mas é o ano mais ativo desde que começaram nossos registros, e tem uma intensidade que chama a atenção. E há um claro sinal do El Niño — frisa Schild.

VENDAVALS E TORNADOS

Vendavais, como o de julho no Sudeste, e tornados são fenômenos completamente diferentes, que em comum têm a instabilidade da atmosfera.

Em geral, a temporada dos tornados vai do meio do inverno à primavera, quando há mais contraste de temperatura, pré-condição para tempestades gigantescas que podem produzi-los, diz Nascimento. O El Niño concentra chuva intensas e tempestades na Região Sul. Essas supertempestades estão entre as condições associadas às ocorrências.

— A temporada começou antes e vai se estender pelos próximos meses, com a ação de um intenso El Niño — frisa Nascimento.

— O El Niño é decisivo, há claras características atmosféricas no período — ressalta Schild.

Pela mesma ausência de dados não se pode afirmar que o aumento seja resultado de mudanças climáticas. Porém, a ciência tem associado tanto a intensificação do El Niño quanto a de extremos com as mudanças climáticas causadas pelas emissões de gases-estufa.

O meteorologista Vitor Goele, doutorando em Meteorologia da Universidade de Oklahoma e colaborador da Prevots, explica que há incerteza quanto ao papel das mudanças climáticas no aumento da ocorrência de tempo severo no Sudeste da América do Sul:

— A documentação disponível no período que precede as últimas duas décadas é limitada em nossa região. Certamente há influência das mudanças climáticas, mas não se pode afirmar que o aumento se deve estritamente a elas. Em grande parte, este aumento se dá pela evolução tecnológica, especialmente a popularização de smartphones e mídias sociais, assim como pelo crescimento da população.

Ele acrescenta que foram descobertos relatos de tornados no Sudeste da América do Sul, incluindo o Sul do Brasil, que datam do fim do século XIX e do início do XX.

Informe Publicitário



A história por trás da referência mundial em check-up médico

Com 35 anos de experiência, mais de 250 mil check-ups realizados e clientes de 55 nacionalidades, a SP Check-up chega a São Paulo como resultado de uma trajetória dedicada à prevenção, à educação em saúde e à valorização do check-up médico.

Antes de se tornar uma referência internacional em check-up médico, a MedRio Check-up, que chega a São Paulo como SP Check-up, ajudou a construir uma cultura. Ao longo de mais de três décadas, a atuação da empresa e de seus diretores, Dr. Gilberto Ururahy e Dr. Galileu Assis, contribuiu para ampliar no Brasil a compreensão de que cuidar da saúde antes do surgimento das doenças é uma decisão inteligente, capaz de impactar longevidade, qualidade de vida e produtividade.

Essa trajetória foi construída dentro e fora da clínica. Além de liderarem uma operação que já realizou mais de 250 mil check-ups em clientes de 55 nacionalidades, os diretores dedicaram parte importante de sua atuação à educação da população sobre prevenção, hábitos saudáveis, identificação precoce de riscos e gestão da saúde. Foram centenas de conteúdos publicados, entrevistas, palestras, participações em debates, livros e presença constante na imprensa, aproxi-

mando o conhecimento médico da vida cotidiana das pessoas.

Uma cultura construída ao longo de décadas

No início dos anos 1990, falar em check-up médico ainda era pouco comum no Brasil. A própria MedRio registrou, em sua trajetória, que não existia no país uma cultura consolidada de prevenção e que era necessário comunicar às empresas e à população a importância da prática regular do cuidado preventivo.

Foi nesse contexto que a clínica passou a reunir experiência médica, dados coletados nos check-ups, observação do estilo de vida dos clientes e produção contínua de conteúdo. Aos poucos, o check-up deixou de ser percebido como uma simples sequência de exames e passou a ser compreendido como uma oportunidade de organizar informações, identificar riscos e orientar escolhas.

“Há mais de 30 anos trabalhamos



Dr. Galileu Assis e Dr. Gilberto Ururahy, diretores da SP Check-up.

para mostrar que prevenção não é um conceito abstrato. É uma atitude prática. Quando a pessoa conhece seus indicadores, entende seus hábitos e recebe orientação médica adequada, ela passa a tomar decisões melhores sobre a própria saúde”, afirma o Dr. Gilberto Ururahy.

Desembarque em São Paulo

Foi essa visão que moldou o método que agora orienta a chegada da SP Check-up a São Paulo. A nova clínica, com agenda aberta e início dos atendimentos em 1º de outubro, nasce a partir de uma experiência consolidada em uma operação que tem o check-up médico como core business. Em um momento em que as pessoas buscam cada vez mais saúde e desejam cuidar antes, a SP Check-up chega com uma proposta dedicada à avaliação integrada da saúde.

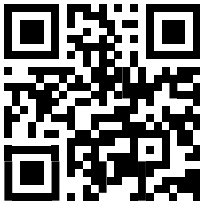
Na prática, o modelo reúne, em aproximadamente cinco horas, exames, consultas e avaliações em um só lugar, com protocolos definidos de acordo com o perfil, a idade, o histórico, os hábitos e os fatores de risco de cada cliente. Os resultados são disponibilizados em até 24 horas úteis e, depois, uma consulta pós-check-up permite analisar os dados, compreender riscos e definir próximos passos de cuidado.

A referência mundial em check-up médico chega a São Paulo. Afinal, na SP Check-up, “SP” também sintetiza uma convicção: saúde é prevenção.

Da informação à prática

A construção dessa cultura teve uma característica decisiva: transformar conhecimento em orientação prática. Ao longo dos anos, os temas acompanharam as principais mudanças da vida contemporânea: estresse, sedentarismo, alimentação inadequada, sono, saúde emocional, risco cardiovascular, longevidade e impacto dos hábitos no desenvolvimento de doenças.

Essa produção não ficou restrita ao consultório. Livros, entrevistas, artigos, matérias jornalísticas e participações em eventos ajudaram a ampliar o debate sobre a prevenção e a mostrar que o check-up médico é o desejo de quem quer cuidar da saúde de forma elegante e inteligente.



Agende o seu check-up
11 2305-3000
spcheckup.com.br

R. Gomes de Carvalho, 1.356 – 10º andar
Vila Olímpia – São Paulo/SP



A referência mundial em check-up médico chega a São Paulo.



Lei Seca terá ‘drogômetro’, pré-teste e reteste para evitar falso positivo

Nova regulamentação do Contran moderniza fiscalização, amplia meios de detecção de substâncias psicoativas e estabelece critérios para diferenciar alcoolemia de resíduos de álcool na boca

JÚLIA COPLE
julia.cople@oglobo.com.br

A fiscalização da Lei Seca terá novos instrumentos e procedimentos para identificar o uso de álcool e outras substâncias psicoativas por motoristas. O Conselho Nacional de Trânsito (Contran) aprovou uma regulamentação que substitui a norma de 2013, prevê a possibilidade de uso de “drogômetros” e disciplina o pré-teste e o reteste do bafômetro. A nova regra entra em vigor esta semana, com a publicação no Diário Oficial.

Uma das mudanças é a previsão expressa de uma triagem antes do teste probatório de alcoolemia. O procedimento, feito com equipamento chamado etilômetro ou bafômetro passivo, poderá identificar rapidamente a presença de álcool, mas não terá valor para autuação. Se houver indicação, será realizado o teste tradicional do etilômetro.

A resolução também determina novo teste quando a obtenção de resultado final válido for prejudicada por motivo técnico ou operacional, inclusive para afastar eventual influência de álcool presente no trato respiratório superior. A regra contempla, assim, situações em que resíduos de álcool na boca possam interferir na medição. Entre os produtos citados estão bombom de licor, enxaguante bucal e pão de forma.

O Detran de Mato Grosso do Sul já havia esclarecido que esses produtos podem produzir uma indicação momentânea relacionada à presença de álcool na mucosa. Com a nova regulamen-

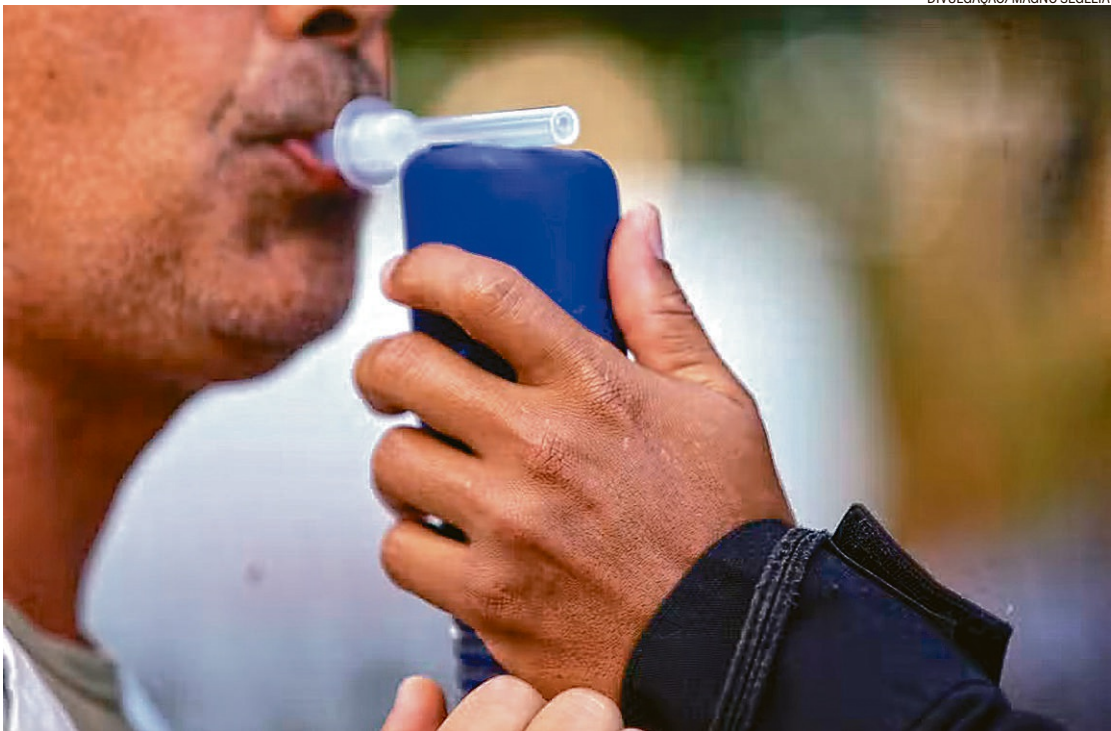
tação, o procedimento para verificar essa possível interferência passa a estar previsto nacionalmente.

— A atualização da resolução que regulamenta os procedimentos da Lei Seca era necessária para acompanhar as mudanças na legislação e tratar de questões que ainda não estavam adequadamente previstas. Com isso, fortalecemos a efetividade da fiscalização e damos mais segurança jurídica tanto aos profissionais responsáveis pela aplicação da lei quanto ao próprio cidadão — afirma o secretário nacional de Trânsito, Adualdo Catão.

DROGÔMETROS

A nova regulamentação também abre caminho para a utilização de equipamentos capazes de detectar outras substâncias psicoativas em fluido oral, os chamados “drogômetros”. A resolução não define uma tecnologia ou modelo específico, mas determina que os aparelhos sejam certificados no âmbito do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade, por organismo de certificação acreditado pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro). A Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran) poderá editar normas complementares para disciplinar a utilização.

Procurado pelo GLOBO, o Inmetro informou que já há um dispositivo para testes em fluido oral, ou saliva, com Certificado de Conformidade nº 040/T/2024. O aparelho é destinado à detecção preliminar de entorpecentes e substâncias psicoativas e contempla anfetamina, cocaína, MDMA (ecstasy), 6-MAM (heroína),



Segurança no trânsito. Operações no país inteiro passarão a ter triagem antes do exame com valor probatório

O que muda nas blitzes na prática

> A nova resolução prevê expressamente o teste passivo de alcoolemia, usado como triagem. Ele não gera multa, mas serve para indicar rapidamente se há presença de álcool e, em caso positivo, encaminhar para o teste com valor probatório.

> No teste com valor probatório, se o resultado for prejudicado por motivo técnico ou operacional, deverá ser realizado um novo teste. A regra inclui situações em que seja necessário afastar eventual influência de álcool residual (ingestão de bombom de licor ou uso de enxaguante bucal, por exemplo) no trato respiratório superior.

> A fiscalização poderá

utilizar equipamentos para detectar outras substâncias psicoativas, além do álcool. A resolução, porém, ainda não determina um modelo específico.

> O Inmetro informou que há um dispositivo certificado para testes em saliva. O equipamento faz detecção preliminar de substâncias como cocaína, anfetamina, MDMA, heroína, LSD, THC, fenta-

nil, cetamina e metanfetamina. Seu uso em blitzes, no entanto, dependem da Senatran e de demais órgãos competentes.

> Só um sinal de embriaguez será insuficiente para a constatação pelo agente. Quando a alteração da capacidade psicomotora for identificada pela observação do agente de trânsito, serão necessários pelo menos dois sinais descritos no auto de infração.

LSD, THC (cannabis), fentanil, cetamina, K2 (canabinoides sintéticos), morfina, metanfetamina e MDPV.

Embora o dispositivo tenha sido certificado em 2024, sua implementação dependia da regulamentação específica do Contran.

Assim, nenhum estado iniciou sua utilização em blitzes antes da publicação da nova resolução. Com a nova etapa regulatória, a implementação da tecnologia poderia começar.

O Código de Trânsito Brasileiro já proibia dirigir sob in-

fluência de outras substâncias psicoativas e admitia exames toxicológicos e outros meios técnicos ou científicos para comprovar a prática. A regulamentação de 2013, entretanto, não estruturava o uso de equipamentos para essa finalidade. Segundo a nota técnica

Empresário do mercado financeiro preso por agressão

Ivo Vel Kos, que já foi investigado pela CVM, disse ter socado em mulher para se defender; ela relatou outros casos de violência

O empresário Ivo Vel Kos, de 48 anos, foi preso em flagrante na madrugada de sábado em São Paulo acusado de agredir e ameaçar de morte a mulher, a cirurgiã-dentista Giullia Vel Kos, de 27 anos, em uma discussão. A prisão foi mantida depois de audiência de custódia. O caso foi registrado como lesão corporal, violência doméstica e ameaça na 4ª Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), na Freguesia do Ó. Kos é conhecido no mer-

cado financeiro pela criação da securitizadora Virgo, e foi um dos acusados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) em uma investigação de fraudes com o uso de certificados de recebíveis imobiliários (CRIs) e do agronegócio (CRAs) envolvendo pelo menos R\$ 216 milhões. Ele vendeu a Virgo pouco depois de o caso vir a público.

À polícia, Giullia afirmou que foi atingida no rosto e pelo corpo e relatou episó-

dios anteriores em que foi agredida. O empresário admitiu ter dado um soco na mulher, mas alegou que foi uma reação a agressões. O boletim de ocorrência do caso registrou lesões nos dois. O empresário negou a ter ameaçado a dentista com uma arma de choque e a agredido com um taco de beisebol, como ela contou aos policiais.

Depois do incidente, Giullia exibiu aos seguidores no Instagram mensa-



Lesões. Depois da agressão, Giullia mostrou mensagens ameaçadoras de Kos



gens em que o empresário respondeu com ameaças a um questionamento que ela fez sobre o contato de Kos com outra mulher. O empresário afirmou que poderia “ser bem mal” se a cirurgiã-dentista decidisse “bater de frente” contra ele.

“Quem paga e banca essa putaria toda sou eu”, diz uma das mensagens exibidas pela dentista. “Não me peita e ameaça. Senão boto meu exército de advogados contra você e todos”, teria afirmado o empresário em outras mensagens.

Cinthia disse que tentou se divorciar de Kos, mas não conseguia: “Eram inúmeras promessas, ameaças para aceitar os termos dele”.

Discord suspende recursos de vídeo após ordem da ANPD

Entidades de proteção a menores veem medida como proporcional, sem bloqueio da plataforma

O Discord suspendeu ontem os recursos de vídeo no Brasil, em cumprimento a decisão da Agência Nacional de Proteção de Dados (ANPD). A determinação, que inclui transmissões ao vivo e compartilhamento de tela, ocorreu após a morte de uma ado-

lescente de 13 anos em um servidor privado da plataforma. O caso, investigado pela Polícia Civil de Mato Grosso do Sul, ocorreu durante uma live.

Na sexta-feira, o Discord havia informado que não conseguiria cumprir no prazo de três dias úteis e pediu que o pe-

ríodo fosse ampliado para 15 dias. Ontem, porém, comunicou a suspensão e afirmou estar em diálogo com a ANPD para tentar restabelecer os recursos no país.

“Estamos dialogando ativamente com a ANPD em busca de uma solução que permita restabelecer esses recursos para nossos usuários no Brasil”, disse a empresa, que classificou os recursos em vídeo como parte “importante e muito valorizada” da experiência no Discord.

A rede social continua disponível no Brasil. A decisão não afeta mensagens de texto

e áudio nem outros recursos que não envolvam vídeo ou compartilhamento de tela.

‘MEDIDA EQUILBRADA’

Organizações de proteção a crianças e adolescentes consideram a decisão uma “medida equilibrada” e afirmam que ela responde às exigências do ECA Digital. A nota é assinada por Childhood Brasil, Coalizão Brasileira pelo Fim da Violência contra Crianças e Adolescentes e pelos institutos Alana e Liberta.

Segundo as entidades, a medida é proporcional ao risco identificado porque restringe

temporariamente uma funcionalidade específica, sem bloquear a plataforma ou os demais serviços. Para as organizações, a retomada das transmissões deve depender da comprovação, pelo Discord, de que a plataforma consegue detectar crimes e implementar salvaguardas adequadas.

A DECISÃO

A decisão da ANPD foi baseada em nota técnica que aponta uma mudança adotada pelo Discord em 2 de março: a implementação de criptografia de ponta a ponta nas comunicações de áudio e ví-

deo. Segundo a agência, a tecnologia ampliou a privacidade, mas tornou o serviço “menos protetivo”. Antes, sistemas automatizados poderiam identificar durante uma transmissão sinais de violência, assédio, intimidação, coação, automutilação ou suicídio. A partir desses alertas, a plataforma poderia reduzir o alcance de uma live, interrompê-la cautelarmente ou encaminhar o caso a uma equipe especializada.

Com a criptografia, a proteção passou a depender de sinais comportamentais e denúncias dos usuários.



TURBULÊNCIA NO COMÉRCIO

MAIOR CRISE DESDE A FUNDAÇÃO

Casas Bahia pede recuperação judicial, busca crédito de R\$ 1 bi e aposta no marketplace

LETICIA LOPES
leticia.lopes@oglobo.com.br
SÃO PAULO

A Casas Bahia protocolou na noite de domingo um pedido de recuperação judicial com dívidas que somam R\$ 17,3 bilhões e um total de 28 mil credores, no que chamou de “a pior crise desde sua fundação”, há 74 anos. A varejista divulgou no fim de semana, com atraso, um prejuízo de R\$ 10,1 bilhões no segundo trimestre, patamar 18 vezes acima do resultado registrado no mesmo período do ano passado. Em um retrato da turbulência, as ações da companhia tiveram a negociação suspensa várias vezes ao longo do pregão de ontem diante da forte oscilação e fecharam em baixa de 33%, a R\$ 0,44.

A varejista fechou 298 lojas, que correspondem a 30% do total, além de ter demitido quase 3 mil funcionários, ou 10% do efetivo. Nas palavras do CEO Renato Franklin, as lojas fechadas “estavam na UTI”, em referência à rentabilidade menor do que a média do grupo. Por ora, não estão previstos novos cortes ou encerramento de unidades, mas, caso o cenário macroeconômico se deteriore mais no próximo ano, o executivo afirma que a empresa terá que “voltar para a prancheta para redimensionar”.

“A deterioração das condições econômico-financeiras” do país é justamente a justificativa para a crise apresentada pelo grupo à Justiça. Analistas ponderam que o cenário macro é fator decisivo para a crise do varejo, afetado pelo cenário de Taxa Selic elevada e endividamento das famílias (*leia mais na página 16*), mas ponderam que fatores de governança da própria empresa também entram na conta.

— A melhora da renda e o desemprego em baixas históricas não estão se traduzindo em crescimento das vendas, e os juros também não ajudam. Num cenário como esse, empresas que estão muito endividadas ou passaram por desafios de gestão, como Casas Ba-



Portas cerradas. Loja da Casas Bahia em Copacabana: segundo o CEO da empresa, Renato Franklin, unidades da rede que fecharam já “estavam na UTI”

R\$ 17,3 bilhões

É o tamanho da dívida incluída no pedido de recuperação judicial. Se o pedido for aceito, a empresa terá 180 dias de proteção contra os credores

28 mil

É o total de credores da varejista. A lista inclui instituições financeiras e fornecedores. Empresa tenta recompor estoques durante a crise

hia, que tem acumulado dívidas trimestre após trimestre, são as que sofrem, porque não há gordura para queimar — analisa Eduardo Yamashita, sócio-diretor da consultoria Gouvêa Inteligência.

REPOSIÇÃO DE ESTOQUES

Entre os fatores que deflagram o pedido de proteção contra credores estão notificações de vencimento antecipado de fornecedores, como Hisense e Lenovo, que têm a receber, respectivamente, R\$ 134 milhões e R\$ 137 milhões.

O plano da empresa para superar a crise tem duas frentes de ação: ajuste nos canais digitais para dar prioridade a vendas mais rentáveis e a negociação de um empréstimo DIP — do inglês *debtor in possession*, que, na prática, significa um tipo especial de financiamento a empresas em recuperação judicial, que serve para pagar

custos do dia a dia, como funcionários e fornecedores, e manter o negócio funcionando durante a crise. Segundo fontes, há negociações em curso com instituições financeiras para a obtenção do crédito. De acordo com o Valor, a cifra em discussão é de R\$ 1 bilhão.

Em seus resultados do segundo trimestre, a companhia cita dificuldade de repor estoques: “ao longo do segundo trimestre de 2026, a capacidade de recomposição dos estoques foi restringida em relação aos níveis originalmente planejados pela Administração”, diz trecho do resultado, que menciona ainda que os dias de estoque passaram de 95, em 31 de março, para 75, em 30 de junho deste ano.

Entre as varejistas, a Casas Bahia é apontada como empresa com forte presença física. Hoje, o grupo tem site e app próprios, além de vender

em marketplaces parceiros, como Mercado Livre, Shopee e Amazon. Franklin afirmou que o grupo decidiu reduzir operações digitais consideradas caras e, em alguns casos, optar por marketplaces parceiros, cuja comissão pode representar um custo menor do que o necessário para gerar tráfego por conta própria, mas o executivo não deu maiores detalhes da estratégia.

O pedido de recuperação inclui 28 mil credores, em uma lista que vai de bancos e fundos de investimento até grandes fornecedores de eletrodomésticos e eletrônicos vendidos pela varejista. A maior parte das dívidas, R\$ 16,4 bilhões, é do tipo quirografária, ou seja, sem garantia real, como débitos com fornecedores. As dívidas de natureza trabalhista somam R\$ 754,5 milhões.

Em valor, a Zurich Minas Brasil Seguros, parceira na

oferta de seguros como garantia estendida e proteção a celulares e eletrônicos, encabeça a lista, com R\$ 1,97 bilhão a receber. Outro destaque é o fundo de investimento usado pela companhia para estruturar operações, o IBCB-AF01, com R\$ 1 bilhão em aberto. Na sequência, fornecedores de peso aparecem, como a Samsung, com R\$ 937,6 milhões a receber da varejista. Também compõem a lista a Electrolux, com R\$ 700 milhões, a Whirlpool, dona da Brastemp, com R\$ 635,9 milhões, a LG, com R\$ 623,7 milhões, e a Motorola (R\$ 619 milhões).

DEPENDENTE DO CREDIÁRIO

Entre instituições financeiras, o Bradesco tem valor a receber de R\$ 655,6 milhões, considerando o montante devido ao próprio banco e ao Digio, controlado pelo Bradesco. A lista inclui ainda o Banco do Brasil (598,1 milhões) e o Itaú (R\$ 208,3 milhões).

Em seu pedido à Justiça de São Paulo, a Casas Bahia afirma que o aumento da Taxa Selic desde 2021 causou “efeitos especialmente severos”, já que sua operação é “estrutural-

mente dependente” do crediário. Os carnês são tradição na empresa, criada na década de 1950, e respondem por 15,9% das vendas. Entre abril e junho, a carteira de crediário da rede foi de R\$ 6,3 bilhões.

Na sua justificativa para a proteção contra credores, a varejista cita que os juros altos aumentaram o custo com a manutenção de estoques, um fator-chave para o desempenho no setor, e as operações de risco sacado com fornecedores. Nesse modelo, bancos antecipam aos fornecedores o pagamento pelas mercadorias vendidas à varejista, que ganha um prazo maior, com juros, para quitar a dívida com a instituição financeira.

A Casas Bahia atribui a crise, após uma espiral de resultados negativos em balanço, ao efeito da inflação, que atinge ainda mais a renda das famílias mais pobres, e ao aumento da concorrência com plataformas internacionais, como Amazon e Mercado Livre.

Em 2024, a varejista já havia recorrido a uma recuperação extrajudicial, com dívidas de R\$ 4,1 bilhões.

— A companhia já havia tentado uma solução extrajudicial e, diante da evolução do seu endividamento e da necessidade de uma reestruturação mais ampla, passa a utilizar um instrumento que permite alcançar um universo maior de credores e oferece maior proteção jurídica à empresa durante a negociação — diz Eduardo Vieira, advogado empresarial e sócio do Vieira e Serra Advogados.

O pedido engloba outras nove empresas do grupo, incluindo a Bartira, maior fabricante brasileira de móveis. Se a proteção for aprovada, as cobranças ficam suspensas por 180 dias, período que pode ser prorrogado por igual período.

— A recuperação judicial é um instrumento para fortalecer a continuidade da operação, negociando de forma organizada com todos os credores — afirmou Franklin ontem, em teleconferência de resultados.

Varejista demite 3 mil. Funcionários lamentam nas redes

Desde sexta-feira, quase 300 lojas foram fechadas. Empregados postam fotos de crachá: ‘a ficha está caindo agora’

LETICIA LOPES,
LETÍCIA GUIMARÃES*
E DIANDERSON PEREIRA**
economia@oglobo.com.br
SÃO PAULO E RIO

A Casas Bahia demitiu cerca de 3 mil funcionários e fechou quase 300 lojas neste mês, informou a empresa no pedido de recuperação judicial. O processo foi protocolado na noite de domingo no Juízo de Falências e Recuperações Judiciais do Foro Central Cível de São Paulo.

Os cortes e o enxugamento

dos pontos de venda fazem parte da reestruturação, com o objetivo de reduzir custos operacionais. Os 3 mil funcionários representam 10% do total de empregados que o grupo tinha no fim de junho, segundo o balanço do segundo trimestre. A companhia tinha 30.117 colaboradores naquele mês.

“A viabilidade econômica do Grupo Casas Bahia é cristalina e está sendo endereçada a partir de diversas frentes de reestruturação —

dentre elas, redução de custos operacionais a partir da demissão de cerca de três mil funcionários e o fechamento de quase 300 lojas no presente mês de agosto, além do ajuizamento deste pedido de recuperação judicial como forma de equalizar seu relevante passivo”, diz a companhia na petição.

Alguns funcionários demitidos se despediram da empresa e dos colegas nas redes sociais. Caroline Silva, da filial 1089, de Caraguatubá

(SP), postou uma foto do comunicado da dispensa e de seu antigo crachá. “Foi aqui com eles que eu comecei a construir minha história, amadureci e conquistei tudo que eu tenho hoje”, escreveu no domingo.

AVISO NA FACHADA

Alexandra Batista, que trabalhava há seis anos na filial 1752, no Shopping Jardins, em Aracaju (SE), publicou um vídeo em que aparece chorando ao encontrar a an-

tiga farda da empresa no varal de casa.

“Foi uma experiência incrível de aprendizado, conhecimento. Agora é só muita tristeza”, afirmou. Em outro trecho, disse sentir “sensação de impotência, de tristeza, de falta” e que não sabia explicar o sentimento. “Parece que a ficha está caindo agora”.

OGLOBO percorreu as lojas da Casas Bahia no Centro e Zona Sul do Rio e encontrou as unidades de Ipanema, na Rua

Visconde de Pirajá, e Copacabana, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, com as portas fechadas. O comunicado, adesivado na fachada, informava o encerramento das atividades no dia 14 de agosto, última sexta-feira.

Nas lojas que permanecem abertas, como as da Rua Uruguaiana e da Rua do Catete, onde houve demissões, o funcionamento estava normal, e as prateleiras não mostravam falta de abastecimento de produtos. Os funcionários da varejista foram orientados a não comentar sobre a situação.

*Estagiária, sob supervisão de Danielle Nogueira

**Aluno do curso Futuro do Jornalismo, sob supervisão de Danielle Nogueira

TER _ Miriam Leitão _ **QUA** _ Zeina Latif _ **QUI** _ Miriam Leitão _ **SEX** _ Fabio Giambiagi (quizenal) **SAB** _ Tony Volpon _ Ana Carla Abrão _ Pedro Parente _ Paulo Tafner (mensal) _ **DOM** _ Miriam Leitão

MÍRIAM LEITÃO

blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao
miriamleitao@oglobo.com.br
Com Ana Carolina Diniz



Na estação das escolhas

Todos os políticos devem estar sob o mesmo escrutínio popular, eles representarão o país inteiro e, por isso, têm contas a prestar. Porém, não se pode tratar todo mundo com a mesma desconfiança. Há uma convicção disseminada de que eles e elas estão nesse caminho para ter vantagem pessoal. Esse sentimento difuso não surgiu à toa. Veio na esteira dos inúmeros escândalos políticos, das desculpas esfarrapadas dadas por muitos, e das imagens dos dinheiros em caixas, malas, bolsas, cofres, cuecas. No país das altas taxas de juros, nenhum dinheiro guardado em casa, em grande quantidade, parecerá inocente. No banco estaria rendendo.

Na semana passada, os candidatos tiveram que divulgar sua evolução patrimonial. Uma saudável rotina. Marina Silva, ex-ministra do Meio Ambiente, apresentou o valor de R\$ 274.503 de patrimônio acumulado em 40 anos de vida pública. Alguns órgãos de imprensa destacaram no título que ela teve um aumento de 87%, descontada a inflação, nos seus bens. É justo escrever isso? Não é. Os números podem enganar, distorcer e alimentar o perigoso estigma que cerca a imagem dos políticos.

Perguntei à deputada e candidata ao Senado por São Paulo, como foi essa evolução. Marina Silva tem uma aposentadoria como professora em torno R\$ 5 mil. Isso é respeito ao dinheiro público. Ela optou por se aposentar como professora. Se o fizesse como parlamentar ou ministra teria um benefício muito maior. Durante o período sem mandato, fez palestras, o que lhe dava renda em torno de R\$ 10 mil por mês, em média.

—Quando passei a ser deputada minha renda aumentou para R\$ 40 mil. Eu usei os recursos extras para ajudar minhas irmãs e guardei um pouco. Meu patrimônio então saiu de em torno de R\$121 mil para R\$ 274 mil. Poderia ser destacado que eu sou a mais pobre entre os candidatos a senador, ainda que não veja demérito em ter uma renda maior do que a minha, mas ao pegarem apenas o acréscimo percentual sem a explicação devida iniciaram um

processo, no qual tenho recebido críticas.

A ex-ministra Simone Tebet saiu de R\$ 2,3 milhões para R\$ 10,6 milhões e também explicou, quando divulgou os números, o fato de ter triplicado seu patrimônio. Foi consequência de ter recebido de sua mãe uma herança antecipada. Isso é facilmente verificável.

É natural que o país se debruce sobre esses números em busca de alguma estranheza. Mas é bom lembrar que os que estão na vida pública com más intenções costumam esconder com fórmulas espúrias, contas em paraísos fiscais e outros estratagemas o que realmente amealharam.

No tempo da informação rápida, o que ficou foi o número do aumento dos bens, em títulos que davam a falsa impressão. A falha ao dar a notícia, desinforma. O perigo maior não é atingir uma pessoa com a desconfiança injusta. A questão que trato aqui não é individual, mas coletiva. Se prevalece a interpretação de que todos os políticos estão na política para enriquecer, a democracia vai sendo minada.

A democracia no Brasil atravessa mil riscos. Há os que a desmoralizam em transações ilegais, há os que a ameaçam porque

não acreditam nela e preferem o modelo autocrata ou ditatorial que levam a caminhos nos quais a gente já se perdeu muitas vezes na História da República. Foram tantos os descaminhos que se pode dizer que há um veio de autoritarismo estrutural na política brasileira. A luta contra esse desvio tem que ser constante na nossa vida cívica.

Este autoritarismo de fundamentos é reativado a cada momento em que se espalha a ideia de que todos os políticos são iguais e corruptos. Assim nascem os salvadores autocratas. A antipolítica levou milhares às ruas em 2013 no Brasil. A raiva foi galvanizada pela extrema direita. Dez anos depois, o país viu a invasão e depredação das sedes dos Três Poderes. O movimento foi estimulado pelo governo que tentou um golpe de Estado.

Faltam 47 dias para as eleições e a última pesquisa Quaest mostrou que na espontânea da disputa presidencial, 51% ainda estão indecisos. Na estimulada do primeiro turno 30% dizem que podem mudar o voto atual.

Nas eleições para o Legislativo, a indefinição ainda é maior. Estamos, portanto, em plena estação das escolhas democráticas. A nossa sabedoria será testada. É agora que eleitoras e eleitores tomarão suas decisões. É fundamental lutar contra o desalento que nasce das generalizações indevidas. Há candidatos e candidatas que querem sinceramente servir ao país.

TURBULÊNCIA NO COMÉRCIO

Por que tantas empresas de varejo estão pedindo recuperação judicial?

Casas Bahia, Marabraz, Mobly e Tok&Stok buscam proteção. Juro alto e endividamento estão no centro da crise do setor

GLAUCE CAVALCANTI
E CAROLINA NALIN
economia@oglobo.com.br

Casas Bahia, Lojas Marabraz, Zinzane, Americanas, grupos Toky (Mobly e Tok&Stok) e CVLB (Casa & Video e Le Biscuit). Por que é crescente o número de empresas de varejo pedindo recuperação judicial? A explicação recai sobre uma combinação de fatores, apontam especialistas. O pacote de adversidades inclui a taxa de juros elevada, o alto endividamento das famílias brasileiras e outras despesas disputando o bolso do consumidor, a exemplo de apostas esportivas, além do cenário de maior concorrência com o varejo digital.

Entre janeiro e abril, houve 268 pedidos de recuperação judicial, envolvendo 602 empresas, segundo dados compilados pela Serasa Experian. Em 2025, foram 977 processos, recorde da série histórica.

CRÉDITO CARO, DÍVIDA ALTA

O cenário macroeconômico é visto como adverso para o varejo. O desafio, porém, se amplia para empresas que, de largada, apresentam alguma fragilidade interna.

—A margem de lucro no varejo é muito apertada. É preciso ter eficiência operacional e comercial para seguir em frente. Se a empresa tem conflito ou fragilidade interna que compete com a eficiência, ela só fica de pé com a taxa de juros

a 5% (ao ano), mas não no patamar atual — diz Ana Paula Tozzi, CEO da AGR, consultoria especializada no varejo.

O patamar elevado da taxa básica de juros no país é apontado como desafio central. Ela saiu de 2% ao ano, em agosto de 2020, para 15% em junho do ano passado. Em março deste ano, o Banco Central deu início à redução da taxa. De lá para cá, no entanto, os cortes somam apenas um ponto percentual, com a Selic atualmente em 14% ao ano.

O problema do juro nas alturas por tanto tempo é que o custo da dívida das companhias — na maior parte dos casos, contratada quando a taxa de juros estava lá embaixo — e o custo do crédito dispararam.



“Quer pagar quanto?” Multidão na abertura da loja da rede Casas Bahia em Ramos, no Complexo do Alemão, em 2014

Isso comprime o caixa, freia investimentos e vai engolindo o capital de giro. Vem daí o fechamento de lojas e desligamento de funcionários. Além disso, o varejo é um setor que demanda investimento permanente em estoque e manutenção de fornecedores para viabilizar vendas.

VANTAGEM PARA RIVAIS

De acordo com dados da Serasa Experian, como mostrou O GLOBO, o país tem 9,1 milhões de CNPJs negativados em junho, o maior patamar da série, iniciada em 2016.

Em paralelo, o endividamento das famílias bateu em 82% em julho, segundo dados da Confederação Nacional do Comércio (CNC). Um quinto das famílias tem mais de metade do orçamento destinado ao pagamento de débitos. Isso vem freando o consumo, sobretudo o de bens de maior valor agregado.

—É mais desafiador em segmentos como os de vendas de móveis, eletroeletrônicos e eletrodomésticos. Há o desafio do capital de giro e o de manutenção das lojas físicas. E tudo isso com o consumidor endividado e concorrendo com outros gastos—diz Ana Paula.

—A Casas Bahia tem presença maior no varejo físico e, com a eliminação de boa parte dessas lojas, o Magazine Luiza fica em uma posição melhor entre as empresas listadas — afirma Fernando Siqueira, diretor de pesquisa da Eleven Financial Research.

Amazon e Mercado Livre também podem se beneficiar do quadro, segundo analistas.

VEJA GRUPOS EM REESTRUTURAÇÃO

Grupo Toky

Em maio, o dono de Tok&Stok e Mobly pediu recuperação, com R\$ 1,1 bi em dívidas. O prejuízo no 2º trimestre foi de R\$ 232,7 milhões e queda de 32% em vendas.



Marabraz

Varejista de móveis paulista pediu proteção à Justiça com R\$ 140 milhões em dívidas, em meio à crise financeira vinda de disputas na família fundadora.



Americanas

Pediu o fim da recuperação iniciada em 2023, após fraude de R\$ 25 bi vir à tona. Fechou centenas de lojas, recebeu aporte bilionário de sócios de referência.



DA ENTREGA DO PRODUTO À GARANTIA: COMO FICA A SITUAÇÃO DO CONSUMIDOR

O que muda para o consumidor?

A Casas Bahia informa que “segue operando normalmente em suas lojas físicas e no e-commerce e está trabalhando para preservar a continuidade de suas operações e evitar impactos aos consumidores”. A rede afirma que está “adotando as medidas necessárias para garantir o abastecimento de suas lojas e o cumprimento dos pedidos realizados pelos clientes”. O advogado e professor da FGV Jean Menezes de Aguiar explica que o Código de

Defesa do Consumidor (CDC) continua valendo integralmente. Demetrius Ramos, professor de Direito da Estácio e especialista em Direito do Consumidor, afirma que a recuperação não afeta os consumidores.

Tenho crediário. Preciso continuar pagando as parcelas?

Sim. Quem já recebeu a mercadoria é obrigado a pagar normalmente. A recuperação judicial afeta a empresa como devedora, não como credora. Caso o pedido seja aceito, as

cobranças movidas contra a Casas Bahia ficam suspensas.

Comprei e não recebi o produto. Como fica a minha situação?

Segundo Aguiar, a empresa é obrigada a respeitar a entrega de produtos que já foram vendidos. Compra já paga não pode ser cancelada pela empresa. O advogado pondera que a companhia pode se reestruturar para conseguir atender a todos e pagar credores, e que eventuais prazos diferenciados depen-

derão do que for pedido em juízo e do que o magistrado autorizar. O advogado diz que o consumidor tem o direito de ser informado.

Comprei pela internet para retirar na loja, mas a unidade fechou. E agora?

O consumidor deve procurar outra filial. A empresa como um todo deve explicações ao cliente. Ramos diz que o cliente deve entrar em contato com o SAC e informar a situação. Ele deve ter como opção o cancelamen-

to e o estorno do valor pago. Outra alternativa é a empresa se comprometer a entregar o produto na casa do consumidor ou viabilizar a retirada em outra loja mais próxima.

Meu produto veio com defeito. Ainda posso trocar?

Sim, esse direito permanece.

E a garantia estendida, o vale-troca e o cartão-presente?

Todos continuam válidos. Se a loja

encerrar fisicamente as atividades e o consumidor não tiver a quem reclamar, o direito pode ser buscado na Justiça.

A empresa não cumpriu suas obrigações. O que faço?

Aguiar recomenda tentar primeiro a via extrajudicial, por meio de atendimento da própria loja, Procon e a plataforma consumidor.gov.br, da Secretaria Nacional do Consumidor. Só depois, se não houver solução, ajuizar ação. (Marcos Furtado)

VICTORIA AZEVEDO E BRUNO ROSA
economia@oglobo.com.br
BRASILIA ERO

A descoberta na Margem Equatorial, anunciada na sexta-feira, é um “passaporte para o futuro”, afirmou ontem o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), repetindo o discurso adotado em 2006, na ocasião do pré-sal, em entrevista coletiva transmitida on-line de Oiapoque, no Amapá. No primeiro dia útil da campanha eleitoral, Lula capitalizou o evento da Petrobras, visitando o navio-plataforma com a presidente da estatal, Magda Chambriard.

— Pode chamar isso (mos-trando um frasco de petróleo) de passaporte para o futuro deste país. E quando falo passaporte ao futuro, não estou negando a minha luta para que um dia a gente não precise utilizar combustível fóssil. Porque o país vai continuar sendo o rei da inovação nos biocombustíveis e continuar sendo muito grande na questão do combustível renovável — disse Lula.

Na descoberta do pré-sal e nas discussões em torno do marco regulatório para a sua exploração, Lula, então em seu segundo mandato, repetiu diversas vezes que as reservas seriam um “passaporte para o futuro” e um “bilhete premiado”. Atualmente, o pré-sal responde por mais de 80% da produção de petróleo e gás do Brasil.

ESFORÇO EXPLORATÓRIO

Na sexta-feira, a Petrobras informou ter identificado a presença de hidrocarbonetos em poço exploratório em perfuração no bloco FZA-M-59, em águas profundas do Amapá, na Margem Equatorial brasileira. A presença de hidrocarbonetos significa que foram encontrados indícios de petróleo ou gás natural. Segundo Magda, a perfuração do poço Morpho será concluída dentro de 15 a 20 dias:

— Temos que delimitar essa descoberta e saber quanto de petróleo existe, de fato, nessa área. Temos previstos mais três poços para perfurar nesse bloco e estamos agra-

Lula diz que Margem Equatorial é ‘passaporte para o futuro’

No 1º dia útil da campanha eleitoral, presidente vai ao Amapá para capitalizar descoberta de petróleo pela Petrobras, ecoando discurso do pré-sal, há 20 anos



Evento. Magda Chambriard, Lula e o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, no navio-plataforma que faz a pesquisa exploratória no poço Morpho



“Pode chamar isso (petróleo) de passaporte para o futuro. E quando falo passaporte ao futuro, não estou negando minha luta para que um dia a gente não precise utilizar combustível fóssil”

— **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República

“Temos petróleo, temos descoberta”

— **Magda Chambriard**, presidente da Petrobras

dando a licença ambiental.

Segundo Magda, há outros cinco poços para perfurar em cinco blocos na região:

— O esforço exploratório é gigantesco. Tudo indica que vai ser bom. Temos petróleo, temos descoberta. Não sabemos quanto ainda. Vamos continuar explorando, e o futuro vai dizer quanto o Amapá tem a oferecer. Estamos extremamente otimistas com o que estamos descobrindo.

O avanço da exploração de petróleo na Margem Equatorial, uma área de alta sensibilidade ambiental que vai do litoral do Amapá ao Rio Grande do Norte, é crucial para que a Petrobras consiga manter o seu nível de reservas.

— É uma descoberta relevante, pois mostra a continui-

dade da posição do Brasil e da Petrobras como produtor relevante de petróleo. Hoje, 80% do petróleo é do pré-sal. O pico será em 2034 e 2035. E a partir disso é preciso repor reservas para não perder a posição entre os maiores produtores do planeta. Hoje, somos o sétimo maior produtor — disse a presidente da estatal.

MÁQUINA PARA FECHAR POÇO

Lula lembrou que foi aconselhado por “muita gente” a não anunciar a licença que a Petrobras obteve durante a realização da COP30, em Belém, no ano passado, por causa da preocupação ambiental. Ele disse, no entanto, que decidiu fazer o anúncio antes da COP “porque o que estava em jogo eram os interesses

do país e da nossa empresa”:

— E o direito do Amapá não virar só exportador de açaí ou tucunaré assado.

Também estava presente o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP).

Lula citou ainda as críticas de ambientalistas sobre a exploração no local:

— Todo mundo aqui sabe a polêmica da Margem Equatorial. Pensei que a gente precisava derrubar uma árvore para poder tirar petróleo. E aí fico sabendo que a distância é mais de 500 quilômetros da Foz do Amazonas. E venho para cá, e ando 175 quilômetros de helicóptero, mar adentro, e fui lá ver a gente tirando o petróleo.

O presidente assegurou que a máquina usada na per-

furação é capaz de fechar o poço, caso haja qualquer incidente, fazendo uma comparação com o vazamento de petróleo no Golfo do México, em 2010. Lula falou do tema ao mencionar a máquina chamada de BOP (*blowout preventer*), um sistema de válvulas gigantes instalado na cabeça de poços de petróleo e gás para fechar a passagem de fluidos sob pressão descontrolada, a fim de evitar explosões.

— Hoje eu vi a máquina BOP, é do tamanho de um prédio de seis andares. É uma máquina grande que a gente compra ela e vai pro fundo do mar, onde começa a perfuração. Qualquer incidente que houver, se tiver um vazamento como aquele no Golfo do México, que teve óleo andando no mundo inteiro, essa máquina, a BOP, fecha o poço. Imediatamente — afirmou o presidente.

PLANO DE EMERGÊNCIA

Magda explicou que o poço custa cerca de US\$ 1 milhão por dia. Até agora, foram investidos cerca de US\$ 300 milhões. Sylvia Anjos, diretora de Exploração e Produção da Petrobras, lembrou que faltam mil metros para concluir o poço:

— Com esse resultado, nós já temos condições de definir as posições dos próximos três poços.

A estatal tem hoje 32 blocos na Margem Equatorial.

— Esperamos muitos reservatórios pela frente ao longo dessa jornada. Quanto mais, melhor — afirmou Magda.

Ela ressaltou a preocupação com o meio ambiente, citando que a Petrobras investiu R\$ 150 milhões na segurança ambiental.

— Quando eu falo em cuidado com o meio ambiente, estamos ofertando nesse poço e para essa região o maior Plano de Emergência Individual já visto para perfuração em águas profundas no mundo.

O poço Morpho (1-BR-SA-1405-APS) está localizado a cerca de 175 quilômetros da costa do Amapá, a uma profundidade de 2.886 metros. O Ibama concedeu a licença em outubro do ano passado.

Área pode abrigar mais de um reservatório, afirma geólogo

Especialista cita características do que foi achado nos países vizinhos

BRUNO ROSA
bruno.rosa@oglobo.com.br

A descoberta de petróleo pela Petrobras na Bacia da Foz do Amazonas, ainda sem a conclusão da perfuração de seu primeiro poço, pode indicar a presença de mais de um reservatório, de acordo com o geólogo Pedro Zalan, que estuda a Margem Equatorial desde os anos 1980.

A Margem Equatorial se estende do litoral do Amapá ao Rio Grande do Norte e é formada por cinco bacias sedimentares, entre elas a da Foz do Amazonas, onde a Petrobras identificou a presença de hidrocarbonetos. A região se formou durante a abertura do Oceano Atlântico, a partir da fragmentação do antigo supercontinente Gondwana e da separação entre a América do Sul e a África.

O poço tem profundidade total de 7.081 metros, dos quais 2.886 metros correspondem à lâmina d’água. No início deste mês, Sylvia An-

jos, diretora de Exploração e Produção da Petrobras, informou que faltavam cerca de 500 metros para alcançar o reservatório, etapa que deve ser concluída no fim de agosto ou no início de setembro. Segundo a diretora, a perfuração está na oitava e última fase do projeto.

— Na Margem Equatorial, os sistemas petrolíferos associados a depósitos de águas profundas incluem arenitos turbidíticos, formados pela deposição de sedimentos transportados por correntes submarinas. O reservatório possui a forma de um lençol ou de um canal. Em camadas mais profundas, pode haver outros reservatórios, formados em períodos diferentes. Por isso, há essa possibilidade. O que tudo indica é que, já na parte mais rasa, foi encontrado petróleo em um reservatório. Agora, vamos esperar a conclusão do poço, que pode indicar outro reservatório — explica Zalan.

Segundo ele, o sistema é

diferente do encontrado no pré-sal, onde o petróleo está concentrado abaixo da camada de sal, em reservatórios de natureza predominantemente carbonática e associados a estruturas geológicas específicas:

— O petróleo se encontra distribuído entre vários reservatórios de arenitos turbidíticos, em níveis diferentes, superpostos ou não, apresentando geometrias em formas de lençóis ou canais e com espessuras mais discretas, da ordem de dezenas de metros.

DIFERENTES PROFUNDIDADES

A Margem Equatorial é vizinha às bacias da Guiana e do Suriname, que compartilham uma história geológica semelhante, segundo geólogos. De acordo com a Petrobras, a área mais promissora da região está justamente na Bacia da Foz do Amazonas.

Desde 2015, a Guiana acumulou descobertas que levaram a estimativas de quase 11 bilhões de barris de



Exploratório. A sonda NS42 é usada para perfurar o bloco 59 da Bacia da Foz do Amazonas, na Margem Equatorial

óleo equivalente recuperáveis apenas no bloco Stabroek, operado pela ExxonMobil. No Suriname, descobertas no bloco 58 também confirmaram a presença de reservas.

— Quando se observa toda a região, os estudos indicam, com base na história geológica, que as rochas geradoras podem ter características semelhantes entre os países — diz o geólogo Paulo Moreira, da Universidade Federal da Bahia.

A Guiana não tem campos gigantes como os do pré-sal

brasileiro. Segundo especialistas, a ExxonMobil perfurou vários poços, em diferentes profundidades, no bloco Stabroek, que, no conjunto, representam um volume relevante de petróleo. A exploração começou em 2015, com o primeiro poço, Liza-1, perfurado em uma lâmina d’água de 1.743 metros e que alcançou uma profundidade total de 5.433 metros.

O Liza-2, a 3,3 quilômetros do Liza-1, chegou a 5.475 metros de profundidade, em uma lâmina d’água de 1.692 metros. A 19 quilômetros de

distância do Liza-1, a petroleira perfurou o poço Payara-1, que chegou a 5.512 metros de profundidade, em uma lâmina d’água de 2.030 metros. O poço Ranger-1, por sua vez, alcançou 6.450 metros de profundidade, em uma lâmina d’água de 2.735 metros.

— A descoberta abriu um novo conceito exploratório dentro do próprio bloco Stabroek. A geologia da região ajuda a explicar por que a exploração conseguiu encontrar petróleo em diferentes profundidades — lembra Moreira.



Prévia do PIB: IBC-Br do BC cai 0,6% em junho

Indicador mostra que ritmo da economia vem diminuindo. Especialistas esperam segundo semestre mais fraco, sem os estímulos fiscais da primeira metade do ano, como o pagamento antecipado de precatórios

THAÍS BARCELLOS
thais.barcellos@bsb.oglobo.com.br
BRASILIA

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) registrou queda de 0,6% em junho na comparação com maio, retirados os efeitos sazonais, divulgou a autoridade monetária ontem. O resultado de junho foi determinado pelo recuo de 1,4% na indústria e 0,5% em serviços. Já a agropecuária cresceu 1%: retirados seus efeitos, o IBC-Br teria recuado 0,9% no mês. Frente a junho de 2025, houve aumento de 2,4%.

Com o resultado de junho, o IBC-Br, que é um indicador antecedente do Produto Interno Bruto (PIB), fechou o segundo trimestre com alta de 0,2% ante o primeiro trimestre do ano. No primeiro semestre de 2026, o IBC-Br cresceu 1,5%, mesmo percentual dos últimos 12 meses terminados em junho.

O resultado do IBC-Br de junho mostra a desaceleração da economia que os indicadores setoriais já vêm apresentando. No sexto mês do ano, houve queda expressiva na produção industrial,

de 1,8% ante maio, e recuo de 1% nas vendas do varejo ampliado, enquanto o setor de serviços ficou estagnado.

O arrefecimento da economia é esperado diante dos juros elevados, de 14% ao ano atualmente, considerando a taxa Selic. A expectativa é a de que a desaceleração continue no segundo semestre, sobretudo com a redução dos efeitos dos estímulos fiscais dados pelo governo federal na primeira metade do ano, como a antecipação do pagamento dos precatórios.

ALTA MENOR DO PIB

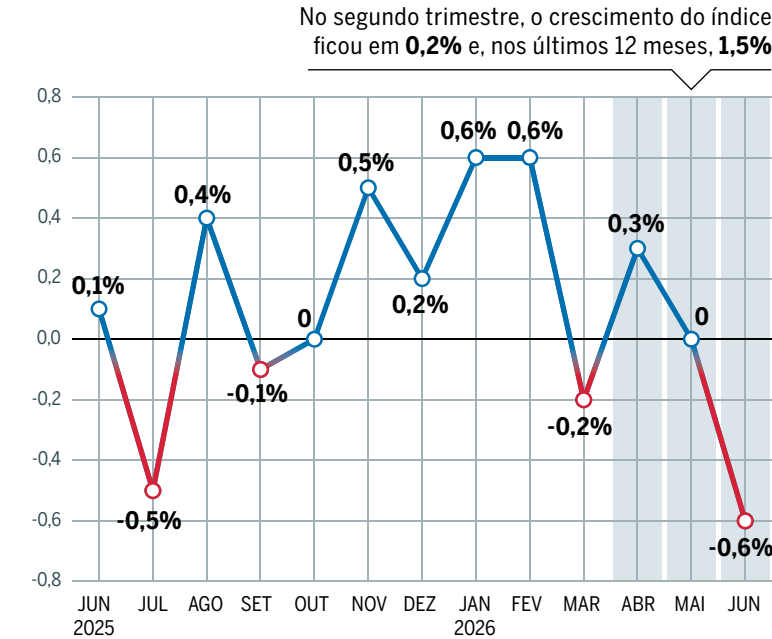
O Banco Central estima que a economia do país deve crescer 2% este ano. Já o governo federal projeta expansão de 2,3%.

Matheus Pizzani, economista do PicPay, avalia que os resultados do IBC-Br ratificam a percepção de desaceleração da economia. Ele destaca que a indústria, que é mais dependente do crédito, tem sido a mais afetada, mas o setor de serviços já começa a dar sinais de desaquecimento.

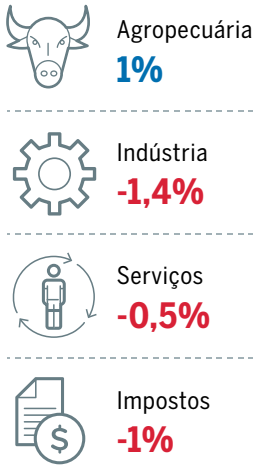
“O cenário do IBC-Br de junho deve refletir em boa

O ritmo da atividade

ÍNDICE DE ATIVIDADE ECONÔMICA DO BANCO CENTRAL (IBC-BR) (COM AJUSTE SAZONAL)



DESEMPENHO POR SETOR EM JUNHO (EM %)



para 2026.”, diz o relatório.

Ao reforçar o quadro de moderação da atividade, o resultado do IBC-Br pode permitir que o Comitê de Política Monetária (Copom) prossiga com o ciclo de cortes de juros na próxima reunião, em setembro, na avaliação de Sara Paixão, analista de macroeconomia da InvestSmart XP. Após quatro quedas consecutivas de 0,25 ponto percentual, a taxa Selic está em 14% ao ano atualmente.

REFORÇA CORTE DE JUROS

“O conjunto dos dados recentes reforça a percepção de moderação da atividade econômica, o que pode abrir espaço para que o Copom dê continuidade ao ciclo de cortes de juros em setembro, mesmo diante de um cenário de inflação ainda pressionada, conforme sinalizado pelas expectativas de mercado.”

Pizzani, do PicPay, espera que o BC mantenha o alívio da Selic até a taxa atingir 13,50%. Para o PIB, a estimativa é de crescimento de 0,4% no segundo trimestre e 1,7% em 2026.

Servidores do IBGE entram em greve no Rio e na Bahia

Calendário de divulgações de indicadores não é afetado, diz sindicato

DIANDERSON PEREIRA*
economia@oglobo.com.br

Servidores do IBGE entram em greve no Rio de Janeiro e na Bahia nesta semana, em meio a uma escalada de conflitos entre a categoria e a direção do instituto, presidido por Marcio Pochmann. O movimento é organizado pelo Sindicato Nacional dos Trabalhadores do IBGE (Assibge) e

contesta uma série de decisões recentes da gestão.

No Rio, a paralisação alcança, segundo o sindicato, duas unidades: a sede do IBGE, que suspendeu as atividades na semana passada, e a Superintendência no estado, que parou ontem. Na Bahia, cerca de 40% do efetivo estão em greve. A estratégia neste momento, segundo o sindicato, é ampliar a mobilização dos servidores e

pressionar a direção do instituto a retomar as negociações. Apesar da paralisação, o sindicato afirma que, até o momento, não há indicativo de suspensão ou adiamento das divulgações estatísticas previstas pelo IBGE.

Entre os principais pontos de insatisfação estão mudanças nas regras de trabalho dos servidores que ingressaram no último concurso, alterações



Condições de trabalho. Sindicato denuncia mudanças na remuneração

na progressão da carreira e mudanças na remuneração da indenização de campo. Há também questionamentos sobre as condições físicas das

unidades e decisões relacionadas à estrutura tecnológica do instituto.

O sindicato relata problemas de infraestrutura, como

falta de internet e energia, mobiliário inadequado e espaços considerados insuficientes para o trabalho presencial.

A direção do IBGE, procurada, disse que “segue funcionando normalmente e cumprindo seu Plano de Trabalho.” A direção do instituto afirmou que “mantém diálogo permanente com seus servidores, sempre nos espaços institucionais adequados”. A direção diz que as medidas questionadas pelo sindicato são para “assegurar a modernização institucional, o fortalecimento das carreiras e a adequada organização do trabalho”.

*Aluno do curso Futuro do Jornalismo, sob supervisão de Danielle Nogueira

Criação de abelhas vira fonte de renda nas cidades

Sem ferrão, as colmeias se adaptam às áreas urbanas. Cursos e consultorias atraem cada vez mais produtores

A PALAVRA DO CAMPO
GOBORURAL
CLEYTON VILARINO
economia@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Uma atividade tipicamente rural, a criação de abelhas tem ganhado o meio urbano com a adesão crescente de criações de espécies nativas sem ferrão mantidas em pequena escala por pessoas que viram, no inseto, um possível hobby ou também uma fonte de renda extra. As colmeias, mantidas em ambiente quase hostil para um animal tão delicado, reúnem histórias de paixão pela atividade que, aos poucos, abriram portas para novos empreendimentos baseados na meliponicultura.

—Agente chama popularmente de abelha sem ferrão, mas falo que essas abelhas possuem uma ferroada invisível que a gente toma emocionalmente —diz o apicultor Anderson Magalhães, de

Ribeirão Preto (SP).

A primeira “picada” ocorreu quando ele ainda tinha 12 anos, no momento em que viu um enxame mantido pelo pai de um amigo:

— Depois que a gente é “ferroado” por uma abelha sem ferrão, a gente se apaixona por elas.

Hoje com 37 anos e mais de 600 colmeias em produção em parceria com agricultores da região de Ribeirão, ele chegou a criar 120 colônias de abelhas de 36 espécies diferentes em plena área urbana da cidade, que é a oitava mais populosa do estado.

A primeira caixa, da espécie Iraí, é mantida até hoje na casa da sua avó. Com a experiência adquirida na atividade, ele passou a dar consultorias e atesta o fenômeno: o principal público interessado na criação de abelhas sem ferrão está na cidade.

— Muita gente quer justa-

mente ter abelha em área urbana porque acaba sendo como um pet e não tem tanto trabalho quanto um cachorro ou um gato —compara Magalhães.

Em São Carlos, no interior paulista, a bióloga Juliana Massimino Feres também iniciou a sua criação na cidade. Embora tenha estudado polinizadores durante a pós-graduação, foi o nascimento do seu filho e a queda de uma colmeia que havia na casa dos seus avós, em 2014, que a levou a ter sua primeira produção própria de mel:

— É uma atividade que combina muito com a maternidade e com a restauração de ecossistemas, que era no que eu já trabalhava.

Ela chegou a ter 50 caixas de abelhas em área urbana. Da paixão pelas melíponas, veio a inspiração para um projeto de incentivo à meliponicultura entre mulheres de pequenas



Mel urbano. A bióloga Juliana Massimino chegou a ter 50 caixas de abelhas em São Carlos

propriedades e na área urbana. Recentemente, a bióloga criou sua própria marca de mel, a Eborá, e a atividade já responde por 30% de sua renda.

Em Jaboticabal, também no interior de São Paulo, o

meliponicultor Gustavo Sinalchi mantém quatro apiários em área urbana e um em área rural. Ele vê desafios nos dois ambientes:

— O ambiente urbano tem floradas de melhor qualidade, mas é um desafio, por

exemplo, por conta da aplicação de inseticidas.

Muitas vezes, os inseticidas são aplicados pela própria prefeitura para o controle de mosquitos transmissores da dengue e outras doenças. No entanto, essas pulverizações podem levar à perda de enxames inteiros.

CURSO NA EMBRAPA

O interesse urbano pela criação de abelhas surpreendeu a equipe da Embrapa Meio Ambiente quando a unidade lançou seu primeiro curso on-line sobre o tema, ainda na pandemia.

— As pessoas estavam com essa necessidade de ficar em casa, sem circular, e acharam na criação de abelhas uma atividade possível de ser executada naquele momento — diz o pesquisador Cristiano Menezes, responsável pelo curso.

Segundo ele, a demanda levou a uma reedição do curso, com uma abordagem voltada para esse público da cidade, visando responder a questões e desafios específicos da meliponicultura urbana. Ao todo, 15 mil pessoas já se inscreveram no curso.

CVM processa presidente do Banco do Brasil por excesso de otimismo

Declarações de Tarciana Medeiros e seu vice-presidente incentivando compra de ações foram feitas após críticas de investidores quando o lucro do segundo trimestre de 2025 caiu 60% frente a 2024

CAPITAL

RENNAN SETTI
rennan.setti@oglobo.com.br

A presidente do Banco do Brasil, Tarciana Medeiros, será notificada nos próximos dias de que é alvo de um novo processo da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que fiscaliza o mercado financeiro, apurou a coluna Capital. O processo é do tipo sancionador — ou seja, com acusação formulada e que vai a julgamento pelo colegiado, caso a executiva não faça uma proposta de acordo ao órgão.

Tanto Tarciana quanto o vice-presidente de Relações com Investidores do Banco do Brasil, Marco Geovanne Tobias, são acusados em processo sobre a violação do artigo 15 da Resolução 80 da CVM. O artigo afirma que “o emissor deve divulgar informações verdadeiras, completas, consistentes e que não induzam o investidor a erro”.

RESULTADOS DE 2025

Na avaliação da área técnica da CVM, a infração ocorreu porque os executivos, supostamente, deram “declaração excessivamente positiva, podendo induzir o investidor a erro”.



LUCAS TAVARES 30/04/2025

Sem intenção. Tarciana Medeiros, presidente do BB, ao responder ao primeiro questionamento da CVM, disse que falas não tiveram a intenção de influenciar decisões

Em nota enviada à coluna, o Banco do Brasil disse que “prestará os esclarecimentos à CVM tão logo tenha acesso à íntegra do processo e ressalta que a empresa e seus executivos atuam com base na transparência, diligência, responsabilidade e diálogo com todos os públicos de relacionamento.”

Em agosto do ano passa-

do, o Banco do Brasil teve de se explicar à CVM a respeito de declaração de Tarciana na videoconferência de resultados do segundo trimestre de 2025. Na ocasião, a presidente disse, a respeito das ações do banco: “Tenho um recado para o investidor: quem tem ação do BB, mantenha; quem não tem, compre.”

Já Tobias afirmou que “o

ciclo vai passar e vamos retomar o patamar de rentabilidade que a gente tinha, então é um excelente momento de entrada”, também em referência às ações do banco na Bolsa.

TOMBO NO LUCRO

Na ocasião, os executivos estavam respondendo às críticas de investidores depois de o Banco do Brasil re-

portar lucro ajustado de cerca de R\$ 3,8 bilhões para o segundo trimestre daquele ano, um tombo anual de 60% e o patamar mais baixo registrado desde 2020.

Analistas atribuíram o resultado decepcionante ao aumento da inadimplência e à piora generalizada na qualidade da carteira de crédito.

Desde as declarações

dos dois executivos do banco estatal, as ações do Banco do Brasil acumulam queda de mais de 14% na B3. No mesmo período, o Ibovespa, principal índice da Bolsa brasileira, acumula valorização de mais de 20%.

Aquelas declarações de Tarciana e Tobias acenderam o alerta dos técnicos da CVM ainda no ano passado, e o órgão enviou ofício à companhia cobrando explicações.

Após o questionamento da Comissão, o banco afirmou que a declaração deve ser interpretada “dentro do contexto de todo o evento de divulgação do resultado, evitando-se leituras isoladas ou simples destaques de manchetes”.

JULGAMENTO SEM DATA

O banco também afirmou que as falas da presidente não tiveram intenção de influenciar decisões de investimento e foram baseadas em informações já públicas.

O processo aberto pela CVM é o primeiro contra Tarciana Medeiros no órgão. A peça acusatória foi assinada no último dia 10, e os acusados devem ser oficialmente citados nos próximos dias. O processo ainda não tem relator nem data de julgamento escolhidos. Os executivos ainda vão apresentar suas defesas e, eventualmente, propor um termo de compromisso para encerrar o processo em troca do pagamento de uma quantia à Comissão.

Este texto foi originalmente publicado na coluna de negócios Capital, no site do GLOBO: blogs.oglobo.globo.com/capital

Durigan: ter ‘juros civilizados’ é caminho para o fiscal

Ministro da Fazenda disse que o controle das contas públicas é onde o governo pode atuar para contribuir com a queda das taxas

JOÃO SORIMA NETO
joao.sorima@sp.oglobo.com.br
SÃO PAULO

O ministro da Fazenda, Dario Durigan, disse ontem que ter “juros civilizados” é um dos caminhos para discutir a questão fiscal no Brasil, assim como a oferta de crédito. Para ele, os juros são o principal problema do país. Durigan participou da abertura da 27ª Conferência Anual do Santander, que acontece em São Paulo.

O ministro afirmou que se trata do “desafio do custo do dinheiro”, tanto para o Tesouro, que emite e vende títulos públicos, quanto para a sociedade. Ele defendeu que a política fiscal é uma das frentes em que o governo tem maior capacidade para atuar e melhorar as condições econômicas, contribuindo para a queda dos juros.

— Nós vamos ter que endereçar a questão dos juros. Ainda que a gente considere uma série de medidas que explicam ou justificam o juro alto, o que está mais no controle do Estado é a condição fiscal. É a trajetória fiscal que tem que continuar sendo aperfeiçoada — disse ele, defendendo que o país tenha a mesma intelecância com os gastos excessivos que teve no passado com a alta da inflação.

Ele disse que o governo espera colaborar para reduzir os juros, além do prêmio de

risco do país:

— Como fizemos um ajuste de aproximadamente dois pontos percentuais do PIB nesta gestão, esse desafio precisa ser replicado daqui para a frente. E, ao demonstrar que nós vamos fazer isso, eu espero que a gente avance para a etapa de redução da taxa de risco.

Durigan tem conversado com o mercado financeiro e investidores para explicar que o ajuste das contas públicas não ficará para o próximo mandato.

— É dar essa tranquilidade, na linha do que já enviamos para o Congresso. Se pegarmos todas as Leis de Diretrizes Orçamentárias desde 2023, temos projetado um caminho para o superávit fiscal, desde sempre — afirmou o ministro, que disse que o governo vai perseguir a trajetória de resultado fiscal prevista no Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO). Ele continuou:

— Nós praticamente zera-

GATILHOS NO GASTO

O esforço que o ministro citou não foi suficiente para reduzir a trajetória da dívida pública brasileira, que subiu dez pontos percentuais no terceiro mandato do presidente Lula. A dívida representava 71,7% do Produto Interno Bruto (PIB) no fim de 2022 e chegou a 81,9%



BRENNNO CARVALHO/6-4-2026

Controle de gastos. O ministro da Fazenda, Dario Durigan, afirmou que o governo “praticamente zerou o déficit público”

Projeção de inflação em 2027 sobe

> O Boletim Focus, pesquisa do Banco Central com mais de cem instituições financeiras, divulgado ontem, mostrou que o

mercado espera uma inflação maior em 2027 do que projetava uma semana antes.

> A previsão para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do IBGE, para o ano que vem, subiu de 4,22% para 4,24%.

> Para este ano, a projeção ficou estável em 5,02%.

> A estimativa para a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano se manteve em 1,98%, mas houve nova queda na projeção do PIB para 2027, que

há quatro semanas vem sendo reduzida pelo mercado: passou de 1,52% para 1,50%.

> O mercado não mudou a projeção para a Selic este ano, confirmando o número da semana anterior de 13,75% ao ano.

em junho deste ano.

O ministro acrescentou que o governo colocou duas travas “importantíssimas” para o crescimento dos gas-

tos obrigatórios, que devem ter um impacto de R\$ 10 bilhões em 2027 e crescente nos próximos anos.

— Precisamos conter o

crescimento dos gastos obrigatórios e estamos fazendo isso. Semana passada embutimos na legislação nacional duas travas impor-

tantíssimas. O caminho está muito bem pavimentado, não minimizando os problemas que temos.

Ele se referiu à retirada da receita da comercialização de petróleo do pré-sal do cálculo da Receita Corrente Líquida (RCL) à qual a despesa da saúde está vinculada, se houve déficit primário (receita menos despesa antes do pagamento dos juros da dívida pública) no ano anterior. Também vinculou o crescimento das verbas de fundos como o do Distrito Federal ao limite do arcabouço fiscal, de expansão de 0,6% até 2,5%.

Durante sua fala no evento, Durigan apontou o Brasil como um “porto seguro” energético, fiscal e institucional.

— Com o choque do petróleo, um país que tem os potenciais que nós temos, a matriz de energia elétrica, a entrada dos biocombustíveis, a força da Petrobras, a possível descoberta de óleo na margem equatorial... o Brasil é uma força energética.

DEMANDA AQUECIDA

No mesmo evento, o presidente do Banco Central, Gabriel Galipolo, afirmou que há “diversos indicadores” que demonstram um crescimento puxado pela demanda e resultam em pressão inflacionária:

— Eu acho que o que explica o ciclo da política monetária está muito mais relacionado com questões endógenas, com questões internas mesmo.

Ele disse que o papel do Banco Central é colocar os juros em patamar contracionista para tentar reequilibrar a oferta e demanda.

Startups de inteligência artificial entram em uma guerra de preços

Custo competitivo das chinesas leva gigantes americanas a reduzirem suas margens, mas corte não atinge modelos de ponta

BRUNO ROMANI
bruno.romani@edglobo.com.br
SÃO PAULO

Apesar do altíssimo custo de infraestrutura para empresas americanas de inteligência artificial (IA), parece que os modelos abertos chineses tiveram o efeito que se imaginava: o início de uma guerra de preços na tecnologia. Nos últimos dias, o Google, a Anthropic e, principalmente, a OpenAI mostraram disposição para brigar pelo valor do token — os pedacinhos de palavras processados por IA, que são usados também como unidade de cobrança para programadores e empresas.

A OpenAI anunciou corte de 80% no preço do GPT 5.6 Luna, o menor e mais rápido da família, e de 20% no GPT 5.6 Terra, o intermediário da série. No lançamento, o Luna custava US\$ 7 por milhão de tokens processados na entrada e na saída — o valor agora é US\$ 1,40. Isso coloca o modelo da empresa de Sam Altman em competição direta com os modelos

chineses. O DeepSeek V4 Flash, o mais barato do mercado, sai por US\$ 0,42 na mesma combinação.

A QUESTÃO DO TOKEN

No entanto, não é só o valor da tabela que importa. Ao lançar o Gemini 3.5 Flash Lite, o Gemini 3.6 Flash e, mais recentemente, o Gemini 3.7 Flash, o Google vem enfatizando que seus modelos consomem menos tokens — o 3.6 é 17% mais econômico na saída e pode ser até 65% menos glutão em tarefas de longo prazo. Com o 3.7, a companhia diz que conseguiu melhorar o planejamento do modelo para que seja mais preciso nas respostas, o que exige menos retrabalho e gera mais economia. Até o final do ano, o 3.7 também estará em promoção, disponível por 50% do preço.

A Anthropic, por sua vez, tem repetido que entrega mais inteligência por menos. O modelo Opus 5 chegou ao mercado pelo mesmo valor de seu

antecessor, o Opus 4.8. Além disso, a companhia cancelou o aumento de preço do Sonnet 5 previsto para setembro — ele continuará custando US\$ 12 por milhão de tokens processados na entrada e na saída. É um custo inferior ao do GPT 5.6 Terra, da OpenAI. A disputa entre as rivais está escancarada.

Os efeitos dessa “batalha” começam a ser sentidos no mercado. De acordo com a firma de consultoria Silicon Data, entre 6 e 8 de agosto o preço de inferência (o termo usado quando um modelo responde a você) chegou ao menor patamar do ano, variando entre US\$ 1,16 e US\$ 1,18 por milhão de tokens processados. Em maio, esse valor era de US\$ 2,04. Ou seja, uma queda superior a 40%.

Os modelos chineses são os principais “culpados”, já que a maior parte das empresas e dos programadores, inclusive no Brasil, percebeu que não compensa pagar por IAs caríssimas



Concorrência. Quadro mostra as IAs mais populares na China: as americanas sentiram a chegada dos modelos baratos

quando um rival chinês mais simples resolve os mesmos problemas.

É possível também que a OpenAI esteja com maior presença no mundo corporativo e com novas fontes de receita, o que pode aumentar a margem para descontos — na semana passada, a agência de notícias Bloomberg informou que a receita da companhia dobrou em relação a 2025, chegando a US\$ 40 bilhões.

INFRAESTRUTURA E DEMANDA

Há, porém, um detalhe interessante: embora estejam “descendo para o play” com as rivais chinesas, as gigantes americanas estão protegendo as margens de seus modelos mais avançados. Tanto a OpenAI quan-

to a Anthropic decidiram não remarcar os preços do GPT 5.6 Sol ou do Fable 5, mesmo com o Kimi K3 apresentando um desempenho bem semelhante ao deles. Um pequeno corte no valor desses modelos poderia levar a uma batalha total dos preços, concretizando a profecia de que a IA é uma commodity.

Por outro lado, as chinesas estão sentindo pressão na infraestrutura como consequência de sua popularidade. Segundo dados da Artificial Analysis, empresas como DeepSeek, Zhipu AI, MiniMax e Moonshot já estão cobrando mais por novos modelos em comparação com aqueles lançados no começo deste ano. A família GLM 5 chegou em fe-

vereiro custando US\$ 4,20 por milhão de tokens na entrada e na saída, e o GLM 5.2 já sai por US\$ 5,80. No começo do mês, a DeepSeek enviou um aviso aos clientes de que o V4 passará por um aumento significativo de preço e que os orçamentos precisarão ser reajustados.

Ou seja, todas as companhias do setor estão apertadas entre o peso da infraestrutura, a demanda global e a alta fragmentação de rivais dispostas a brigar. Daqui em diante, o preço da IA será uma batalha duríssima.

APONTE O CELULAR PARA O QR CODE A FIM DE ASSINAR A NEWSLETTER OK, COMPUTER

OpenAI cresce no Brasil de olho no mercado corporativo

Empresa americana inaugura operação de negócios no país, o terceiro maior a usar o ChatGPT e o principal na criação de imagens

SÃO PAULO

Após o Brasil se tornar o terceiro maior país a usar o ChatGPT, a OpenAI inaugurou oficialmente a sua operação de negócios em território brasileiro. O objetivo é ampliar sua presença não apenas entre usuários comuns do chatbot, mas também entre empresas, instituições, governos e setor publicitário, enquanto a companhia se prepara para a sua oferta inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) em Nova York. Entre os desafios da OpenAI estão a intensa competição dos modelos chineses e o cenário geopolítico que atualmente opõe o governo brasileiro à Casa Branca.

A OpenAI tem presença oficial no Brasil desde 2024, quando a companhia contratou o primeiro funcionário para monitorar a região. Desde então, abriu escritório e passou a ampliar as áreas jurídicas e de comunicação. Paralelamente, o país mostrou grande potencial de negócios para a empresa. Ontem, a OpenAI revelou que os brasileiros trocam 215 milhões de mensagens por dia com o ChatGPT e que o país é o maior usuário do ChatGPT Images, que faz criação de imagens sintéticas. A operação de negócios visa aprofundar isso.

— O mais empolgante não é apenas a magnitude da adoção. É a criatividade e a energia por trás do que está acontecendo. O Brasil conta com uma comunidade extraordinária de empreendedores, empresas e desenvolvedores que estão encontrando maneiras incríveis de colocar a

IA em prática e criando no Brasil, para o Brasil. Estamos aqui para assumir um compromisso de longo prazo de trabalhar ao lado do ecossistema brasileiro — afirmou Sam Altman, CEO da OpenAI, em mensagem em vídeo para jornalistas.

A empresa vai financiar bolsas de pesquisa para o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa) e para o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Além disso, vai fornecer o ChatGPT Education para o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e realizar um programa nacional de fluência em IA para pequenas empresas com a Estímulo e com a Enter, unicórnio do setor jurídico.

A OpenAI ainda assinou um memorando de entendimento com a cidade de São Paulo, por meio da Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação do município (ProdAm), para implantar a tecnologia do ChatGPT diretamente no governo municipal.

DIVERSIFICAÇÃO DE RECEITAS

A necessidade de ir além dos usuários comuns é altíssima, e a companhia vive uma dura batalha com a Anthropic para conquistar clientes corporativos. A OpenAI iniciou 2026 de maneira conturbada, com a saída de alguns diretores, e viu a rival pular à frente tanto em valor de mercado (US\$ 965 bilhões, contra US\$ 852 bilhões) quanto em receita (US\$ 47 bilhões, contra US\$ 25 bilhões). No entanto, a empresa de Altman reorgani-



Integração. “Queremos trabalhar mais de perto com o ecossistema” brasileiro, assegura Oliver Jay, da OpenAI

“Estamos aqui para assumir um compromisso de longo prazo de trabalhar ao lado do ecossistema brasileiro”

Sam Altman, CEO da OpenAI

zou seus esforços em torno da ferramenta corporativa Codex e viu seus números melhorarem — segundo a agência de notícias Bloomberg, a OpenAI já tem uma receita anualizada superior a US\$ 40 bilhões, o dobro do registrado no fim de 2025.

A companhia não fala qual será o seu principal pilar de receita no Brasil — além do consumidor final e do setor corporativo, a OpenAI está começando a exibir anún-

cios publicitários no ChatGPT. Em resposta ao GLOBO, Jason Kwan, diretor de estratégia da empresa, explicou que estão olhando para todas as fontes de receitas possíveis no país.

— Ainda é muito cedo. O que a gente sempre tem como foco principal não é tanto a composição da receita em um país específico, mas sim se estamos agregando. Enquanto estivermos fazendo isso, a receita virá naturalmente com o tempo. Essas três áreas (consumidor final, corporativo e anúncios) são aquelas nas quais estamos investindo — afirmou Kwan.

A diversificação de receitas será um trunfo importante, já que a companhia pretende fazer seu IPO a partir de outubro. Com os elevados investimentos em infraestrutura, a OpenAI já percebeu que não pode depender apenas das assinatu-

ras do ChatGPT. O mercado estima que 80% da receita da rival Anthropic venha do mundo corporativo.

Em maio, a criadora do ChatGPT lançou uma divisão que funcionará como uma consultoria para empresas interessadas em turbinar seus processos com a IA. A iniciativa tem um investimento inicial de US\$ 4 bilhões.

DISPUTA COM OS CHINESES

A divisão de negócios deve ajudar a OpenAI a disputar território mais intensamente com os modelos de IA chineses. Programadores e empresas brasileiras passaram a substituir os modelos americanos, que são mais caros, por aqueles de rivais como DeepSeek, Qwen, GLM e Kimi. A “falta de fidelidade” dos programadores, que migram para onde há melhor custo-benefício, é algo que estará no radar da companhia.

— É um grande motivo para aprofundarmos nossa presença aqui. Queremos trabalhar mais de perto com o ecossistema (brasileiro) para que possamos receber esse feedback. O ChatGPT Go, que tem preço mais acessível, foi inspirado por aquilo que ouvimos em mercados em desenvolvimento. Quando pensamos no Codex e nos nossos modelos de ponta, estamos abertos também — explicou Oliver Jay, vice-presidente de Estratégia e Operações Internacionais da OpenAI.

Recentemente, a empresa anunciou uma redução de 80% no preço do GPT 5.6 Luna, o menor e mais rápido da família, e de 20% no GPT 5.6 Terra, o intermediário da série. Agora, o trabalho em solo brasileiro pode ajudar a OpenAI a definir preços específicos para o mercado local.

Em relação ao contexto geopolítico global, no qual o governo brasileiro vive um distanciamento da Casa Branca, os executivos da OpenAI tentaram amenizar as tensões, dizendo que isso não deve ser um obstáculo para as relações entre a criadora do ChatGPT e as empresas brasileiras. Kwan garantiu que não deve se repetir um incidente como o lançamento do Fable 5, da Anthropic, que inicialmente foi proibido, pelo governo Donald Trump, de ser disponibilizado para outros países.

— No que diz respeito ao acesso aos modelos, nossa capacidade de trabalhar com o governo tem sido bastante positiva — afirmou Kwan. — As autoridades já estão mais a par de como devem encará-lo de acesso aos modelos. Não acho que seja interesse dos Estados Unidos restringir essa tecnologia. Eles estão muito interessados em garantir que o uso dela seja amplo em todo o mundo. (Bruno Romani)

GUERRA SEM FIM

Ameaça de Trump a Omã evidencia limites da estratégia dos EUA no Oriente Médio

WASHINGTON

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaçou ontem bombardear Omã —aliado de Washington localizado no Golfo Pérsico, na margem ocidental do estratégico Estreito de Ormuz — caso o país “se intrometa” no acordo almejado pelos americanos com o Irã sobre a via navegável. A ameaça ocorre em um momento em que os dois países do Oriente Médio estão envolvidos em negociações sobre a rota de navegação na região, que passa por águas reivindicadas como territoriais por ambos. A declaração acontece ainda no mesmo dia em que expirou o prazo de 60 dias para os EUA e o Irã chegarem a um acordo para pôr fim ao conflito e limitar o programa nuclear iraniano — oficializando o fim de um cessar-fogo que já vacilava e evidenciando a frustração de Trump

diante da dificuldade de encerrar uma guerra que ele iniciou e que já se arrasta há mais de cinco meses.

— Se Omã se intrometer, vamos bombardeá-los e destruí-los — disse o presidente americano ao jornalista da Fox News Trey Yingst, referindo-se às negociações em andamento entre os dois países.

REAÇÃO IMPULSIVA

Segundo Yingst, Trump ameaçou o ataque caso Mascate interfira no bloqueio americano a portos iranianos no Golfo Pérsico, cuja entrada é por Ormuz. O republicano afirmou que a medida — imposta, por sua vez, em retaliação ao bloqueio estabelecido por Teerã desde o início do conflito — está pressionando a República Islâmica, mas, na mesma entrevista, disse não ter pressa para chegar a um acordo — um contraste com a promessa inicial de encerrar rapidamente a guerra.

Não foi a primeira ameaça contra Omã. Em junho, o Wall Street Journal informou que a administração americana havia ameaçado impor sanções e bombardear o aliado após avaliações de inteligência indicarem que o país poderia se juntar ao Irã na cobrança de pedágios de embarcações em Ormuz. Mascate negou repetidamente que tivesse planos nesse sentido.

— Acredito que, no fundo, suas ameaças contra Omã sejam apenas reflexo de sua frustração com a situação que ele mesmo criou, na qual não dispõe de boas opções — disse ao New York Times Nate Swanson, do Atlantic Council. — Ele está reagindo de forma impulsiva e, desta vez, Omã acabou entrando na mira.

A disputa em torno do controle da via naval — com os bloqueios impostos pelo Irã e pelos EUA na região — afetou o abastecimento de petróleo em todo o mundo e se tornou

um dos maiores ônus da guerra para Trump, em meio às fracassadas tentativas de estabelecer uma trégua e avançar nas negociações. O primeiro ataque, ainda em fevereiro, rompeu um processo diplomático entre os países que era mediado por Omã.

IMPASSE SOBRE ORMUZ

Com o impasse nas negociações, a tensão militar em Ormuz permanece. Na semana passada, forças americanas abriram fogo contra um navio de bandeira panamenha que tentou furar o bloqueio dos portos iranianos imposto por Washington — uma intensificação da fiscalização da hidrovia enquanto os EUA tentam pressionar economicamente o regime iraniano.

Ao mesmo tempo, forças iranianas continuam atacando navios que atravessam a via sem autorização de Teerã. No início da guerra, os EUA respondiam a esses ataques atin-

gindo alvos iranianos ao longo do estreito, mas Washington passou a evitar novas retaliações, o que tem provocado frustração entre alguns de seus aliados do Golfo.

— O aspecto trágico é que os EUA estão lutando desesperadamente para tentar retornar à situação do Oriente Médio anterior ao início da guerra — afirmou ao New York Times Justin Logan, diretor de estudos de defesa e política externa do Cato Institute.

A afirmação do secretário de Defesa americano, Pete Hegseth, de que os EUA podem manter indefinidamente o bloqueio naval do Estreito de Ormuz também sinaliza a dificuldade de Washington de encerrar o conflito.

Passados mais de cinco meses do início da guerra, cada expectativa de avanço diplomático foi seguida de retrocesso. Um diálogo entre Washington e Teerã foi estabelecido via mediação do Paquistão, com

SAMUEL CORUM/GETTY IMAGES VIA AFP/16-8-2026

Em meio à guerra, Trump caminha após pouso do helicóptero Marine One em aeroporto em Nova Jersey



ANÁLISE

Aceno de presidente americano a Kim Jong-un pressiona aliança com Seul

PYONGYANG, SEUL E WASHINGTON

Militares americanos e sul-coreanos enxergavam seus exercícios anuais na Coreia do Sul como mais importantes do que nunca, com os riscos potenciais provenientes da Coreia do Norte aumentando dramaticamente à medida que adquiriram experiência de combate com drones e guerra moderna ao enviar tropas para apoiar a Rússia na guerra contra a

Ucrânia. O exercício conjunto mal havia começado ontem quando o presidente americano, Donald Trump, prometeu reduzir o escopo do treinamento, desferindo mais um golpe na aliança de sete décadas com Seul — e projetando nova dúvida sobre a capacidade de Washington se comportar como um parceiro confiável no cenário internacional. “Não estou feliz com o fato

de os EUA terem, há muito tempo, concordado em participar de Exercícios Militares Conjuntos com a Coreia do Sul”, escreveu na Truth Social, classificando os exercícios como “não apenas caros”, mas também “totalmente inadequados e hostis” em relação à Coreia do Norte.

Se implementada, a diretriz representaria a primeira iniciativa concreta de Trump em direção à Coreia do Norte no segundo mandato, após a aproximação durante a primeira passagem pela Casa Branca — quando cancelou unilateralmente ou reduziu importantes exercícios militares com Seul, o que ajudou a viabilizar três encontros com o ditador Kim Jong-un.

A Coreia do Norte é agora um Estado nuclear, fortalecido por linhas de sobrevivência econômica e influência diplomática de Moscou e Pequim. Embora Kim tenha observado que mantém “uma boa lembrança” de Trump, enfatizou que a Coreia do Norte só retomaria negociações com Washington se os americanos abandonassem a exigência de desnuclearização.

Mesmo que o impasse sobre o tema nuclear não seja superado e que o cenário de aproximação seja diverso, isso não impede que as declarações de Trump sejam bem recebidas em Pyongyang, enquanto atraem a desconfiança dos aliados. Em suas publicações, Trump descreveu a Coreia do

Norte como “não ameaçadora e respeitosa”, ignorando o tratado de defesa mútua com Moscou, que resultou no envio de tropas e armas para apoiar a guerra da Rússia contra a Ucrânia.

— A declaração é alarmante para aliados, que vêm observando o regime norte-coreano aprimorar constantemente suas capacidades de mísseis e nucleares — disse Emma Chanlett-Avery, vice-diretora do Asia Society Policy Institute.

Com o início da guerra contra o Irã, os americanos retiraram parte dos interceptadores de mísseis estacionados na Coreia do Sul, a fim de reposicioná-los na região do Golfo. Agora, a fala de Trump pro-

outros atores da região, como Egito e Catar, participando de tentativas de aproximação. Em junho, Washington e Teerã chegaram a um memorando de entendimento que deveria abrir caminho para uma trégua mais duradoura, mas o acordo rapidamente desmoronou em meio a divergências sobre sua redação. Tanto Trump quanto autoridades iranianas já afirmaram que o entendimento está, na prática, morto.

PRAZO EXPIRADO

Enquanto Trump tenta apresentar justificativas sobre a decisão que o colocou em uma guerra da qual não consegue sair, o governo iraniano parece se sentir fortalecido depois do baque inicial. Medidas adotadas nos últimos meses indicam que a nova liderança se prepara para um confronto de duração indefinida com os EUA e, ao mesmo tempo, capaz de conter a dissidência interna entre os iranianos que sofrem o impacto econômico do conflito.

Ontem, expirou sem entendimento o prazo estabelecido pelos países para a finalização de um acordo de paz, enquanto drones iranianos bombardeavam o gabinete do primeiro-ministro do Curdistão iraquiano, Masrour Barzani, segundo autoridades locais.

Na entrevista à Fox News, Trump procurou demonstrar paciência, dizendo que “não tinha pressa” para fechar um acordo, ao mesmo tempo em que sustentava que seu objetivo central continuava sendo impedir que o Irã possuísse armas nucleares.

Para Swanson, com a demora em se chegar a um acordo, Trump eventualmente poderia se distanciar completamente da guerra e pedir a aliados do Golfo que se envolvam mais na questão de Ormuz.

— Fico imaginando se, em algum momento, seja por escolha ou por incompetência, nós simplesmente vamos fechar os olhos para a situação e deixar que o Golfo resolva o problema — disse ao New York Times.

vavelmente terá efeitos na política doméstica sul-coreana, onde conservadores e progressistas mantêm uma disputa.

— Os conservadores, em particular, verão a aliança se transformar em um zumbi, perdendo consideravelmente seus antigos objetivos estratégicos sob Trump — disse Lee Byong-chul, analista do Institute for Far Eastern Studies, em Seul.

A fala também deve repercutir mal entre aliados europeus, em um momento em que a Coreia do Norte já se consolidou como um importante aliado de Moscou, enquanto a hostilidade da Rússia sobre o território europeu da Otan aumenta.



TER _ Marcelo Ninio _ QUI _ Guga Chacra

MARCELO NINIO



© sino.sfera X MarceloNinio
internacio@oglobo.com.br



O cavalo de Troia entre EUA e China

Em dois movimentos, num intervalo de 48 horas, o governo de Donald Trump voltou a apontar o tabuleiro principal de seu jogo geopolítico. Na terça, um vídeo do Departamento de Estado afirmou que “o domínio americano no Hemisfério Ocidental nunca mais será questionado”. Em seguida, um relatório da Casa Branca acusou mais de 40 países, entre eles o Brasil, de

fazer parte de um “golpe” para burlar tarifas de importação. O que há em comum é que ambos têm a China como alvo. Narrado pelo embaixador americano no Panamá, Kevin Cabrera, o vídeo de cinco minutos escancara o desejo de reafirmar os EUA como “potência imperial” dominante na América Latina. A China não é mencionada, mas, no contexto atual de rivalidade, está claro que o objetivo maior é frear sua penetração no continente. O plano vem tendo resultados. Por trás do pêndulo político que levou a direita ao poder em vários países latino-americanos, um dos fatores é a pressão americana — em detrimento aos interesses chineses. O caso do Peru chama especial atenção, por atingir o mais importante investimento chinês em infraestrutura no continente, o megaporto de Chancay. Inaugurado em 2024, com direito a tapete vermelho para a presença no país do presidente da China, Xi Jinping, Chancay tem sido motivo de intenso debate político e jurídico no Peru. Em julho, um tribunal de Lima reverteu uma decisão anterior que restringia a capacidade do Estado de fiscalizar as operações no porto, de-

pois de alertas do governo Trump de que o Peru estava abrindo mão de sua soberania. Com aporte de US\$ 1,4 bilhão para construir e operar o porto, a estatal chinesa Cosco prometeu levar o caso ao Supremo. Em Washington, a expectativa é que a chegada ao poder da direitaista Keiko Fujimori contenha a influência chinesa. Já Pequim aposta no pragmatismo da recém-eleita e no histórico de aproximação com a China de seu pai, o ex-presidente Alberto Fujimori. Enquanto isso, investidores chineses monitoram os movimentos da campanha presidencial no Brasil tendo em mente os exemplos de incerteza na região. Além do Peru, o mais lembrado é o Panamá, onde o Supremo anulou as concessões de uma empresa de Hong Kong para operar no canal, após coação dos EUA. Em cada dez investidores, dez mencionam esses casos, conta um empresário sobre sua experiência re-

cente ao negociar o financiamento de projetos de infraestrutura e logística no Brasil com empresas chinesas. De olho nos possíveis cenários pós-eleitorais, eles têm acompanhado o noticiário brasileiro “com lupa”, diz o empresário, pedindo para não ser identificado. Algo semelhante ocorreu na disputa presidencial de 2022, só que no sentido oposto. Na época, a torcida dos chineses era por mudança, devido às diferenças com Jair Bolsonaro. Agora, o consenso em Pequim é de que a continuidade é boa não só para os negócios, mas vital para os interesses estratégicos do país numa região que os EUA voltaram a ver como o seu quintal. Na denúncia da Casa Branca sobre o suposto esquema para driblar as tarifas americanas, um cavalo de Troia ilustra a capa do relatório, referência nada sutil à forma como o governo Trump retrata o papel da China na economia mundial. Desta vez, o Brasil está longe de ser um alvo isolado: entre os acusados de ajudar a China estão também alguns dos mais tradicionais aliados de Washington, como Israel, União Europeia, Japão e Coreia do Sul.

Ataques do Irã mudaram logística de porta-aviões

Destruição de centro logístico no Bahrein obrigou a Marinha a recorrer à base de Diego Garcia, sob comando britânico, enquanto USS Abraham Lincoln enfrenta meses de operação sem descanso e mantém a tripulação longe dos portos

JOHN ISMAY
Do New York Times
WASHINGTON

Os problemas de abastecimento do porta-aviões americano USS Abraham Lincoln começaram pouco depois do primeiro dia da guerra no Oriente Médio, quando mísseis e drones de ataque do Irã atingiram uma base da Marinha dos EUA no Bahrein. A ofensiva iraniana, uma retaliação aos bombardeios dos EUA e de Israel contra Teerã, destruiu grande parte da base. E, enquanto ela era consumida pelas chamas, também foi destruído um importante centro logístico do qual a Marinha dependia havia décadas. A Marinha precisou de um Plano B para continuar abastecendo os marinheiros que trabalhavam para manter os avi-

ões de guerra em operação nas missões e, posteriormente, para manter o bloqueio dos portos iranianos. Diante da ameaça de novos ataques iranianos contra outros portos da região, o Pentágono recorreu a uma base sob comando britânico na ilha de Diego Garcia como centro de abastecimento. A ilha fica ao sul das Maldivas e a cerca de 3.500 quilômetros de onde dois grupos de ataque de porta-aviões vêm operando no Golfo de Omã.

MISSÃO PROLONGADA
A perda do centro logístico no Bahrein contribuiu para uma série de problemas nos porta-aviões que apoiam as operações contra o Irã, enquanto senadores democratas levantam preocupações sobre os 5 mil marinheiros do Lincoln e sua

missão de quase nove meses. O substituto do Lincoln é o porta-aviões USS George Washington, baseado no Japão, que no início desta semana navegava pelo Estreito de Malaca, em águas indonésias, a caminho do Oriente Médio. Outro porta-aviões, o USS George H.W. Bush, opera no Oriente Médio há meses, desde que partiu de Norfolk, na Virgínia, em 31 de março. No início da guerra, Keir Starmer, então premier britânico, negou ao Pentágono acesso a Diego Garcia para uso na operação contra o Irã. A decisão provocou a irritação de Trump, e Starmer acabou cedendo em março, concedendo acesso à ilha para o que descreveu como um “objetivo defensivo específico e limitado”. Um funcionário das Forças Armadas dos EUA, que falou

sob condição de anonimato, afirmou que a Marinha começou a usar Diego Garcia como principal ponto de envio de suprimentos pouco depois de sua base no Bahrein ser fortemente danificada. O uso de Diego Garcia como centro logístico pode explicar por que o Irã lançou dois mísseis balísticos contra a ilha em 20 de março. Um deles caiu no Oceano Índico antes de alcançar o alvo. Um navio de guerra da Marinha americana derrubou o outro. O Bahrein é um dos dois portos onde os porta-aviões americanos na região normalmente atracam para que suas tripulações possam ter algum tempo de descanso. O outro, o porto de Fujairah, nos Emirados Árabes Unidos, no Golfo de Omã, também está ao alcance dos mísseis iranianos.

O governo recorreu ainda a outro porta-aviões, o USS Gerald R. Ford, no Caribe, em sua campanha de pressão contra a Venezuela e, posteriormente, estendeu sua missão para o Oriente Médio para lançar ataques aéreos contra o Irã. Até agora, a guerra levou ao emprego de uma parcela significativa da frota de porta-aviões da Marinha, que será reduzida a 10 unidades com a aposentadoria prevista do USS Nimitz no ano que vem.

‘DIA DA CERVEJA’
Embora seis meses seja a duração típica de uma missão da Marinha no mar em tempos de paz, alguns porta-aviões permaneceram por períodos muito mais longos após os ataques de 11 de setembro. A missão de 326 dias do Ford, no entanto, estabeleceu o recorde

de permanência mais longa de um porta-aviões desde a Guerra do Vietnã. Naquela guerra, porém, os porta-aviões enviados para a chamada Yankee Station, ao largo da costa do Vietnã, frequentemente seguiam para a base naval de Subic Bay, nas Filipinas — uma viagem de apenas dois dias — onde os marinheiros podiam descansar das operações aéreas ininterruptas e o navio podia ser reabastecido com munição, comida, combustível e outros suprimentos necessários. Pelas normas da Marinha, o comandante de um navio de guerra pode solicitar um “dia da cerveja” para a tripulação quando ela permanece no mar por 45 dias consecutivos. Considerando o tempo de missão do Lincoln, a tripulação já teria direito a cinco desses dias.

Contratorpedeiro ficou quatro dias sem energia elétrica

Pane deixou navio militar americano sem banheiros, cozinha, ar-condicionado e água potável no Mar do Sul da China, em julho

WASHINGTON

Um contratorpedeiro de mísseis guiados da Marinha dos EUA ficou quatro dias sem banheiros, cozinha, ar-condicionado e água potável após uma falha de energia no Mar do Sul da China, no mês passado, em meio a operações de rotina do navio no Indo-Pacífico. O USS Benfold, da classe Arleigh Burke, apresentou em 24 de julho uma falha de engenharia envolvendo seus geradores, um problema que ocorre enquanto a Marinha americana enfrenta pressão sobre as condições de trabalho e o desgaste das tripulações. A pane também impediu que o navio, de quase 10 mil toneladas, manobrasse por conta própria, segundo um comunicado da 7ª Frota. A Marinha informou que investiga a causa da falha nos geradores. Não houve feridos. Segundo a CNN, embora a

nota não tenha especificado o local exato da falha, os registros meteorológicos mostram que as temperaturas diurnas no Mar do Sul da China no final de julho variaram, em média, entre 32°C e 37°C. Durante os dias de pane, o cruzador de mísseis guiados USS Robert Smalls forneceu refeições prontas ao USS Benfold, enquanto outros navios ajudaram a tripulação. Após o período sem energia, o Benfold foi rebocado para a Baía de Subic, nas Filipinas, onde passou por reparos concluídos em 8 de agosto, voltando a operar na sequência.

SEGUNDO CASO
O incidente é a segunda falha de energia envolvendo um contratorpedeiro da Marinha dos EUA na área do Comando do Pacífico (que se estende das águas da costa oeste americana até a fronteira oeste da Índia e do Polo Norte até a Antárti-



Falha nos geradores. O contratorpedeiro de mísseis guiados USS Benfold, no Mar de Andaman: pane impediu que navio manobrasse por conta própria

da). Em maio, o USS Higgins também perdeu energia e propulsão por várias horas no Indo-Pacífico devido a uma “avaria de engenharia” no sistema elétrico, segundo a Marinha. O caso veio à tona após o atribulado porta-aviões USS Abraham Lincoln, com uma tripulação de cerca de 5 mil marinheiros, permanecer mais de 250 dias sem atracar em um porto duran-

te operações contra o Irã, em meio a relatos preocupantes sobre as condições de vida a bordo dos militares embarcados. As queixas variam desde a escassez de alimentos e suprimentos básicos até problemas de infraestrutura, jornadas de trabalho exaustivas e uma crescente crise de saúde mental, desde que o Lincoln deixou seu porto de origem, em San

Diego, em novembro. No fim de semana, o chefe do Comando Central dos EUA, almirante Brad Cooper, insistiu, em uma declaração publicada nas redes sociais, que “o Lincoln atualmente tem um dos menores números de casos relacionados à saúde mental” entre os 11 porta-aviões ativos da Marinha. — Isso não significa que tudo seja perfeito — reconhe-

ceu Cooper um dia após sua visita ao porta-aviões. Ele afirmou que um longo período de serviço no mar “é excepcionalmente desafiador e difícil, e cada um de nós, inclusive eu, reage ao estresse de maneiras diferentes”. Na sexta-feira, o presidente Donald Trump minimizou as preocupações sobre as difíceis condições relatadas a bordo do navio.



BELEZA FATAL

Conheça 6 tendências de moda históricas que adoeceram ou mataram suas adeptas

NAOMI BRAITHWAITE*
Do The Conversation

acompanhar as últimas tendências da moda pode, às vezes, significar sacrificar a própria saúde e o conforto em nome do estilo. Tendências modernas — como cintas modeladoras que sufocam, sapatilhas frágeis e bolsas grandes demais — têm causado sofrimento a muitas pessoas. Porém, essas tendências são inofensivas quando comparadas a modas do passado — algumas das quais chegavam a ser letais.

Sapatos vertiginosamente instáveis

A invenção do salto agulha na década de 1950 gerou opiniões divergentes. Embora, para quem os usava, o sapato tenha se tornado um símbolo de feminilidade e empoderamento — com muitas mulheres apreciando a altura extra que ele proporcionava —, outras achavam o salto agulha desconfortável para caminhar. Logo surgiram preocupações sobre os possíveis danos causados por eles. Em 1953, a revista britânica Picture Post publicou uma matéria sobre os perigos do salto agulha, citando alertas de médicos sobre os riscos desses calçados, que iam de torções no tornozelo a fraturas ósseas. Décadas mais tarde, as preocupações com os efeitos nocivos dos sapatos de salto alto persistem. Estudos demonstraram uma relação direta entre o uso de



Valeu? Salto agulha deu às mulheres ganho de altura, mas também problemas ósseos

saltos altos e lesões musculoesqueléticas.

O espartilho mortal

O espartilho tem uma história longa e muitas vezes controversa, que remonta a séculos atrás. A partir do século XVI, ele passou a ser uma peça de roupa íntima — feita de barbatana de baleia e, por vezes, de aço — para modelar a cintura. Contudo, ao longo dos anos, cresceram as preocupações sobre os possíveis danos do uso de espartilhos, especialmente devido à prática do “tight lacing” (aperto excessivo dos laços). Em 1793, o médico e anatomista alemão Samuel Thomas von Sömmerring publicou um livro discutindo suas preocupações em relação ao uso prolongado de espartilhos extremamente apertados. Nele, ele escreve que a prática poderia comprimir as

costelas e outros órgãos internos, além de causar deformidades na caixa torácica. Em junho de 1890, a revista The Lancet também publicou um artigo destacando os efeitos devastadores do uso desses espartilhos, incluindo fraturas nas costelas, danos aos órgãos, dificuldades respiratórias, deformidades e até a morte.

Vestidos venenosos

Durante a era vitoriana, surgiu uma tendência mortal envolvendo um tom específico de verde-esmeralda, que se tornou popular em tecidos, artigos de decoração e na moda. Porém, verde era uma cor difícil de produzir. Para obter esse tom, os costureiros vitorianos utilizavam um corante chamado verde de Scheele, que era carregado de arsênico. O público não tinha consciência de quão prejudiciais eram esses vestidos com arsênico até que o renomado químico A.W. Hofmann pu-

blicou um artigo em 1862, expondo a perigosa toxicidade do corante verde. Na semana seguinte, a popular revista satírica Punch publicou uma charge intitulada “A valsa do arsênico”, com um esqueleto vestindo um traje de baile. Os efeitos letais do uso desses vestidos incluíam úlceras e falência de órgãos.

Cosméticos tóxicos

A Rainha Elizabeth I era conhecida por sua tez de porcelana, considerada na época um sinal de beleza e status. A maquiagem que ela usava para obter esse visual servia também como máscara para cobrir cicatrizes de varíola. A rainha usava a “cerusa veneziana”, uma maquiagem à base de chumbo que, acredita-se, tenha causado sua morte. Pesquisas recentes revelaram que sua maquiagem branca era, na verdade, uma combinação de chumbo e vinagre branco, o que fazia o organismo absorver o metal em quantidades maiores.



Cabelos perigosos

O cabelo, tantas vezes um símbolo de moda, tem sido alvo de muitas tendências tóxicas ao longo dos anos. Por exemplo, o penteado Pompadour da década de 1900 — batizado em homenagem à cortesã francesa do século XVIII Madame de Pompadour — obtinha seu volume graças ao uso de pomadas à base de chumbo, muito populares na época. O início do século XX também presenciou uma tendência perigosa: produtos enriquecidos com rádio, incluindo tônicos e óleos capilares. A promessa era de que a radioatividade estimularia o crescimento do cabelo e curaria a caspa. Porém, a exposição prolongada ao elemento trazia vários efeitos nocivos, afetando os ossos e o sangue.

Fibras inflamáveis

Em 1871, as jovens meia-irmãs de Oscar Wilde compareceram a uma festa de haloween na Irlanda. Ambas vestiam-se seguindo a última moda, usando saias volumosas com armação de crinolina. Porém, enquanto dançavam, suas saias incendiaram-se ao tocar a chama de uma vela, e ambas morreram. A história trágica não foi um caso isolado. Estima-se que, na era vitoriana, mais de 3 mil mulheres tenham sofrido o mesmo destino. A crinolina era apreciada por sua leveza e pela liberdade de movimento que proporcionava; contudo, era uma peça difícil de manejar e altamente inflamável. Em 1858, o The New York Times relatou uma média de três mortes por semana, tornando o material uma das tendências mais perigosas da história.

* Naomi Braithwaite é professora de Moda e Cultura Material da Nottingham Trent University, no Reino Unido.

*Este artigo foi republicado de The Conversation sob licença Creative Commons

longevidade
é fazer as escolhas certas hoje.

Leia na página 25 um conteúdo exclusivo sobre como viver mais e melhor.

Apresentado por

bradesco
seguros

Conteúdo patrocinado produzido por

G lab

BEM-ESTAR



Os 15 minutos do apetite

Andy Warhol dizia que, no futuro, todos teriam quinze minutos de fama. Talvez nem ele imaginasse que a previsão alcançaria também os alimentos. Hoje, um pepino, uma bolacha ou um queijo podem aparecer em milhões de telas, sumir dos supermercados e acabar no carrinho de quem, até então, mal pensava neles. Foi o que aconteceu com o queijo cottage nos Estados Unidos, ressignificado em sorvetes, pães, massas e molhos. Na Islândia, uma receita divulgada por um criador de conteúdo canadense conhecido nas redes como “o cara do pepino”

ajudou a criar uma verdadeira comunidade de fãs do vegetal, que chegou a desaparecer das prateleiras. Por aqui, o morango do amor também teve sua temporada de celebridade. Isso só mostra como o apetite humano não nasce na fome. Comemos com os olhos, a memória e a expectativa. O aroma de um prato pode despertar emoções antigas. Uma sobremesa bonita entra no feed antes mesmo da primeira colherada. São os estímulos que determinam a nutrição do dia. Os vídeos curtos exploram isso muito bem. Mostram o queijo derretendo, a casquinha se partindo, o molho escorrendo. A câmera se aproxima e quase sentimos o gosto. Em segundos, o cérebro já antecipa o prazer. A fome pode nem ter aparecido, mas a vontade foi saciada —por enquanto. Talvez por isso nos apressemos em provar a receita da moda. Corremos para matar a curiosidade, claro, mas também para não ficar com a sensação de estar chegando atrasado a uma conversa animada. Não vejo a influência das redes sociais como necessariamente ruim. Likes despertam interesse e levam muita gente para a cozinha. Receitas elaboradas hoje são testadas por quem mal tem o hábito de abrir po-

tes e latas. Fatiar, misturar e até errar nos fazem prestar mais atenção ao que se leva à boca. Com tantas horas diante do celular, cozinhar pode ser uma pausa bem-vinda, ainda que a ideia tenha vindo do próprio. O perigo começa quando a curiosidade passa a funcionar no automático. O algoritmo sabe o que prende nosso olhar, mas não conhece nossa fome, nossa rotina ou aquilo de que o corpo precisa. Vale observar quanto tempo o interesse dura. Muitas vezes um impulso provocado na timeline desaparece com a mesma rapidez. Esperar alguns minutos para decidir basta para entender o que se está sentindo. Sempre fomos influenciados na hora de escolher o que comer. Uma amiga elogia uma receita, alguém pede algo atraente na mesa ao lado, um preparo de família lhe chega às mãos. Mas, no feed, isso acontece ao mesmo tempo para o mundo todo. A novidade está mais na velocidade do que no comportamento. Há 22 anos, muito antes de o verbo “viralizar” ganhar o sentido atual,

uma receita minha já provocava espanto. José Simão me viu preparando melancia grelhada e brincou que aquilo era “água grelhada”. Pouco depois, encontrei num jornal americano a história do chef americano Jeffrey Fournier, que havia criado um elaborado “bife de melancia”. Sorvete de cottage? Cheesecake japonês? Vale provar e entrar na brincadeira. Se a receita for mesmo boa, haverá vontade de repeti-la quando o vídeo já tiver sumido da tela. A melancia grelhada, para mim, atravessou os seus 15 minutos —nasceu da busca por algo criativo, leve e magro. Talvez seja o melhor teste para a fama de um alimento seja ele ainda despertar vontade depois que a surpresa passa.

MELANCIA GRELHADA

Preparo: Pegue fatias grossas de melancia, com cerca de 2 cm de espessura; Pincele os dois lados com azeite. Tempere com sal e pimenta-do-reino; Coloque as fatias na grelha quente. Deixe por 3 a 5 minutos de cada lado até formar marcas da grelha; Cubra com folhas de hortelã e um fio de vinagre balsâmico e sirva em seguida

Anvisa aprova primeiro medicamento genérico de semaglutida no país

Fabricada pela EMS, caneta deve ter preço 35% abaixo do outro remédio do gênero do laboratório, vendido a R\$ 452

CLEIDE ASSIS*
saude@oglobo.com.br

Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou ontem o primeiro medicamento genérico à base de semaglutida sintética no Brasil. Produzido pela EMS, o produto é indicado para o tratamento do diabetes tipo 2 e pertence à classe dos agonistas do receptor de GLP-1, a mesma de medicamentos como Ozempic e Wegovy. Além do genérico da EMS, a agência também aprovou o registro de um medicamento similar da Germed, que será comercializado com o nome Semaclique. Ambos são indicados para adultos com diabetes mellitus tipo 2 insuficientemente controlado, como complemento à dieta e à prática de exercícios físicos. Os medicamentos poderão ser utilizados tanto em monoterapia, quando a metfor-

mina for considerada inadequada por intolerância ou contraindicação, quanto em associação com outros tratamentos para diabetes. Os produtos serão comercializados na forma de solução injetável em canetas preenchidas para aplicação semanal. Antes e após o início do tratamento, devem ser armazenados sob refrigeração, em temperaturas entre 2°C e 8°C. A semaglutida sintética é uma versão produzida por síntese química em laboratório, mas com a mesma molécula e ação farmacológica da semaglutida presente em medicamentos de referência, como o Ozempic. Para Fernando Valente, endocrinologista e coordenador do Departamento de Educação em Diabetes e Campanhas da Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD), o principal impacto da chegada do primeiro genérico de semaglutida deve

ser a diminuição dos custos do tratamento. —O grande problema desses medicamentos é o custo elevado. São doenças crônicas, que exigem tratamento prolongado. Quando o preço diminui, aumenta a chance de o paciente iniciar o tratamento e, mais do que isso, conseguir mantê-lo no longo prazo —afirma. Em nota, a Anvisa informou que a aprovação amplia as opções terapêuticas para pacientes com diabetes tipo 2. Segundo a agência, os medicamentos passaram pelos processos de avaliação exigidos para comprovar qualidade, segurança e eficácia. —A aprovação significa que estamos falando de um medicamento que teve sua segurança e eficácia avaliadas e comparadas ao produto de referência —diz Valente. **PREÇOS E PRAZOS** O registro da EMS contempla quatro apresentações,



Mercado. Para especialista, genérico deve derrubar preços

com diferentes quantidades de canetas e agulhas. O laboratório ainda não divulgou o preço do oficial. O Ozivy, medicamento de referência da própria farmacêutica, foi lançado com preço a partir de R\$ 452. Pela legislação brasileira, medicamentos genéricos devem custar ao menos 35% menos que o produto de referência, o que daria um valor próximo de R\$ 294. Em nota, a farmacêutica informou que o medicamento deve chegar ao mercado nos próximos meses, mas ressaltou que o cronograma e a definição do preço ainda dependem da conclusão dos trâmites regulatórios e de precificação.

Embora tenham se tornado conhecidas popularmente como “canetas emagrecedoras”, os medicamentos à base de semaglutida foram desenvolvidos originalmente para o tratamento do diabetes tipo 2. Com o tempo, estudos clínicos mostraram que a substância também promovia perda de peso significativa, o que levou à aprovação de versões específicas para tratar a obesidade. Os produtos aprovados pela Anvisa ontem, no entanto, têm indicação para pacientes adultos com diabetes tipo 2 insuficientemente controlado. A autorização concedida pela agência não contempla o tratamento da obesidade.

No entanto, o endocrinologista afirma que a aprovação pode ter impacto também no tratamento da obesidade. Segundo ele, apesar de as doses aprovadas serem inferiores às utilizadas especificamente para perda de peso, a semaglutida promove emagrecimento mesmo em doses menores. —A dose da semaglutida usada para obesidade é de 2,4 mg. Ainda assim, existe perda de peso mesmo em doses menores. Acho que pode haver repercussão também para o tratamento da obesidade —afirma. **aluna do curso Jornalismo do Futuro sob supervisão de Daniel Biasetto*

Ebola: surto na RDC supera recorde de mortos anterior

Uma pessoa morre da doença a cada 28 minutos no país africano, somando 2.325 óbitos até agora. OMS pede esforço conjunto

JASON GALE
Do Bloomberg

Na semana passada, foram registradas uma morte por ebola a cada 28 minutos na República Democrática do Congo, tornando o surto o mais mortal já registrado no país, enquanto as autoridades lutam para conter a doença que se espalha rapidamente. O número de mortos chegou a 2.325 após o registro de mais 365 óbitos na semana passada, superando as 2.299 mortes registradas durante o pior surto de Ebola na RDC, entre 2018 e 2020. Quase 5 mil infecções confirmadas foram relatadas desde que o surto atual foi declarado em maio, de acordo com anúncio do Ins-

tituto Nacional de Saúde Pública feito anteontem. A epidemia está dobrando a cada 20 dias, como alerta Tom Fletcher, Subsecretário-Geral das Nações Unidas para Assuntos Humanitários e Coordenador de Ajuda de Emergência, na última sexta-feira, e a resposta precisa ser ampliada substancialmente para recuperar o terreno perdido. Autoridades e grupos de ajuda precisam dobrar o número de equipes que realizam enterros seguros, triplicar a capacidade de tratamento, aprimorar o rastreamento de contatos e mobilizar gestores mais experientes, defende Fletcher. —O ebola está vencendo na República Democrática

do Congo. Não podemos deixar que o vírus se alastre mais rápido do que nossa capacidade de resposta. Na sexta-feira, Fletcher anunciou um aporte adicional de US\$ 30,5 milhões (equivalente a R\$ 158,79 milhões) do Fundo Central de Resposta a Emergências da ONU, que se somam aos US\$ 24 milhões (R\$ 124,95 milhões) já destinados a RDC e países vizinhos. A ONU enviou mais 20 funcionários humanitários para o epicentro do surto. A pressão está se espalhando para hospitais e clínicas comuns. Leitos dedicados a pacientes com suspeita de ebola na província de Kivu do Norte estavam totalmente ocupados



Dor e medo. Enterro feito por agentes sanitários; autoridades pedem equipes

no sábado, enquanto casos suspeitos em Butembo, Maserika, Vuhovi e Kalunguta estavam sendo isolados em instalações de saúde existentes que não eram centros de trânsito designados.

O vírus representa riscos particulares para os profissionais de saúde. O ebola havia infectado pelo menos 155 deles e matado 45 até 9 de agosto, informou a Organização Mundial da Saúde

em um relatório divulgado na sexta-feira. As infecções destacam as persistentes fragilidades na prevenção e no controle de infecções, principalmente fora dos centros especializados. O ebola está atingindo um sistema de saúde já fragilizado por anos de conflito e deslocamento em massa, com cortes recentes no financiamento humanitário agravando ainda mais a situação. Hospitais e centros de saúde em partes do Kivu do Norte e do Sul estão operando com menos funcionários, medicamentos e suprimentos, enquanto alguns suspenderam as atividades devido à violência, informou a organização Médicos Sem Fronteiras. O sarampo, a cólera, a malária e outras emergências de saúde correm o risco de serem negligenciadas, uma vez que os recursos estão sendo mobilizados para o combate ao ebola, acrescentou a organização.

Não existe idade certa para começar

Se aos 40 ou 50 anos é possível mudar de caminho, aos 20 ou 30 não é preciso ter todas as respostas



Experiência, escolhas e recomeços fazem parte da jornada

Durante muito tempo, a vida adulta pareceu vir acompanhada de um roteiro: estudar, escolher uma profissão, entrar no mercado de trabalho, crescer na carreira, formar uma família e, décadas depois, se aposentar. Esse desenho não desapareceu, mas deixou de ser o único possível. E nem todo mundo precisa seguir o mesmo caminho.

Mudar de profissão aos 40 ou 50 anos, voltar a estudar, transformar uma experiência em negócio ou simplesmente reorganizar prioridades já faz parte de uma vida adulta mais aberta a novas possibilidades.

Uma pesquisa da Maturi em parceria com a NOZ Inteligência, realizada em 2024 com mais de duas mil pessoas entre 43 e 82 anos, mostrou que 68% buscavam ou já viviam uma transição de carreira.

Para Germana Benirschke, consultora de carreira, essa mudança tem relação com uma transformação no

mercado de trabalho. Se antes as empresas desenhavam trajetórias e indicavam os próximos passos, hoje o profissional é chamado a assumir a própria formação e decidir para onde quer ir.

— A mudança deixou muitos profissionais sem norte e confusos sobre o que fazer. Ao mesmo tempo,

“Começar aos 40 ou aos 50, na verdade, é continuar”

Claudia Botelho, psicóloga



abriu espaço para refletir, questionar e encontrar respostas — diz.

A psicóloga Claudia Botelho observa outra transformação. Para gerações anteriores, a entrada na vida adulta era marcada por acontecimentos concretos, como casamento, saída da casa dos pais e primeiro emprego.

Essas fronteiras ficaram mais difusas. A faculdade já não encerra a formação. Muitas vezes, é seguida por pós-graduação, intercâmbio, especialização e novos cursos. A vida profissional também ganhou mais possibilidades de mudança, pausa e reinvenção.

— O diploma deixou de ser a linha de chegada e virou quase um ponto de partida. Não existe mais uma carreira em linha reta. Não é uma escolha que se faz aos 18 anos e pronto. São decisões que a pessoa vai precisar tomar ao longo da vida toda — afirma.

O novo cenário também pode trazer ansiedade.

Entre os mais jovens, é comum a sensação de que nunca fizeram o suficiente. Sempre falta uma formação, um idioma, uma experiência. Ao mesmo tempo, continuam se comparando a uma geração que viveu outra realidade.

“Rede de relacionamentos, formação contínua e reserva financeira ampliam a margem de escolha”

Germana Benirschke, consultora de carreira



— O jovem olha para os pais e pensa: na minha idade, eles já tinham emprego, já tinham saído de casa, já tinham se casado. Só que hoje ninguém mais está estabelecido aos 25, aos 30 anos. Ele está cobrando de si uma resposta que servia para uma pergunta que não existe mais — destaca Claudia.

A BAGAGEM VAI JUNTO

Do outro lado estão aqueles que chegam aos 40 ou 50 anos questionando escolhas feitas décadas antes. Para eles, o receio é deixar para trás o que construíram e começar tudo de novo. Recomeçar, porém, raramente significa apagar o passado.

— Começar aos 40 ou aos 50, na verdade, é continuar — resume a psicóloga.

Conhecimentos específicos podem mudar, mas habilidades acumuladas permanecem. Saber negociar, resolver problemas, trabalhar sob pressão, lidar com pessoas e reconhecer os próprios limites continua sendo valioso, mesmo quando os planos mudam.

Claudia viveu esse processo quando decidiu se formar em psicologia aos 50 anos, depois de três décadas na educação.

— Meus 30 anos de educação não ficaram para trás. Toda a vivência de sala de aula, com adolescente, com família, me deu um lugar de experiência que não é de quem está começando na psicologia — diz.

Germana encontra movimentos semelhantes entre os profissionais que acompanha. Nem sempre há uma ruptura. Há quem mude de área dentro da própria empresa, transforme conhecimento acumulado em mentoria, passe de uma função operacional para outra mais estratégica ou comece um negócio a partir de um interesse antigo.

Ter liberdade para fazer esses movimentos também depende do que foi construído ao longo do caminho.

— Rede de relacionamentos, formação contínua e reserva financeira ampliam

O kit para mudar de rota

Alguns elementos podem trazer mais segurança e liberdade para fazer escolhas e experimentar novos caminhos ao longo da vida.

Formação contínua: mantenha-se atualizado e desenvolva novas habilidades.

Rede de relacionamentos: cultive contatos que possam abrir portas e gerar oportunidades.

Reserva financeira: tenha uma margem para atravessar períodos de transição com mais tranquilidade.

Experiência acumulada: reconheça conhecimentos e habilidades que continuam valiosos em novos contextos.

Autoconhecimento: entenda seus interesses, limites e prioridades para tomar decisões mais alinhadas ao momento de vida.

a margem de escolha — diz a consultora.

Para Claudia, quando a possibilidade de mudar passa a fazer parte da vida adulta, muda também a pergunta sobre o futuro. “O que vou ser quando crescer?” dá lugar a “o que eu quero ser depois de ter sido aquilo que quis ser?”.

Essa pergunta pode voltar aos 40, aos 60 ou mesmo depois da aposentadoria. Afinal, os planos podem ganhar novos sentidos conforme a vida acontece.

— Dá para viver várias vidas dentro de uma só — afirma Claudia.

Mais do que chegar a algum lugar específico, a vida também pode ser sobre descobrir novos caminhos pelo percurso. Ninguém está atrasado para a próxima vida.

CONTEÚDO PATROCINADO PRODUZIDO POR 

Plano de Saúde tem vários. Bradesco Saúde só tem um.

Para empresas a partir de 3 pessoas.



bradesco
saúde

ASSISTA
AO FILME.



Fale com seu corretor.

Central de Relacionamento: 4004 2700 / 0800 701 2700 | SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 727 9966 | Ouvidoria: 0800 701 7000 | Para atendimento à pessoa com deficiência auditiva ou de fala, acesse o nosso site. As informações e as imagens contidas neste material são indicativas. Os direitos e as obrigações das partes encontram-se nas Condições Gerais do produto contratado. Todos os serviços estão sujeitos a limites e especificações estabelecidas no contrato. A Bradesco Saúde não comercializa planos individuais. Bradesco Saúde S/A - CNPJ: 92.693.118/0001-60. Lei nº 12.741/12 sobre tributos incidentes. PIS: 0,65%; COFINS: 4,00% e IOF: 2,38%. *Apurados e recolhidos nos termos da legislação aplicável. Bradesco Saúde Operadora de Planos de Saúde S/A - CNPJ: 15.011.651/0001-54. Lei nº 12.741/12 sobre tributos incidentes. PIS: 0,65%; COFINS: 4,00% e ISS: 2%. *Apurados e recolhidos nos termos da legislação aplicável.

ANS - nº 005711

ANS - nº 421715

VIAGENS ARRISCADAS

ANTT apreendeu 323 ônibus clandestinos em Minas e Rio; entidade pede mais fiscalização

JÉSSICA MARQUES, LUIZ ERNESTO MAGALHÃES, ROBERTA DE SOUZA E VERA ARAÚJO
granderio@oglobo.com.br

Nos últimos 12 meses, 323 ônibus fretados foram apreendidos em estradas do Rio e de Minas Gerais. Os dados são da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), a quem cabe a fiscalização. Desse total, apenas 22 foram em rodovias fluminenses. Foi um ônibus clandestino, sem autorização para esse tipo de transporte, que tombou no último domingo na serra de Petrópolis, deixando dez mortos e 25 feridos. Os 54 passageiros tinham saído de Minas para passar o dia na Praia de Copacabana, na Zona Sul.

Nenhum outro órgão fiscaliza a documentação de ônibus contratados para fazer fretamento. A Polícia Rodoviária Federal (PRF) informou que só verifica as condições de segurança do veículo, a documentação obrigatória e se os motoristas estão respeitando os intervalos de descanso, além de fazer o combate a crimes como tráfico de drogas e armas.

Já a atuação do Departamento Estadual de Transportes Rodoviários (Detro-RJ) foca apenas nos veículos que operam linhas intermunicipais, regulares ou piratas. Na capital, a Guarda Municipal, por exemplo, se atém a fiscalizar infrações de trânsito, como o estacionamento em locais proibidos.

REPARAÇÃO EM XEQUE

Para Letícia Pineschi, diretora-geral da Associação Brasileira das Empresas de Transporte Terrestre de Passageiros (Abrati), as fiscalizações realizadas são insuficientes para combater o transporte clandestino:

—A fiscalização é majoritariamente reativa e pontual, e não preventiva. Muitas vezes, a irregularidade só é identificada durante a viagem ou depois de um acidente. A empresa, nessa situação, dificilmente vai conseguir oferecer uma reparação às famílias dos acidentados e dos profissionais envolvidos.



Confusão. O ônibus tem registro no nome de uma empresa, comunicação de venda para outra, e uma terceira firma aparece em destaque na carroceria

Letícia sugere o uso das câmeras das rodovias para o acompanhamento da circulação de veículos sem autorização. A ANTT, por sua vez, informou, por meio de nota, que mantém fiscalização permanente, combatendo o transporte clandestino com “constância, planejamento, inteligência, análise de risco e operações preventivas”.

Qualquer tipo de fiscalização seria capaz de encontrar uma irregularidade que seja no ônibus envolvido no acidente de domingo. As empresas que fazem fretamento precisam ter, na ANTT, o Termo de Autorização de Fretamento (TAF). Além disso, antes de cada viagem, é preciso emitir uma Licença de Viagem, com a lista de todos os passageiros, o que não foi feito no caso do ônibus que saiu de Minas, segundo informou a agência nacional.

Ao analisar a documentação do veículo e da empresa que prestou o serviço, a ANTT se deparou com um emaranhado de empresas. O ônibus placa AKY-3454, fabricado em 2003, está registrado em nome da Dinna Elles Turismo, mas existe uma comunicação de venda para a PIT Tur. Nenhuma das duas empresas tem autorização para operar transporte interestadual de passageiros. O nome que consta na lataria do veículo é o da Estrela Guia Turismo, apontada nas investigações da polícia como responsável pela viagem, mas ainda havia no interior do coletivo um adesivo com o nome da empresa Samara, igualmente inapta perante a agência.

De acordo com o advogado Aroldo Leão Braz, que defende a Estrela Guia Turismo, de fato, a empresa é

a dona do ônibus e responsável pelo fretamento para fins de turismo. No entanto, O GLOBO descobriu que a Estrela Guia Turismo, cuja razão social é MV Pereira Rosa, com as iniciais e o sobrenome do sócio-administrador Marcus Vinicius Pereira Rosa, ainda estava pagando pelo ônibus à PIT Tur, cujo proprietário trabalha com compra e revenda de veículos.

Como a Estrela Guia não havia quitado o bem, o Certificado de Registro e Licenciamento de Veículo (CRLV) do ônibus não estava no nome dela. As transferências bancárias de Marcus Vinicius para a PIT Tur seriam a única prova dessa transação.

—Eu já tinha comunicado à ANTT que o veículo não era mais meu. Há pouco tempo, soube que o nome da Dinna Elles continuava no

22.644

ônibus fiscalizados

O número de abordagens foi registrado pela ANTT no Rio e em Minas nos últimos 12 meses

42.053

viagens de ônibus fretados em direção ao Rio

Essa quantidade de partidas de outros estados em 2025 transportou 1,5 milhão de passageiros

56

pessoas viajavam no veículo que se acidentou

O desastre na serra de Petrópolis, no domingo, resultou em dez mortes e 25 feridos

CRLV. Fui no comprador, que é meu amigo, e cobrei a transferência. Na quarta-feira passada, ele resolveu a parte dele. Coloquei no despachante e, na sexta-feira, comuniquei ao Detran. Foi Deus! Essa situação estava me deixando agoniado. Era um balaio de gato — explicou Leandro Androciolli, dono da Dinna Elles, que lamentou o acidente.

A Estrela Guia foi criada em 25 de maio deste ano. O advogado Aroldo Leão Braz disse que vai esclarecer todos os problemas envolvendo a documentação:

—As circunstâncias relacionadas à propriedade, posse, utilização e regularidade do veículo estão sendo apuradas pelas autoridades competentes, às quais a empresa prestará todos os esclarecimentos e apresentará a documentação pertinente — afirma o advogado.

42 MIL VIAGENS REGULARES

O acidente aconteceu por volta das 4h30 no km 91 da Rodovia BR-040, em um trecho que passa por obras, na altura de Petrópolis. Sobreviventes relataram que o veículo seguia em alta velocidade. A Polícia Civil informou que a 105ª DP (Petrópolis) investiga o que aconteceu com o coletivo. Dez feridos ainda estão internados.

No ano passado, o Estado do Rio foi destino de 42.053 viagens vindas de outros estados, comunicadas à ANTT. Ao todo, 1,5 milhão de passageiros foram transportados, de acordo com relatório anual do Transporte Rodoviário Interestadual e Internacional de Passageiros (TRIIP).

Em caso de dúvida sobre a viagem, o passageiro pode solicitar diretamente à empresa que contratou o documento que comprove seu cadastro na ANTT, de emissão obrigatória. Antes de embarcar, deve conferir ainda se seu nome consta na lista de passageiros, que fica com o motorista. A ANTT informou que sua Ouvidoria pode ser acionada pelo telefone 166.

VIVI PARA CONTAR

‘Elas morreram abraçadas’

Sobrevivente fala do acidente em que perdeu a irmã e uma filha de 7 anos; a família viajou para apresentar a praia às crianças

MARIA LUIZA PEREIRA DE SOUZA*

Amineira Maria Luiza Pereira de Souza perdeu a irmã e uma filha no acidente de ônibus que, na madrugada de domingo, na altura de Petrópolis, resultou em dez mortes. Durante a viagem de Belo Horizonte ao Rio, ela conta que notou algo errado e, mais de uma vez, tentou alertar sobre o perigo.

ODEPOIMENTO

“Estava balançando demais, demais. O guia falou: ‘Ah, é normal, vocês nunca viajaram num ônibus de dois andares’. Todo mundo pedia: ‘Calma, motorista, não precisa correr tanto assim. Nós va-

mos chegar ao Rio.’ Cochilei e, quando acordei, estávamos entrando na serra. O ônibus parecia que estava perdendo o freio, fazia uns barulhos, e pulava.

Chamei minha irmã, falei: “Priscila, você está escutando isso?” Ela me mandou dormir, disse que eu estava falando demais. Peguei meu bebê

e comecei a orar. Na descida da serra, ele seguiu acelerando, acelerando. Pela janela vi que o ônibus fazia um ziguezague, tombava para um lado, para o outro, cheguei a achar que estava tirando faísca da pista. Em uma guinada para a direita, o ônibus ficou, o motorista perdeu o controle e a gente caiu.

Foi um desespero. Todo mundo gritando. Eu achei que a minha bebezinha estava morta, mas ela tinha perdido o fôlego. Meu filho me chamando e eu gritando pela minha filha: ‘Lavinia, Lavinia’. Antes do acidente,

ela tinha gritado: ‘Mãe, me ajuda, eu estou com medo.’ Eu falei: ‘Abraça sua tia, não tem como te pegar não, Lavinia.’ Por isso elas morreram abraçadas.

No resgate, eu perguntava o tempo todo pela minha filha. Disse para um bombeiro como ela estava: de coque, blusa amarela, calça azul cheia de florzinha. Ele disse que tinham corrido com ela para o hospital. No domingo, por volta das 9h, descobri que perdi minha filha por negligência do motorista, a quem nós pedimos tanto pra não correr. Perdi minha fi-

lha, perdi minha irmã, perdi mais duas amigas.

E eu tinha levado minha menina para ver a praia pela primeira vez. Não queria ir, morro de medo, mas minha irmã insistiu. Pagamos R\$ 200 por pessoa. Lavinia tinha 7 anos, o Ícaro tem 10, a Maia, 4, e a Maitê, 1 aninho. A Maitê recebeu alta no domingo, junto com o Ícaro, mas a Maia ainda ficou internada, com a cara muito inchada.”

* Em depoimento a Bruna Bittar, aluna do curso Jornalismo do Futuro do GLOBO, sob supervisão de Sanny Bertoldo

Tempo

TEMPERATURA >

> 40°

37°/40°

33°/36°

29°/32°

25°/28°

20°/24°

16°/19°

12°/15°

< 12°

PREVISÃO >

Sol

Nublado parcialm.

Nublado

Pancadas de chuva

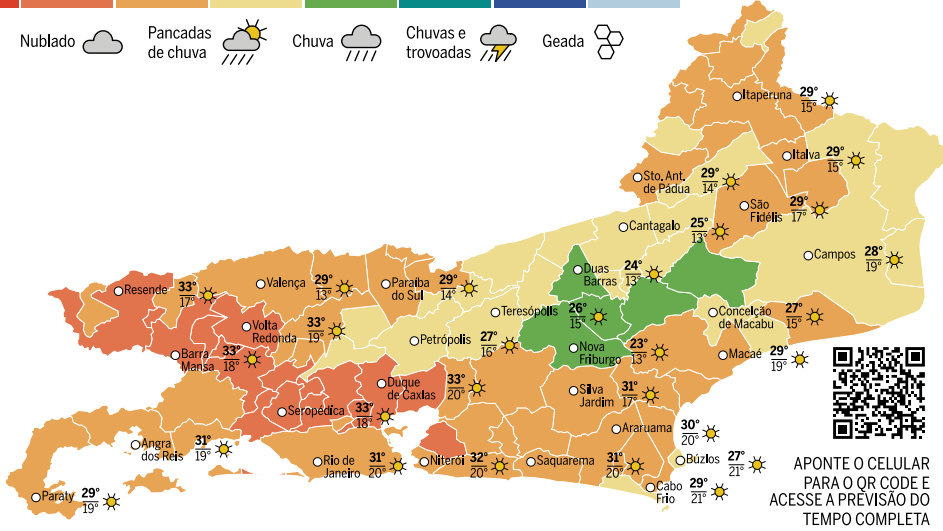
Chuva

Chuvas e trovoadas

Geada

Rio de Janeiro CAPITAL

HOJE	20° MIN. 31° MÁX.	0.00mm PRECIPITAÇÃO	5 Km/h VENTO
AMANHÃ	20° MIN. 29° MÁX.	0.00mm PRECIPITAÇÃO	6 Km/h VENTO
QUINTA	21° MIN. 25° MÁX.	0.00mm PRECIPITAÇÃO	5 Km/h VENTO
SEXTA	21° MIN. 31° MÁX.	0.00mm PRECIPITAÇÃO	12 Km/h VENTO



CAPITAIS	MIN.	MÁX.	CAPITAIS	MIN.	MÁX.
ARACAJU	25°	27°	MACEIÓ	23°	27°
BELÉM	25°	36°	MANAUS	27°	35°
BELO HORIZONTE	15°	26°	NATAL	26°	30°
BOA VISTA	25°	34°	PALMAS	24°	37°
BRASÍLIA	18°	28°	PORTO ALEGRE	17°	26°
CAMPO GRANDE	26°	35°	PORTO VELHO	27°	32°
CUIABÁ	27°	39°	RECIFE	26°	28°
CURITIBA	18°	28°	RIO BRANCO	26°	33°
FLORIANÓPOLIS	19°	29°	SALVADOR	24°	27°
FORTALEZA	25°	31°	SÃO LUÍS	26°	34°
GOIÂNIA	21°	32°	SÃO PAULO	20°	31°
JOÃO PESSOA	24°	30°	TERESINA	23°	38°
MACAPÁ	27°	34°	VITÓRIA	19°	26°

FIELDPRO

Roda de ônibus do BRT se solta e mata mulher

Acidente aconteceu na tarde de domingo, no Tanque, na Zona Sudoeste da cidade; Rosyane Melo de Souza tinha acabado de descer de uma motocicleta de aplicativo em frente à estação do corredor Transcarioca que leva o nome do bairro

MARCOS NUNES
jnunes@extra.inf.br

Uma mulher morreu após ser atingida pela roda que se soltou de um ônibus do corredor BRT Transcarioca, na tarde deste domingo, na Rua Cândido Benício, no Tanque, na Zona Sudoeste do Rio. A vítima chegou a ser levada para o Hospital municipal Lourenço Jorge, na Barra da Tijuca, onde passou por cirurgia, mas não resistiu. O corpo passará por necropsia no Instituto Médico-Legal (IML).

HOMICÍDIO CULPOSO

Segundo a polícia, a vítima foi identificada como Rosyane Melo de Souza. Testemunhas que estavam no local do acidente relataram que a mulher, que tinha 43 anos, havia acabado de descer de uma motocicleta de aplicativo quando foi atingida. O Corpo de



Na cena do acidente. A roda que se desprendeu atingiu Rosyane Melo de Souza: ela foi levada ao hospital, mas não resistiu

Bombeiros informou que foi acionado às 14h27 e, quando deixou Rosyane no hospital, ela estava em estágio amarelo —quando as lesões são moderadas. O caso é investigado pela 41ª DP (Tanque) inicialmente como homicídio culposo, ou seja, quando não há in-

tenção de matar. De acordo com o delegado Ricardo Barboza, titular da delegacia, exames periciais e imagens de câmeras próximas ao local do acidente já foram solicitados. O agente afirmou, ainda, que testemunhas foram ouvidas e outras são aguardadas para prestar de-

poimento. O delegado informou que pedirá o histórico de manutenção do veículo. O objetivo é saber se o coletivo estava ou não em condições de trafegar. — O ônibus passará por perícia. Vamos requerer também o histórico de manutenção do veículo para sa-

Onde foi o acidente



ber se ele estava em condições ou não de rodar. Além disso, ouviremos o motorista e vamos analisar imagens. Só a investigação vai dizer o que causou o acidente — disse o delegado. Por meio de nota, a Mobirio, empresa da prefeitura responsável pelo BRT, “la-

mentou profundamente o falecimento de uma pedestre, que sofreu um acidente com um ônibus perto da estação Tanque, no corredor Transcarioca”. O comunicado ainda informa que “a companhia está prestando assistência à família e está apurando as causas do acidente”.

Letalidade violenta sobe no Estado do Rio em julho

Índice teve alta de 25%, puxada por homicídios e mortes em confronto com a polícia. Jacarepaguá é a área com mais vítimas

GIAMPAOLO MORGADO BRAGA
giampaolo.braga@extra.inf.br

A letalidade violenta teve um aumento de 25% em julho deste ano, na comparação com o mesmo mês do ano passado. Dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) divulgados ontem mostram que foram 301 vítimas no mês passado, contra 240 em julho de 2025. O índice é um agregado dos registros de homicídio doloso, lesão corporal se-

guida de morte, feminicídio, morte por intervenção de agente do Estado e roubo seguido de morte (latrocínio). A alta foi puxada por homicídios (crescimento de 27% em julho) e mortes em confronto com a polícia, que subiram 45%; das 301 vítimas da letalidade violenta, 290 estão nesses dois títulos criminais. O feminicídio também subiu, passando de quatro casos em julho do ano passado para seis no mesmo mês deste ano.

No acumulado de janeiro a julho, a letalidade violenta apresenta queda de 6%, na comparação com os mesmos sete meses do ano passado. Também caíram no período os homicídios dolosos (redução de 5%) e as mortes em confronto (menos 8%).

GUERRAS POR TERRITÓRIO

Analisado só o mês de julho, apenas cinco das 41 Aisps — Áreas Integradas de Segurança Pública, equivalentes

ao setor de policiamento de um batalhão da Polícia Militar — concentram um terço das ocorrências de letalidade violenta no estado. No topo da lista está a área do 18º BPM (Jacarepaguá), na Zona Sudoeste da capital, com 25 mortes violentas. Na região, traficantes do Comando Vermelho (CV) e milicianos travam uma guerra pelo controle do território de favelas como Rio das Pedras. Além da Aisp 18, as áreas

com maior letalidade são a Aisp 15 (Duque de Caxias), com 21 registros; a Aisp 16 (Olaria), com 20 ocorrências; a Aisp 41 (Irajá), também com 20; e a Aisp 39 (Belford Roxo), com 15 vítimas em julho. Os maiores aumentos da letalidade violenta em julho ocorreram nas áreas do 33º BPM (Angra dos Reis), que passou de uma vítima em julho do ano passado para oito no mesmo mês deste ano, do 16º BPM (Olaria), que foi de

três para 20 ocorrências, e do 40º BPM (Campo Grande), onde os registros subiram de um para seis. Das 41 Aisps do Estado do Rio, as mortes violentas ficaram estáveis ou caíram em apenas 15. O roubo de celular teve queda de 24% em julho, com 1.780 casos este ano, contra 2.347 no mesmo mês de 2025. No acumulado do ano, o índice teve queda de 20%. Já o furto de celular teve queda de 31% em julho: 2.818 casos no mês passado. O roubo de veículo também caiu no mês passado: teve redução de 22%, com 1.396 veículos roubados. Entre janeiro e julho, porém, o indicador teve alta de 10%.

Homem é preso com 147 cartões de crédito e débito

Suspeita é que ele aplique golpes na hora de receber o pagamento por venda de bebidas em eventos

PRISCILLA LITWAK E
HENRIQUE BARBI
grandorio@oglobo.com.br

Um homem foi preso em flagrante com 147 cartões de crédito e de débito em nome de outras pessoas, em Copacabana, na Zona Sul do Rio. Wanderson José Silva dos Santos é investigado por suspeita de envolvimento em um esquema de troca de cartões durante grandes eventos. A prisão aconteceu na noite da

última sexta-feira. Segundo a Polícia Civil, a investigação apura a suspeita da atuação de bandidos que trocam cartões de clientes durante pagamentos e que, posteriormente, os utilizam em transações fraudulentas. Wanderson foi autuado por receptação.

CRIMES JÁ IDENTIFICADOS

A abordagem ocorreu por volta das 22h20, nas proxi-



Investigação. Os cartões apreendidos com homem preso em Copacabana

midades do Posto 3, na Avenida Atlântica. Policiais da 12ª DP (Copacabana), com apoio de uma equipe da Polícia Militar, abordaram três homens.

Com Wanderson, foram encontrados os cartões. De acordo com a Polícia Civil, Wanderson relatou aos agentes que trabalhava na venda de bebidas em

eventos e que fazia a troca dos cartões dos clientes por outros semelhantes. A quantidade de cartões apreendidos levou os investigadores a analisar parte deles ainda durante a ocorrência. Em uma verificação por amostragem, os policiais constataram que pelo menos três estão relacionados a registros de ocorrência desse tipo de crime. Há casos de vítimas que relataram ter seus cartões trocados por vendedores de bebidas e, posteriormente, identificaram compras e saques que não reconheciam. Parte das ocorrências foi na área da 18ª DP, responsável pela região do Maracanã. Os investigadores vão aprofundar a apuração para verificar

se há relação entre esses casos e uma eventual atuação do esquema em outros grandes eventos da cidade. Em interrogatório formal, acompanhado por advogado, Wanderson apresentou uma versão diferente. Ele afirmou que teria encontrado uma bolsa com os cartões durante outro evento e que permaneceu com o material, sem utilizá-lo. A polícia, no entanto, manteve a prisão em flagrante. Os agentes agora trabalham para identificar os titulares dos cartões apreendidos. Na mesma ação, foi detido um camelô com 160 camisas, 16 bandeiras, sete calções, dois bonés e duas toucas de clubes de futebol e da seleção. Ele foi liberado.

Leitores



ACERVO

Pesquise notícias antigas do GLOBO

Site contém todas as edições digitalizadas desde a primeira, em 29 de julho de 1925



PARA
ACESSAR
APONTE
O CELULAR
PARA
O QR CODE

MENSAGENS

CARTAS@OGLOBO.COM.BR

As cartas, contendo telefone e endereço do autor, devem ser dirigidas à seção Leitores. O GLOBO, Rua Marquês de Pombal 25, CEP 20.230-240. Pelo fax, 2534-5535 ou pelo e-mail cartas@oglobo.com.br

Perdoai-o, Pelé

Dentre as inúmeras e frequentes tolices ditas por Flávio Bolsonaro, ele meteu mais esta: “Difícil comparar o filho do Pelé com o Pelé”. Depois das absurdas comparações com Messi, o Rei Pelé foi comparado ao Seu Jair, o rei da mentira. Edson Arantes do Nascimento merece mais respeito. Não é de hoje que ele sofre com as injustiças. Após marcar seu milésimo gol, Pelé fez um apelo histórico pela infância brasileira desamparada. Foi acusado de “demagogo” e “piegas”. Passados 57 anos do gol mil, crianças continuam morando nas ruas e catando comida nas lixeiras. Sobre os filhos de Jair Bolsonaro e o primogênito de Pelé, observamos algo em comum: problemas com a Justiça e acesso a bons advogados. DIMITRI VINAGRE RIO

Contém ironia

Estou extremamente preocupado com o inegável inominável, tendo em vista o começo da campanha eleitoral, já que D. Michelle é candidata a senadora e não vai poder cuidar o “Galego” (não entendi o apelido “carinhoso”). Acho que seria conveniente o retorno de Jair à Papuda, por prevenção, para que não aconteça o pior com ele, que, apesar do “histórico de atleta”, pode ter complicações e não conseguir cumprir a pena a que foi condenado. Contém ironia. FRANCISCO JOSÉ L. GUIMARÃES RIO

Haja celas...

Excelente a proposta — parece que unânime entre os

candidatos à Presidência da República — de, caso eleitos, construir “superpresídios”. Que pra lá sejam mandados também todos os supercorruptos políticos deste país. Vamos ficar torcendo para que a promessa seja cumprida! MARCELO CORREIA LIMA RIO

Mostra tua cara

Está chegando a hora de apostarmos firme em candidato à Presidência. Qual o plano de governo em que podemos confiar? Vai arrumar essa bagunça política? Não sabemos até agora. Briguinhas de comadre não resolvem o drama do Brasil. Mostra tua cara, candidato. Queremos acreditar num Brasil melhor para todos. PAULO CESAR PHILOT BARRADAS RIO

Silêncio diz muito

Em referência ao STF, tivemos, de uma semana para cá, os seguintes artigos no GLOBO: “Heróis ou vilões da democracia?” (Malu Gaspar); “Alexandre de Moraes já é um político” (Thais Oyama); “Banalizar sigilo é inovação perigosa” (Júlia Duailibi); e “O STF fora da lei” (Sardenberg). Em todos eles estão expostos os absurdos e as atitudes ao arrepio da lei de ministros do STF. São fatos tão incontestáveis que nenhuma das excelências refutou o que foi dito nesses textos. Tal silêncio deixa claro que, de fato, alguma coisa está profundamente errada no Brasil. Ministros encarregados de zelar pela Constituição fazem o que querem e rigorosamente nada acontece! Pobre país! EDGARDO JOAQUIM D. DO PRADO RIO

Inferno à porta

Além do medo que acomete a todos diante do que está por vir com este super-EI Niño que se avizinha, já mostrando temperaturas insuportáveis em grande parte do planeta, com queimadas e inundações em grande escala em diversos países, além dos terremotos que aconteceram recentemente na América Latina, na Espanha, na Indonésia e no Japão, observamos que não há programas por parte dos governos atuais para preparar a população para o que ainda pode vir a ocorrer. Precisamos urgentemente de projetos de todos, mais claros e específicos, de como reagir diante do que ainda pode acontecer. JANE ARAÚJO BRASÍLIA, DF

Não bastam leis

O editorial “Violência contra a mulher resiste a avanços legislativos” (16 de agosto) merece um elogio, porque faz um apanhado de leis para conter a prática de se bater em mulher, terrível e humilhante crime. Acontece que não bastam milhares de leis para conter isso se não houver um procedimento judicial apropriado. Enquanto houver profissionais desprovidos de sensibilidade para julgar os processos, vamos continuar vendo mulheres sendo mortas. Aproveito este espaço para sugerir que, nos crimes de feminicídio, se prenda o acusado no momento da queixa apresentada na fase policial e que ele fique preso até o julgamento final. JOÃO CARLOS DA CUNHA RIO

O dia que não chega

Quando foi descoberto o petróleo no pré-sal, disseram que finalmente o Brasil iria sair do Terceiro Mundo e se tornar um país rico e desenvolvido com dinheiro novo entrando na economia e resolvendo todos os problemas. Décadas depois, o petróleo do pré-sal foi exaurido, começa a acabar, e o país descobre novas reservas, desta vez na foz do Rio Amazonas. O dinheiro do pré-sal não foi capaz sequer de resolver o eterno problema da falta de coleta e tratamento de esgoto, que continua sendo jogado *in natura* em todos os rios e mares brasileiros. O Brasil não precisa de mais petróleo, precisa, isso sim, combater e erradicar a corrupção generalizada na política, do contrário, todo o dinheiro do petróleo da foz do Amazonas terá o mesmo destino das emendas parlamentares que não saem do papel: não vai resolver nada. MÁRIO BARILÁ FILHO SÃO PAULO, SP

Trombose nas vias

O Brasil sofre de “trombose rodoviária”: 48% das pontes rodoviárias têm mais de 50 anos e precisam de recuperação ou substituição. O Brasil vai parar com a obstrução dessas “vias de transporte”, as soluções não são rápidas e não há um programa (com verbas suficientes) para diagnosticar, projetar e executar. Conclusão: o Brasil vai, aos poucos, ficar inviável. ROBERTO SOLANO RIO

Quintal gigante

Demétrio Magnoli, em “No quintal de Rubio” (17 de agosto), analisa com profundidade o interesse americano, leia-se Marco Rubio, em fazer da América Latina o quintal dos EUA. Com todos os países de direita já subjugados a essa nova ambição, ao Brasil urge demonstrar que aqui não. Somos e seremos sempre soberanos. LUIZ HENRIQUE MOURA RIO

Tijuca livre

Ancelmo Gois comenta no GLOBO (15 de agosto) as atribulações por que passa a Tijuca sob cerco da bandidagem. Lembremo-nos desse bairro seminal para a expansão da cidade para a grande baixada a norte do centro histórico. Sabemos qual a solução: romper o sítio da orla de favelas que envolvem o bairro em suas encostas íngremes. Sendo essas em sua maioria estabelecidas pela miséria (falta de habitação acessível aos destituídos) em locais perigosos pela possibilidade de desmoronamento das vertentes inclinadas e inurbanizáveis (ideais como esconderijo de malfeitores), cabe ao estado arranjar terrenos públicos ou desapropriáveis para grande programa habitacional que possa acolher os cidadãos obrigados a se instalar nas atuais favelas. Nada da blasfêmia de exilar moradores favelados para o cafunô do judas. Habitação digna com transporte público, escola, centro de saúde, mercado e serviços públicos básicos. A bandidagem detesta, e a cidadania agradece. RAUL CAMPOS RIO

Talvez 2060...

Chamada do jornal fala em “esperança sobre trilhos”, metró até o Recreio! Quando abro a matéria para ler, o sonho revela-se antigo pesadelo... data inicial: 2045! Como tudo atrasa, ou fica incompleto, quem é novo se prepare para 2060! O mais inacreditável é ler, ainda, discussões e opiniões de autoridades. Avenida das Américas, Ayrton Senna... não cabem mais veículos, é um martírio diário! No entanto, prédios e mais prédios gigantescos ainda sendo construídos, subindo e logo estarão prontos! Aonde a prefeitura espera chegar liberando obras de prédios enormes, aumento nos gabaritos (antes proibido) e nada de infraestrutura? Retornos com filas quilométricas... 6h30, já o trânsito engarrafa desde o Recreio e vai assim até a Gávea! Bois indo pro matadouro, é como vejo os motoristas em seus carros, sem ter o que fazer em meio ao trânsito cada vez maior. JOSÉ OLIVEIRA RIO

Rapel

Quero expressar meu mais profundo agradecimento à equipe do 17º Grupamento de Bombeiros Militar que resgatou cãozinho em uma encosta no Cantagalo. Com empenho, técnica e sensibilidade desses bombeiros, o animal foi salvo de uma situação de extremo risco. Por conta da forma impressionante em que se deu seu resgate, ele foi carinhosamente batizado por nós de Rapel. WALTER ESCOBAR RIO

APLICATIVO O GLOBO

O app oferece funções que facilitam a navegação, além de unir todo o conteúdo on-line e impresso. Baixe agora ou atualize o aplicativo disponível na **Apple Store** e no **Google Play**

Menu de navegação



Como navegar
A tela inicial destaca o conteúdo on-line que pode ser atualizado

Em Biblioteca,
as matérias salvas do aplicativo ficam guardadas

Em Banca,
o leitor pode baixar a edição impressa em duas versões: jornal e texto

Em Editorias, o leitor consegue acessar suas seções preferidas

Ao clicar no símbolo, o leitor pode salvar uma matéria para leitura posterior

O time de colunistas do GLOBO está reunido em um único lugar no app

NEWSLETTERS



Política, economia, cultura, saúde, diversão: escolha os temas de sua preferência e inscreva-se em oglobo.globo.com/newsletter para receber uma seleção de conteúdo em sua caixa de e-mail

EXCLUSIVAS
Só os assinantes têm acesso a “Dois Minutos – Tarde” (um resumo do noticiário mais quente do dia) e “Clube O Globo” (que destaca ofertas e benefícios)

HÁ 50 ANOS

Tragédia nas Filipinas: 1.545 mortos até agora 18/8/1976



EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

Clube O GLOBO

CONSULTE CONDIÇÕES DA OFERTA NO SITE CLUBE.OGLOBO.COM.BR

Viagem sem stress do início ao fim

Com uma cobertura que garante suporte em cada detalhe do seu roteiro, os seguros viagem da Universal Assistance trazem tranquilidade para todos os seus destinos. Assinantes ganham 30% OFF em serviços. Mais no site.

30% desconto



DIVULGAÇÃO

O sabor fresco dos pescados à mesa

Fundada em 1994, a Toca da Traíra, com unidades na Barra, no Centro e na Tijuca, torna o seu almoço ainda mais gostoso com o frescor dos pescados de água doce. Quem faz parte do Clube aproveita 15% OFF no cardápio.

15% desconto



DIVULGAÇÃO

POR BEATRIZ ZANOLI
beatriz.zanoli@edglobo.com.br

LOTERIAS

LOTOMANIA (concurso 2.964): 7. 13. 14. 16. 25. 29. 33. 40. 41. 44. 56. 60. 61. 64. 67. 68. 73. 77. 83. 85. **QUINA** (concurso 7.094): 17. 24. 26. 42. 80. **DUPLA SENA** (concurso 2.997): 1º sorteio — 20. 23. 25. 28. 41. 50; 2º sorteio — 4. 8. 19. 31. 41. 46. **LOTOFÁCIL** (concurso 3.764): 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 12. 13. 15. 18. 21. 22. 25. O leitor deve checar os resultados também em agências oficiais e no site da CEF porque, com os horários de fechamento do jornal, os números aqui publicados, divulgados sempre no fim da noite pela CEF, podem eventualmente estar defasados.



Esportes



CRISE SEM FIM
Dirigente que fez críticas deixa Fifa
Kevin Lamour atuava como diretor de operações da entidade



Estudo mostra se vale a pena técnico ser ‘reclamão’

Mais indisciplinados têm maior média de jogos no cargo, mas Abel Ferreira é responsável pela diferença entre os grupos; António Oliveira e Luis Zubeldía levam menos tempo que técnico do Palmeiras para levar cartão

LEONARDO SIQUEIRA
leonardo.brito.rpa@edglobo.com.br

MARCO GALVÃO / ZIMEL PRESS/ 14-1-2026



Cena repetida. Abel Ferreira reclama com árbitro em partida do Palmeiras

Reclamar adianta? Um estudo realizado pelo Bolavip Brasil levantou o aproveitamento dos técnicos do futebol brasileiro nos últimos cinco anos e o relacionou com números e médias de cartões recebidos. Os dez treinadores mais indisciplinados têm, em média, mais jogos à frente de suas equipes do que os mais disciplinados: 158 contra 142. Já o aproveitamento dos dois grupos é quase idêntico: 1,59 contra 1,57 ponto por partida para os mais “irritadinhos”.

O responsável pela vantagem no ranking de longevidade e de pontos dos indisciplinados é Abel Ferreira, do Palmeiras, técnico com mais jogos e melhor aproveitamento no período. Famoso por seu temperamento efusivo na beira do campo e suas críticas à arbitragem, o português soma 76 cartões em 332 jogos. Se excluir Abel das contas, os grupos de disciplinados e indisciplinados ficam praticamente empatados.

Quando se leva em conta o total de partidas, porém, o comandando alviverde não é o mais indisciplinado, já que, em média, leva 4,37 partidas

para receber um cartão. Quem leva menos jogos para receber um cartão é António Oliveira, compatriota de Abel Ferreira, que tem passagens por Cuiabá, Coritiba, Corinthians, Sport e Remo, com um

cartão a cada 3,03 jogos, e atualmente está sem clube. Já o argentino Luis Zubeldía, ex-São Paulo e demitido na semana passada do Fluminense, completa o pódio dos indisciplinados, em segundo, com média

Técnicos mais indisciplinados

TÉCNICO	CLUBE ATUAL	JOGOS	PONTOS POR JOGO	CARTÕES TOTAL	JOGOS A CADA CARTÃO RECEBIDO
António Oliveira	Sem clube	109	1,33	36	3,02
Luis Zubeldía	Sem clube	160	1,75	48	3,34
Abel Ferreira	Palmeiras	332	2,06	76	4,36
Odair Hellmann	Athletico-Pr	92	1,58	16	5,75
Fernando Diniz	Corinthians	242	1,58	41	5,9
Jorge Sampaoli	Talleres-Arg	73	1,6	12	6,08
Mano Menezes	Seleção do Peru	192	1,56	31	6,19
Maurício Barbieri	Juventude	124	1,4	20	6,2
Vitor Pereira	Sem clube	85	1,61	12	7,08
Thiago Carpini	Sem clube	175	1,47	24	7,29

de 3,33. Embora os números não sejam suficientes para assumir que o comportamento garanta mais longevidade dos técnicos, a postura combativa costuma ser bem vista pela torcida e uma forma de pressio-

nar a arbitragem. —Esse tipo de comportamento do treinador, que o leva a ser punido com cartão, muitas vezes é pensado, até performático, para fazer pressão sobre um juiz no

próximo lance ou ser aceito pela torcida de uma forma mais fácil — avalia Rodrigo Coutinho, comentarista do Grupo Globo.

O EXEMPLO OPOSTO

Na outra ponta da tabela, Filipe Luís, ex-Flamengo, aparece como o mais disciplinado do futebol brasileiro no recorte, com apenas um cartão em 108 jogos. Multicampeão pelo rubro-negro, ele é o técnico com o segundo melhor aproveitamento da lista, com 2,01 pontos por jogo, atrás apenas de Abel Ferreira. Os dois têm rendimentos parecidos, mas números opostos de cartões. Filipe Luís, inclusive, levou a melhor duas vezes sobre o português no ano passado com os títulos do Campeonato Brasileiro e da Libertadores, marcados por questionamentos à arbitragem de ambos os lados durante a temporada.

Na sequência da lista, aparecem os técnicos Léo Condé, com passagens por Sampaio Corrêa, Vitória e Ceará e atualmente no Remo, que, em média, passa cerca de 57 jogos para levar um cartão, e Vagner Mancini, ex-América-MG, Ceará, Atlético-GO e Goiás e hoje no Red Bull Bragantino, com média de 44,2.

CBF faz balanço positivo de estreia de regras ‘anticera’

Média do tempo de bola rolando nos jogos da 23ª rodada aumentou em 5%

A primeira experiência do Campeonato Brasileiro com o novo pacote de medidas contra a cera apresentou um avanço no tempo efetivo de jogo, mas ainda não suficiente para alcançar o patamar pretendido pela CBF. Nos nove jogos da 23ª rodada disputada no fim de semana (Inter x Remo, realizado ontem, ficou fora da avaliação), a bola rolou, em média, por 55 minutos e 29 segundos. São 2 minutos e 35 segundos a mais que os 52min54s registrados no estudo da entidade até a pausa para a Copa do Mundo, que serviu de base para a mudança, um avanço de 4,9%. Por outro lado, a marca ainda está 1min31s

abaixo do piso de 57 minutos que a CBF aponta como objetivo para uma segunda etapa de evolução.

—Esse primeiro fim de semana com a implementação das novas regras traz um balanço muito positivo. Ainda é prematuro falar em consolidação dos resultados, mas já foi possível perceber avanços importantes em diversos jogos. — disse Netto Góes, diretor de Arbitragem da CBF.

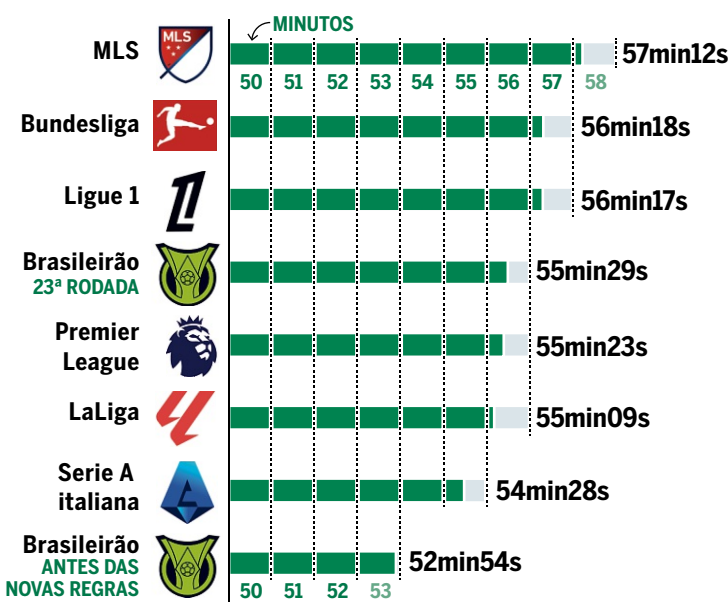
— O aumento do tempo de bola rolando contribui diretamente para um jogo mais fluido, mais dinâmico e, principalmente, para a entrega de um produto cada vez melhor ao torcedor.

A melhora não foi uniforme. Seis dos nove jogos ficaram acima dos 52min54s usados como referência pela CBF. Apenas três atingiram ao menos 57 minutos, e somente Athletico-PR x Bragantino rompeu a barreira dos 60. O outro extremo foi Vasco x Santos, com 48min58s, quase quatro minutos abaixo da antiga média do campeonato.

LEI VINI JR. APLICADA

Embora a amostra de nove jogos seja pequena, a comparação internacional ajuda a dimensionar o avanço. No mesmo relatório elaborado pela CBF, o Brasileirão aparecia atrás das cinco principais ligas

Tempo médio de bola rolando nas principais ligas



europeias e da MLS (EUA). A média de 55min29s obtida nos jogos do fim de semana, porém, supera o tempo de bola em jogo da Premier League (Inglaterra), com 55min23s, da LaLiga (Espanha), com 55min08s, e da Série A italiana, com 54min28s.

—Estamos falando de uma mudança significativa, que exige adaptação de todos os envolvidos. Tivemos uma preparação importante dos nossos árbitros, mas também contamos com a compreensão e a cooperação dos clubes, atletas e comissões téc-

nicas — disse Sandro Meira Ricci, presidente da Comissão de Arbitragem da CBF. — Buscaremos um avanço ainda maior, principalmente com uma atitude mais proativa dos árbitros para agilizar os reinícios das partidas e com um tempo de acréscimo mais consistente com o tempo perdido com jogo parado.

Além das regras que visam aumentar a fluidez do jogo, houve também um caso de aplicação do chamado “protocolo Vini Jr.”, em Vitória x Botafogo. O atacante alvinegro Arthur Cabral foi expulso após o jogo por se dirigir ao técnico Jair Ventura com a mão sobre a boca.

As novas regras de arbitragem entram em vigor na Série B nesta semana a partir do jogo de hoje entre Londrina x Atlético-GO. Além das Séries A e B do Brasileirão, a Copa do Brasil (Masculina e Feminina) e o Feminino A1 também terão a adoção do pacote de novidades.

Flamengo e Pulgar terão ‘Dia D’ para renovação

Flamengo e Pulgar vão ter o dia “D” com a definição sobre a renovação do contrato e a valorização do volante chileno depois do jogo contra o Cruzeiro, pelas oitavas de final da Libertadores, na quinta-feira. Tanto o clube quanto o jogador congelaram as movimentações na última semana em função da partida decisiva e também pelo imbróglgio envolvendo os valores apresentados. O Flamengo fez uma oferta com

aumento salarial e extensão do contrato do fim de 2027 para o fim de 2028. Mas Pulgar entendeu que ainda não foi equiparado a companheiros que desempenham funções parecidas, mas custam mais caro. Caso a valorização não aconteça, o jogador de 32 anos deve buscar novos ares e clubes do Oriente Médio aparecem como principais interessados.



À espera. Pulgar em treino do Flamengo no Ninho

Vasco Jair tem grave lesão na coxa confirmada

Com o Vasco na zona de rebaixamento e somando apenas 22 pontos em 22 jogos, o técnico Pedro Emanuel ganhou uma dor de cabeça a mais. O exame feito na coxa direita de Jair apontou uma lesão de grau 3. Pelo diagnóstico, a previsão é de que o volante fique afastado dos gramados por mais de um mês. O Vasco ainda acompanhará a evolução do volante durante o trata-

mento antes de estabelecer uma data para o retorno aos gramados. Mas já é certo que ele perderá os próximos jogos do Brasileiro e a disputa contra o Vitória, pelas quartas da Copa do Brasil. O jogador precisou ser substituído aos 12 minutos do primeiro tempo da derrota para o Santos, quando reclamou de dor na região.

Renovação de Memphis com Corinthians Conselho aguarda documentos e números

O presidente do Corinthians, Osmar Stábile, ainda não apresentou ao Conselho de Orientação (Cori) os documentos, contratos e números da negociação para a renovação de Memphis Depay, segundo o blog do Diogo Dantas, no GLOBO. A situação inviabiliza, no momento, um parecer do órgão sobre o possível novo vínculo do atacante. Há um incômodo entre membros do Cori porque Stábile

le pediu que o órgão analise uma negociação conduzida pela diretoria há meses, mas não encaminhou previamente o material necessário para que os conselheiros possam avaliar as condições do acordo. Stábile procurou o órgão nos últimos dias depois de voltar atrás na nota oficial sobre a não renovação e reabrir a possibilidade de um acordo com o holandês.

FOTOS DE MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE

‘BASTA ACREDITAR’

Fluminense chega renovado para escrever nova história na Libertadores



Que frio! Jogadores se agasalham para treino em Mendoza

LUCAS RIBEIRO
lucas.ribeiro.rpa@edglobo.com.br

Nada como um jogo após o outro. Se os tricolores estavam pessimistas em relação a uma classificação para as quartas de final da Libertadores antes da demissão de Luis Zubeldía, a reestrea do interino Marcão fez a torcida acreditar que “um novo dia vai raiar”, como diz a música “Tá escrito”, do Grupo Revelação, que embalou a torcida na conquista do título em 2023. A troca no comando técnico, seguida pela vitória de virada sobre o Palmeiras, pelo Brasileirão, mostrou uma mudança de postura da equipe e renovou a esperança para a partida mais importante para o clube no ano até aqui: diante do Independiente Rivadavia, hoje, às 19h (de Brasília), em Mendoza, na Argentina.

Como o duelo de ida terminou em 0 a 0 no Maracanã, o tricolor precisa vencer para avançar, enquanto um empate leva a decisão para os pênaltis.

—O futebol tem dessas. Já passamos por isso em várias situações. Mesmo sabendo que nosso comandante era um cara importante e que tinha o carinho de todos. Mas não vinha dando certo. A mudança de energia dentro do grupo foi o principal fator para a virada de chave — destacou o lateral-direito Guga antes do treino de ontem, já em solo argentino, no estádio Feliciano Gambarte, do Godoy Cruz.

Apesar da injeção de ânimo após o acionamento do “Pro-

Segue à frente.
Marcão reestreou contra Palmeiras

toloco Marcão”, o desafio do tricolor segue grande. Afinal, o Rivadavia criou as chances mais claras no jogo de ida e, agora, tem a vantagem de jogar diante do apoio de sua torcida, que, por sua vez, não deve lotar o Malvinas Argentinas, com capacidade para cerca de 42 mil pessoas —na fase de grupos, as equipes empataram em 1 a 1 no local. A casa do time argentino é o acanhado Bautista Gargantini (24 mil), mas o estádio não atende às exigências da Conmebol.

Embora já tenha comandado o tricolor mais de 70 vezes, Marcão só esteve à frente da equipe em

jogos de mata-mata em três oportunidades e ainda não venceu. Foram duas derrotas e um empate (aproveitamento de 11%).

O ex-volante dirigiu apenas um confronto completo, contra o Atlético-MG, em 2021, quando o Flu foi eliminado após duas derrotas na Copa do Brasil. Diante do Corinthians, pela Sul-Americana de 2019, o interino comandou apenas o jogo de ida, em Itaquera, que terminou empatado em 0 a 0, após a demissão de Fernando Diniz e antes de entregar o time a Oswaldo de Oliveira. Na volta, já com o novo treinador, o Flu empatou por 1 a 1 no Maracanã e foi eliminado pelo então critério do gol fora de casa.

THIAGO E MAIS QUEM?

Em sua estreia na Libertadores, Marcão deve manter a base da equipe que venceu



Ind. Rivadavia
Bolcato; Bonifacio; Villalba, Studer e Elordi; Leonard Costa, Bottari, Bucca e Matías Fernández; Maxi Salas e Álex Arce. Técnico: Alfredo Berti.

Local: Estádio Malvinas Argentinas, Mendoza (Argentina). **Horário:** 19h. **Árbitro:** Andrés Rojas (Colômbia). **Transmissão:** Dinsey+ e Rádio CBN.



Fluminense
Fábio; Guga, Thiago Silva, Ignácio (Jemmes) e Renê; Martinelli, Hércules e Ganso; Soteldo, Canobbio e Hulk. Técnico: Marcão.

o Palmeiras. Quem volta a ser titular é Thiago Silva, que foi poupado do último jogo e, como grande amigo do treinador, atuou como uma espécie de auxiliar no banco de reservas.

A dúvida é justamente sobre o companheiro de Thiago. Suspenso pelo terceiro amarelão no último jogo do Brasi-

leirão, Ignácio vive melhor momento do que Jemmes, Millán e Freytes, recém-recuperado de lesão no tornozelo direito, mas o camisa 4 atua pelo lado direito, onde o capitão também prefere jogar, enquanto os demais atuam pela esquerda, o que forçaria uma mudança de lado do experiente defensor.

No ataque, a tendência é que o trio seja novamente formado por Soteldo, Canobbio e Hulk. Mais atrás, Ganso também deve começar jogando ao lado de Martinelli e Hércules, após boa atuação na partida contra o Palmeiras. O camisa 10, inclusive, não só foi titular, como assumiu a bragaadeira de capitão sob o comando de Marcão e inicia uma volta por cima no Fluminense.

Com contrato até o fim deste ano, Ganso chegou a pedir para não jogar contra o Mirassol, antes da parada para a Copa do Mundo, para não superar o limite de partidas e poder se transferir para outro clube. Mas as negociações não avançaram e ele permaneceu no tricolor.

SAVARINO FAZ EXAME

Enquanto Ganso volta a ganhar mais espaço com a troca no comando técnico, Savarino e Lucho Acosta não chegam perto do que já jogaram juntos nesta temporada. O venezuelano, aliás, sequer viajou com a delegação tricolor para Mendoza ao sentir dores na panturrilha direita. Ele fez exames ontem, mas, a princípio, apenas teve uma contratura na região e não preocupa para a sequência de jogos.

Outros jogadores que estão fora da partida decisiva são Igor Rabello e Riquelme. O zagueiro sofreu uma luxação no ombro esquerdo na partida contra o Palmeiras e deve precisar passar por cirurgia. Já o jovem atacante reclamou de dores no púbis após o treino do domingo passado, sendo que já havia ficado fora da relação no último jogo, mas por opção técnica. Pouco utilizado por Zubeldía, o Moleque de Xerém ficou marcado por colocar um emoji de agradecimento no post do Fluminense sobre o anúncio da demissão do argentino, mas apagou logo depois.

Botafogo deve oficializar saída de Franclim Carvalho hoje

Avaliação será levada ao futuro dono da SAF, que dará a palavra final

DIOGO DANTAS E
JOÃO PEDRO FRAGOSO
esporteglb@oglobo.com.br

Com o futuro do comando do futebol em aberto, o Botafogo deve bater o martelo hoje sobre Franclim Carvalho. A expectativa é de que a demissão do técnico seja confirmada. A diretoria aguarda apenas o desembarque no Rio de Gabriel de Alba, fundador da GDA Luma, gestora de fundos de investimento interessada na SAF alvinegra, para ratificar a decisão que já vinha sendo elaborada desde ontem.

A SAF entende que a demissão do português é o melhor caminho. Mas os diri-

gentes alvinegros querem ouvir o empresário mexicano, que chega hoje para conhecer a estrutura do Botafogo, antes de baterem o martelo. O entendimento é que, com uma operação de venda das ações do clube para a GDA Luma em andamento, é de bom tom levar em conta a opinião do futuro novo dono sobre as diretrizes do futebol.

Até porque a empresa já destinou recursos para o Botafogo e se comprometeu a injetar mais dinheiro. De acordo com o processo de recuperação judicial, a SAF já deve R\$ 186 milhões à GDA Luma.

Como o elenco ganhou folga ontem, o dia foi dedicado exclusivamente à discussão sobre a permanência de Franclim. Ela envolveu os principais responsáveis pelo futebol alvinegro, como o presidente do clube associativo, João Paulo Magalhães, o diretor-geral Eduardo Iglesias, além dos executivos da pasta.

Franclim teve uma valorização salarial depois de ser alvo do Vasco no meio do ano. Passou de técnico apostado para disputado e começou a tomar decisões sobre a equipe que desagradaram internamente. Esses relatos devem ser feitos a De Alba



Fim da linha. Técnico Franclim Carvalho em Botafogo x Vitória, no Nilton Santos

MARCELO THEOBALD / 23.7.2026

pela diretoria do Botafogo.

A principal queixa é a forma como o português utiliza alguns jogadores fora de posição. Danilo é um exemplo. Após a Copa do Mundo, já jogou na frente da área, na criação, como falso nove, e demorou a ser usado como segundo homem do meio-campo pelo lado esquerdo, onde rende melhor.

Rodrigo Bellão, treinador do sub-20, é o mais cotado para assumir o lugar de Franclim. À frente do time principal nas primeiras rodadas do Campeonato Carioca, ele tem boa aceitação interna e é visto com potencial para agarrar a oportunidade caso a direção não queira investir na contratação de um novo treinador. O profissional da base tem também a licença Fifa-Pro, certificação máxima para treinadores emitida por confederações continentais, como a UEFA Pro na Europa ou a Licença PRO da CBF no Brasil.

SILVIO ESSINGER
silvio.essinger@oglobo.com.br

Mais do que um disco, um manifesto. Em 1984, quando Marina Lima lançou “Fullgás”, o Brasil se agitava entre um movimento político (as Diretas Já, clamando por democracia depois de duas décadas de ditadura) e um outro, artístico: a emergência do rock e suas novidades de linguagem, diante de uma MPB que revelara a própria Marina mas se via com dificuldades para se comunicar com os jovens. “Como a música é a expressão mais viva da cultura do Brasil, é justamente a ela que os caretas tentam impor sua ordem. E a ordem dos caretas é e sempre foi a das fidelidades às tais ‘raízes’ ou ‘purezas’ ou sabemos lá o quê”, afirmou em texto, encartado no LP, Antonio Cicero (1945-2024), poeta, parceiro e irmão de Marina.

Quarenta e dois anos depois, este disco que catapultou a cantora, com muito sucesso, para uma nova era, será celebrado no próximo domingo em São Paulo, no Parque Ibirapuera, em show na primeira edição do festival C6 no Rock. E, de quebra, promoverá o reencontro de dois amigos, parceiros e almas afins, separados pelo destino e pela necessidade de conduzir suas próprias carreiras: Marina, hoje com 70 anos, e Lobão, de 68. Baterista e compositor de “Fullgás” (em especial, do hit “Me chama”), ele participa do show ao lado de Liminha — baixista que deixou sua assinatura na faixa-título, e que se tornaria o grande produtor das bandas e artistas que despontaram no rock brasileiro.

LIVRO E POESIA AO IR PARA A PRISÃO

Mal dava para disfarçar a alegria da dupla no reencontro promovido por Zoom pelo GLOBO — nos últimos tempos, é raro os dois estarem juntos.

— Eu era uma mulher solo e contava com a simpatia e a lealdade dos músicos. Você gostava de mim, e o fato de ser mulher não te intimidava. Conheci você até com a sua mulher, inclusive — disse Marina, a Lobão.

— Você ia me buscar lá em casa de Puma! — recorda-se o cantor, que no começo dos anos 1980 foi baterista da banda de Marina e ficou muito próximo da família da amiga. — Quando eu fui preso (*em 1987, por porte de drogas*), o Cicero foi me visitar. Ele levou o (*livro do poeta inglês W.H.*) Auden que eu tenho ainda, autografado.

Ainda sentindo a perda de Antonio Cicero (que optou em 2024 pela morte assistida, depois de ser diagnosticado com Alzheimer) e do parceiro Alvin L (que morreu em

Tempo de paz.

“Moro num lugar que é como se fosse um sítio, vejo pouquíssima gente. No domingo, abro a porta, desligo tudo e fico só ouvindo o silêncio”, diz Lobão, hoje vivendo na Zona Sul paulistana: ele e Liminha estarão em show que vai celebrar o LP “Fullgás”, de Marina, na primeira edição do C6 no Rock



‘A GENTE ESTAVA A FIM DE AVENTURA’

LOBÃO, QUE PARTICIPA DE SHOW DE MARINA LIMA EM FESTIVAL EM SÃO PAULO, RELEMBRA HISTÓRIAS EM CONVERSA COM A CANTORA E CONTA QUE DEVE MUITO DE SUA CARREIRA A ELA: ‘EU, VOCÊ, CAZUZA, TODO MUNDO VIVIA ASSIM. E AS MÚSICAS TODAS ERAM RETRATOS DE COMO A GENTE SE JOGAVA NO MUNDO’

abril), Marina Lima festejou o reencontro.

— Lobão foi meu músico e ficamos ligados, percebemos ter várias coisas em comum. A época em que eu estava concebendo “Fullgás” foi, acho, o auge da nossa amizade. A gente tinha muita intimidade, a gente trocava muita impressão sobre música, sobre canções — abre o coração Marina. — Me sensibiliza muito reencontrá-lo, por ter sido tão bom aquilo, tão à frente do tempo...

Para Lobão, a amizade com Marina tinha mesmo que acontecer:

— A gente estava a fim de aventura. Eu, você, Cazuza, todo mundo vivia assim. E as músicas todas eram retratos de como a gente se jogava no mundo.

A cantora conta que, além de ser baterista, o amigo “tocava muito bem o violão, que era o meu instrumento, e gostava de mostrar músicas, algumas até clássicas”:

— Aí, ele me mostrou essa parceria dele com Júlio (*Barroso, da Gang 90 e as Absurdettes, banda com qual Lobão tocou bateria*), e é claro que eu quis gravar.

A música era “Noite e dia”, que Marina lançou, com sucesso, em seu quarto álbum, “Desta vida, desta arte”, de 1982. Era o relato da paixão arrebatadora que tanto Júlio quanto Lobão descobriram sentir por Marina e por Alice Pink Pank, da Gang 90 (e que, para não brigarem, resolveram sublimar em uma canção).

Naquela mesma época, quando o baterista tinha saído da Blitz, Marina deu o toque: “Olha, você tem que ser compositor, você tem que fazer seu repertório.” E foi com ele para o estúdio para fazer aquele que seria o seu primeiro LP solo, “Cena de cinema” (1982). A faixa-título, por sinal, é uma parceria de Lobão e Marina com o poeta Bernardo Vilhena.

— Aquela música é o máximo, porque é completamente você! “Estava queimando no meu carro a tal da gasolina”... esse é o seu jeito de compor! Tem uma amaciada com a minha chegada — conta a cantora.

Lobão lembra bem de como foi que tudo aconteceu.

— Eu tinha feito uma segunda parte para a música, meio Elvis Costello, “lá embaixo não tem estrela”, e você chegou e disse: “não, é ‘lááááááá embaixo’ (risos). Aquela respiração ficou sensacional, sem ela a música ia ficar completamente perdida! — garante. — Eu era muito tímido, então, quando eu tive que sair da bateria, aquilo me deixou apavorado, passei uns anos, dez anos para poder me adaptar à nova realidade. Mas eu devo tudo isso majoritariamente à Marina. Foi ela que me empurrou, assim, vai, vai nessa!”

COM GERALD THOMAS, PÁG. 2



Ponte aérea.

Marina lembra o motivo de também ter se mudado para São Paulo, quando chegou um momento em que “o único lugar que existia no Rio para festa, casamento, tudo mais que se pudesse ter era o Circo Voador. Comecei a achar que estava muito esquisito”



OBITUÁRIO • HAYDEN PANETTIERE ATRIZ, 36 ANOS

ESTRELA QUE BRILHOU EM SÉRIES COMO ‘NASHVILLE’

Atriz americana Hayden Panettiere tinha apenas 11 meses de idade quando apareceu em um comercial de TV, em 1990. Três anos depois estreou como atriz na novela “One life to live, da ABC, papel em que se manteve até 1997. Ao dublar a formiga Dot no filme de animação “Vida de inseto” (1998), da Pixar, Hayden foi indicada ao Young Artist Award e ao Grammy Award, tornando-se a quinta pessoa mais jovem a receber uma indicação ao Grammy.

Outro grande destaque da atriz nova-iorquina, nascida Hayden Lesley Panettiere em 21 de agosto de 1989, foi na série de ficção científica “Heroes” (2006-2010), na qual interpretava Claire Bennet, uma jovem líder de torcida com poderes de regeneração. Ela também fez sucesso entre 2012 e 2018, quando encarnou a cantora em ascensão Juliette Barnes no drama musical “Nashville”. Esse papel consolidou a atriz como um dos principais nomes da televisão americana de sua geração.

No cinema, Hayden participou de filmes como “Um presente para Helen” (2004) e “Sonhos do gelo” (2005). Em “Eu te amo, Beth Cooper” (2009), interpretou a garota mais desejada do colégio e fez par romântico como o tímido Denis (Paul Rust). Em 2000, chamou atenção ao interpretar a garotinha Sheryl em “Duelo de titãs”, ao lado de Denzel Washington. Também surpreendeu o público com sua participação em “Pânico 4” (2011) e “Pânico 6” (2023).

Em dezembro de 2007, a atriz foi indicada pela revista GQ como “obsessão do ano”.



Talento. A atriz Hayden Panettiere em 2014: trajetória bem-sucedida e problemas de saúde após nascimento da filha

ARTISTA AMERICANA, QUE COMEÇOU A GRAVAR COMERCIAIS QUANDO AINDA ERA BEBÊ, GANHOU DESTAQUE TAMBÉM EM FILMES COMO ‘DUELO DE TITÃS’, COM DENZEL WASHINGTON, E NA FRANQUIA ‘PÂNICO’

Ao longo da carreira, Hayden passou a falar publicamente sobre as dificuldades de crescer sob os holofotes. Em maio passado, lançou a autobiografia “This is me: a reckoning” (sem edição no Brasil). No livro, ela revelou ter enfrentado uma profunda depressão pós-parto depois do nascimento da filha, em dezembro de 2014. A atriz contou que, após um parto complicado e uma cirurgia de emergência, não conseguiu sentir qualquer emoção ao ver a recém-nascida.

“Eu precisava descobrir como criar um vínculo com ela. Parecia uma tarefa impossível, e eu estava apenas no primeiro dia”, escreveu ela. “Não era pânico o que estava no meu peito. Era nada. Um apagão total de emoções, como se minha alma estivesse morta.”

Os sintomas se agravaram nos meses seguintes, quando a atriz tentou encontrar no álcool uma forma de recuperar alguma sensação de bem-estar. Ainda segundo a autobiografia, cerca de quatro meses depois do parto, ela passou a beber uma garrafa de vinho por noite.

“A primeira coisa em que eu pensava quando acordava era álcool. Não era minha filha, não era meu trabalho nem o resto da minha vida. Eu precisava de uma bebida para funcionar — às seis da manhã”, afirmou.

Entre a terceira e a quarta temporadas de “Nashville”, a atriz procurou uma clínica de reabilitação pela primeira vez e recebeu o diagnóstico de depressão pós-parto.

Hayden voltou ao tratamento posteriormente e, em 2018, quando a garota ti-

nha 3 anos, seu então companheiro, o ex-campeão mundial de boxe peso-pesado Wladimir Klitschko, pediu a guarda integral da menina, alegando preocupação com os cuidados que a filha recebia enquanto estava com a mãe.

A atriz acabou concordando que a filha fosse morar com o pai na Ucrânia. Em suas memórias, ela afirma que a decisão foi uma das experiências mais dolorosas de sua vida.

‘LUZ EXTRAORDINÁRIA’

Hayden Panettiere morreu domingo, aos 36 anos. Segundo o site TMZ, um amigo da atriz ligou para a emergência após encontrá-la inconsciente em uma casa em Greenville, na Carolina do Sul. Quando os policiais e paramédicos chegaram ao local, encontraram a atriz inconsciente. Apesar dos esforços da equipe médica, suas manobras não conseguiram reanimá-la. Hayden foi declarada morta às 14h32. Segundo a revista People, na conversa entre os socorristas, houve referências a uma possível overdose e parada cardíaca.

As circunstâncias da morte ainda não foram divulgadas oficialmente.

Em comunicado, o pai da atriz, Skip Panettiere, pediu privacidade.

“É com profunda tristeza que compartilhamos a morte trágica de nossa amada Hayden. Ela era uma luz extraordinária e uma força da natureza, que levou amor e alegria imensuráveis a todos que tiveram a sorte de conhecê-la — e aos milhões que a acompanharam nas telas”, afirmou.

CONTINUAÇÃO DA CAPA

‘ELE TINHA FEITO UMA BALADA, ERA ‘ME CHAMA’’



DIVULGAÇÃO/CRISTINA GRANATO

Afinados. No Canecão, Cazuza, Lobão (que se apresentava na antiga casa de shows) e Marina: movimento de rock

Em “Dessa vida, dessa arte”, Marina já tentava fazer sua transição para o rock. Lobão lembra de os dois terem criado juntos o arranjo para a canção “Acho que dá” (“foi quando eu senti que você estava nessa”, entrega o amigo).

— Eu não gosto desse disco por causa da produção. Eu ainda estava na gravadora Ariola, e o diretor artístico era o (Marco) Mazzola, um cara importantíssimo, que me descobriu. Mas, como produtor, eu acho que ele não poderia me entender — justifica-se Marina.

Aí ela foi para a PolyGram, onde começou fazendo “Fullgás”. Um disco em que queria teclados e baterias eletrônicas. E para o qual recebeu a primeira ideia da faixa “Nosso estilo” de um Lobão “que ouvia coisas loucas” e que havia ganhado um Casiotone (sintetizador portátil japônês) de Alice Pink Punk, então sua namorada.

— Ele criou o mote de teclado, tudo aquilo é uma coisa muito new wave, a mais acelerada do disco — conta Marina, que, ao ouvir a música, levou para o irmão, Cicero, fazer a letra. — Toda a concepção da música é do Lobão, só o que a gente fez foi botar isso numa maneira mais profissional. Mas, quando a gente foi gravar, eu quis que ele voltasse,

para gravar os backing vocals. Parecia que estavam tirando algum demônio dele, era, sei lá, um uiivo.

Lobão faz sua confissão.

— Eu estava empacado, eu não conseguia fazer melodia, aquilo era a única coisa que eu consegui vocalizar!

Os trabalhos de “Fullgás” estavam a todo vapor quando, recorda-se Marina, Lobão ligou de um orelhão.

— Ele falou: “Não tô legal, cara, vem aqui!” Então eu fui a São Conrado e ele disse que tinha feito uma música no dia anterior, uma balada, e

queria me mostrar. Era “Me chama.” Falei: “Pô, que bonito!” Me lembro que chovia, e que ele estava de pijama, todo fodido — diverte-se com a inconfidência.

MALDITOS NO MAINSTREAM

O cantor tinha acabado de fazer um show em Nova York com sua banda, e depois ele e Alice Pink Pank foram para a Holanda, para que ela visse a família. Durante a visita, o pai de Alice teve um derrame e morreu. Ela ficou por lá mais um tempo e ele voltou, triste.

Na solidão do apartamento, Lobão compôs a canção, que ofereceu a Marina — embora a cantora achasse que era ele quem deveria gravar. Resultado: os dois a gravaram, com sucesso, e depois até João Gilberto a cantou.

— De uma maneira improvável, a gente acabou botando no mainstream esse estilo completamente maldito, o rock. Mesmo com todas as precariedades que se pode atribuir a essa geração, a gente começou a fazer letras em português que casavam com aquele novo tipo de manifes-

tação musical. Às vezes os músicos sabiam tocar só dois acordes, mas as letras deram em canções que viraram clássicos — defende Lobão.

Agora, se há algo de que ele não se orgulha é do som de seus discos da época.

— Eu não sabia como produzir e ficava superfrustrado. A sonoridade dos 80 era uma coisa muito esquisita para mim, porque eu era dos 70 — argumenta ele, que chegou a ser convidado para o C6 no Rock para tocar o disco “Vida bandida”, de 1987. — Quando ouvi o disco, falei assim: “Isso é uma porcaria! E daqui a 50 anos vai ter gente gostando disso, vai ser minha maldição!” Não ia reproduzir aquela porcaria de jeito nenhum! Mas aí Monique Gardenberg (*fundadora da Dueto, que produz o festival*) falou assim: “Mas você participaria do show da Marina?” Falei: “Ah, pra Marina, eu faço qualquer coisa!”

Hoje, Lobão e Marina continuam tendo muito em comum: não abrem mão de sua individualidade artística, são gateiros e moram em São Paulo, apesar de cariocas. A cantora está radicada desde 2011 em Higienópolis.

— (Chegou uma época em que) o único lugar que existia no Rio para festa, casamento,

tudo mais que se pudesse ter era o Circo Voador. Comecei a achar que estava muito esquisito. Mas amo a minha cidade, e ninguém pode falar mal dela comigo!

Lobão, que se mandou para SP em 2008, mora hoje na Chácara Monte Alegre:

— Moro num lugar que é como se fosse um sítio, vejo pouquíssima gente. No domingo, abro a porta da minha biblioteca, desligo tudo e fico só ouvindo o silêncio. Aí vêm maritaca, papagaio, mico, tudo que é tipo de bicho.

Se os dois pouco se encontram na terra dagaroa, é porque vivem ocupados com projetos. Em março, Marina Lima lançou o álbum “Ópera Grunkie” e tem incluído músicas dele no show “Marina 70”, com o qual tem rodado o Brasil. Já Lobão, ele ia lançar o álbum “O Vale da estranheza” em setembro, mas foi atropelado por uma ópera (olha as coincidências com a amiga novamente) com o diretor Gerald Thomas, trabalho que entrega até o fim do ano:

— Estou escrevendo para órgão, cor, uma orquestra inteira, é uma nova aventura. Mas vou fazer um hiato para praticar bateria e teclado, porque eu vou tocar com Marina Lima! (Silvio Essinger)



_ SEG_Play_TER_Play_QUA_Play_SEX_Play_SÁB_Play_DOM_Patricia Kogut



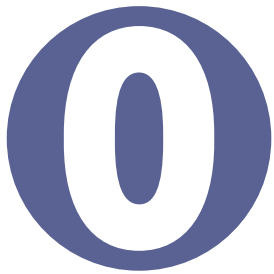
PLAY

Por Anna Luiza Santiago

Com Gabriel Menezes, Giulia Costa e Tábata Uchoa • oglobo.globo.com/play • anna.santiago@oglobo.com.br • @colunaplay



Para a participação de Xuxa no “Domingão”. A equipe preparou uma produção à altura da apresentadora, que cantou hits e ganhou homenagem. Foi ótimo também o show de abertura da “Dança dos famosos” com Paolla Oliveira e Silvero Pereira.



Para o antigo problema da repetição de elenco na Globo. A nova edição da “Dança dos famosos”, embora reúna nomes nunca vistos em *realities*, traz vários outros que já passaram pelo “Big Brother Brasil” e por quadros do próprio “Domingão”.



FÁBIO ROCHA/GLOBO

Tensão

Em “Por você”, Lucas (Amaury Lorenzo), diretor da escola onde Peixe (Cauê Campos) estuda, chamará o jovem para conversar depois de ele arrumar uma confusão. O papo, porém, acabará interrompido por uma ligação urgente. Quando atender, Lucas ouvirá a notícia do grave acidente envolvendo Juli (Lucy Ramos), a mãe do rapaz. A cena irá ao ar hoje

Aventura na floresta

A próxima trama das 19h de Daniel Ortiz mostrará uma tragédia logo nos capítulos iniciais. Noah, um dos protagonistas, embarcará rumo a Manaus, mas o avião cairá na Amazônia. O rapaz ficará perdido com outros cinco sobreviventes. Ele assumirá a liderança do grupo, pois é acostumado a acampar e sabe a forma de agir em situações extremas.

Mudança

Concluída a transição no comando do departamento de Humor da Globo. Patricia Pedrosa passou o bastão para Dani Ocampo e está mergulhada na novela das 18h “Dias de glória”, que começará a ser gravada no primeiro semestre de 2027. Ela assinará a direção artística da obra.

Balanco final

“Coração acelerado” chegou ao fim com 23 pontos em São Paulo, maior audiência desde “Família é tudo”. A média geral foi de 19,5, contra 21,2 de “Dona de mim”; 19,7 de “Volta por cima” e 19,3 de “Fuzuê”.

Amizade abalada

Em “Quem ama cuida”, Cléber, personagem de Breno Ferreira, receberá um convite para trabalhar no escritório de Ademir (Dan Stulbach) e terá um embate com Pedro (Chay Suede). O ator opina: “Não vejo briga definitiva, mas que vai balançar, vai”. Leia a entrevista completa no site.

Na segunda-feira

O “Encontro” será exibido de um resort às margens do Lago do Manso (MT). Bruna Viola e Guito cantarão.

Mais uma série

Pedro Manoel Nabuco, que fez um goleiro em “Jogada de risco”, estará em “Resposta ao tempo”, no Globoplay.



LOURIVAL RIBEIRO/SBT

Celebração

Celso Portiolli será um dos convidados da edição especial de “A praça é nossa”, nesta quinta, no SBT. Ele gravou ao lado de Carlos Alberto de Nóbrega e Marlei Sevada, que interpreta a Velha Surda. A atração relembra personagens marcantes como Vera Verão e Patropi



ARMENAK NETO/DRAMABOX

Romance

Bia Brumatti e Matheus Martins estrelarão “Meu pobre marido é um bilionário”, novela vertical da plataforma DramaBox. A história estreará nesta quinta-feira e ficará disponível para 175 países

NOVAS CORES PARA POVOADOS DE EL SALVADOR

Da AFP
CONCEPCIÓN DE ATACO (EL SALVADOR)

Nos muros onde, anos atrás, integrantes de gangues de El Salvador marcavam seus territórios, artistas urbanos agora usam tinta spray para criar grandes murais em um festival itinerante que enche de cor as ruas do país centro-americano. As latas de tinta são consumidas aos montes para desenhar figuras de onças, rostos, flores, aves e outros elementos locais, desta vez no pitoresco povoado de Concepción de Ataco, em Ahuachapán, situado entre montanhas produtoras de café, a cerca de 65 quilômetros de San Salvador. Antes, “era assustador” sair para pintar murais por causa do “assédio” das gangues, dis-



MARVIN RECINOS/AFP/15-8-2026

Cores vivas. Mural em Concepción de Ataco, Ahuachapán, em El Salvador

se à AFP Isaac Sosa, de 31 anos, organizador do festival Pigmen Trip, realizado há oito anos em diferentes lugares de El Salvador. As gangues perderam poder no pequeno país após a “guerra” iniciada em 2022

pelo presidente Nayib Bukele, marcada por denúncias de abusos que poderiam constituir crimes contra a Humanidade. — Com essa mudança, esse renascimento que estamos vivendo como país

FESTIVAL QUE ACONTECE HÁ OITO ANOS NO PAÍS CHEGA A LOCALIDADE QUE ERA DOMINADA POR GANGUES: ‘NÃO ERA TÃO FÁCIL PINTAR’, DIZ ARTISTA

(...), o ambiente agora é outro, mais tranquilo, mais voltado para o desfrute e já com uma maior liberdade de expressão. Ganhamos os muros das gangues — diz emocionado, entre lágrimas de alegria, o muralista, que considera a arte uma “ferramenta mágica” de “transformação social”.

Mais de 200 murais foram criados desde o início do festival, que, além de artistas salvadorenos, já recebeu representantes de Colômbia, México, Brasil, Peru e Argentina.

TUDO DIFERENTE

O artista Darwin Flores, de 36 anos, lembra que, antes de as gangues serem neutralizadas, eles não podiam se dar ao “luxo” de pintar em “zonas quentes” sem tomar todas as precauções. — Era preciso saber exatamente onde você estaria, com quem faria o mural, porque não podíamos nos dar ao luxo de ser ignorantes — contou Flores neste povoado de ruas de paralelepípedos e telhados de barro. Agora, ele afirma que po-

de entrar em qualquer bairro, como fez recentemente em La Campanera, que durante anos esteve submetido ao terror das gangues. — Não era tão fácil pintar, enquanto agora tudo é muito diferente — diz, por sua vez, Cristian Juárez, de 29 anos. Diante de seu mural, que retrata o rosto de uma menina com um cocar de penas, ele lamenta que muitos artistas tenham sido vítimas das gangues e agora estejam “desaparecidos”. Ao seu lado, Cristian Lara, comerciante de 50 anos, agradeceu aos organizadores do festival por “abençoarem” sua casa com um mural e afirmou que há “novos ventos de mudança” em El Salvador.



LUCAS SALGADO
lucas.salgado@oglobo.com.br
GRAMADO (RS)

Em passagem pelo Festival de Cinema de Gramado, onde foi homenageado, Marcos Caruso refletiu sobre sua trajetória e falou sobre um de seus próximos projetos: “Avenida Brasil 2”. — Eu vou fazer o Leleco outra vez. Estou revendo “Avenida Brasil” no “Vale a pena ver de novo”, mas não quero repetir a fórmula. Você não pode se engessar e sentir que já sabe tudo. Não gosto de sentir que a missão está cumprida — afirmou o ator, que recebeu o Troféu Cidade de Gramado. Completando 54 anos de carreira, Caruso disse que ainda tem dificuldade em ser homenageado.

— Recusei três vezes a homenagem. Eu sei o que sou. Mas tem gente que fez muito mais filmes e novelas do que eu — disse o ator de 74 anos. — Eu tenho por quê. Fiz 26 filmes. Escrevi filmes. Fiz novelas e sou do teatro, mas sinto que não mereço. Mas, vendo tudo o que fiz em 54 anos de profissão, vejo que essa carreira nos abre um leque muito grande. Eu fiz de tudo. Fui ator, diretor, roteirista, e fui indo. Meu plano A, como ator, não deu certo no começo. Então fui escrevendo. Não fiquei uma coisa só. Chegar e olhar para trás é ver que fiz tudo isso com sucesso.

Caruso lembrou as dificuldades no início da carreira. — Fiquei cinco meses desempregado, com dificuldade de fazer compras, com dois filhos. Não estava conseguindo projetos como ator, fui comprar uma máquina de escrever e em três dias eu escrevi “Trair e coçar é só começar”. A peça ficou na gaveta por seis anos, ninguém queria montar porque achavam uma comédia boba, e na ditadura os artistas buscavam textos mais políticos. Mas, passados uns anos, depois que lancei minha primeira peça, consegui montar e foi um sucesso que nunca imaginei. Foram 25 anos em cartaz e só parou por causa da pandemia.

COM DÉBORA FALABELLA
“Pele de rinoceronte”, drama de Marcelo Ludwig Maia inspirado no assassinato de Ângela Diniz, foi exibido na noite de domingo na mostra competitiva do Festival de Cinema de Gramado. Na manhã de ontem, o diretor e a equipe conversaram com a imprensa e o



Superação. Homenageado com troféu, ator Marcos Caruso falou de trajetória: “Fiquei desempregado, com dificuldade de fazer compras, com dois filhos”, contou, sobre ter virado também autor

DEBATES NO FESTIVAL DE GRAMADO

HOMENAGEADO, MARCOS CARUSO, QUE ESTARÁ EM ‘AVENIDA BRASIL 2’, LEMBROU DIFICULDADES COMO FASE DE DESEMPREGO E O HIT DA PEÇA ‘TRAIR E COÇAR É SÓ COMEÇAR’. EVENTO TAMBÉM FOI PALCO DE LONGA INSPIRADO EM ASSASSINATO DE ÂNGELA DINIZ



‘Pele de rinoceronte’: Marcello Ludwig Maia, Naruna Costa e Débora Falabella falaram sobre filme inspirado em fatos

explicou o diretor. Débora, que tem viajado pelo Brasil com a peça “Prima facie”, também sobre violência contra a mulher, falou sobre a importância do tema para ela. — Estou há sete anos debruçada no tema. Com “Prima facie” eu fui percebendo violências que eu sofri ao longo da vida e não sabia nomear. E acho que isso acontece com a minha personagem, que trabalha num jornal sensacionalista e muitas vezes reproduz discursos que julgam as mulheres. A partir deste crime, ela vai percebendo as violências que sofria — disse Débora. Mineira como Ângela, Débora fala sobre sua inspiração direta na socialite morta, aos 32 anos, em 1976. — A Helena é uma mulher livre e pensei nela num paralelo com a própria Ângela, que foi uma mulher de espírito livre e foi muito julgada — disse a atriz. Naruna lamentou que os índices de violência contra mulheres continuam crescendo no Brasil. “Pele de rinoceronte” tem previsão de lançamento para março de 2027.

Lucas Salgado viajou a convite do evento

‘HOMEM-ARANHA: UM NOVO DIA’ ENTRA PARA O SELETO GRUPO DE US\$ 2 BILHÕES EM BILHETERIA

“Homem-Aranha: um novo dia” é o maior hit do ano nos cinemas. No fim de semana, o filme estrelado por Tom Holland ultrapassou a marca de US\$ 2 bilhões em bilheteria no mundo inteiro. É o oitavo longa-metragem da história a conseguir tal feito, algo cada vez mais difícil no cenário atual de streamings e fragmentação da atenção. E a produção é também o segundo filme a chegar a essa marca com tanta rapidez (em quase 20 dias), perdendo nesse recorde apenas para “Vingadores: Ultimato”, de 2019. Como filme de maior arrecadação do ano, “Homem-Aranha: um novo dia” é seguido por “A odisseia” (com US\$ 1,290 bi-

FILME COM TOM HOLLAND É O OITAVO A CONSEGUIR TAL FEITO. O BONEQUINHO APLAUDE: LONGA RETRATA ‘TRANSIÇÃO ENTRE O GAROTO PETER PARKER QUE SÓ PENSA EM SE DIVERTIR E O JOVEM ADULTO’



Sucesso. Homem-Aranha tem agradado em cheio plateias pelo mundo

lhão) e “Toy Story 5” (com US\$ 1,114 bilhão). Até hoje, a lista de filmes que conseguiram ultrapassar a marca de US\$ 2 bilhões tem no topo “Avatar” (2009), com US\$ 2,923 bi, seguido de “Vingadores: Ultimato” (2019), que arrecadou US\$ 2,799 bi. A franquia que domina o primeiro lugar ocupa também o terceiro, com “Avatar: o caminho da água” (2022): US\$ 2,334 bilhões. Em seguida, vêm “Ne Zha 2 — O renascer da alma” (2025), com US\$ 2,270 bilhões, e “Titanic” (1997), com US\$ 2,264 bilhões. “Star Wars: o despertar da força” (2015) é o próximo da lista, na sexta posição, tendo alcançado US\$ 2,071 bi.

E mais uma franquia aparece duas vezes no seletto grupo: “Vingadores: Guerra infinita” (2018) é o sétimo lugar, com US\$ 2,052 bilhões. “Homem-Aranha: um novo dia” (2026) ocupa a oitava posição com US\$ 2,021 bilhões. Na crítica do filme publicada pelo GLOBO, o Bonequinho aplaude o longa. A nova aventura do Aranha retrata a “transição entre o garoto Peter Parker que só pensa em se divertir e o jovem adulto que precisa tomar decisões mais complicadas que a maturidade impõe”, escreveu o crítico de cinema André Miranda, “O principal vilão, nesse caso, é o tempo, um tema que já apareceu muitíssi-

mas vezes nos quadrinhos do Homem-Aranha e também já foi usado no cinema. Mas que, agora, no bom filme dirigido por Destin Daniel Cretton, ganha um frescor que anda cada vez mais raro”. **PARA FÃS DELIRAREM** O crítico destaca ainda que, na história do herói “amigão da vizinhança” que vira uma espécie de cavaleiro solitário em meio a dissabores, “o filme vai aos poucos reconstruindo suas relações e sua personalidade. Ele ganha novos poderes, estreita laços com outros heróis (a estreia de Sadie Sink no Universo Cinematográfico da Marvel vai fazer os fãs de X-Men delirarem) e vê a possibilidade de recuperar o rumo”.



BOLÍVAR TORRES
bolivar.torres@oglobo.com.br

Na Rua Professor Clemente Ferreira, uma das mais movimentadas do centro de Bangu, na Zona Oeste do Rio, um pequeno mostruário de livros e revistas antigos funciona como “vitrine” a céu aberto para transeuntes distraídos. Não fosse pelos cartazes pendurados, seria impossível saber que, nos fundos de uma casa amarela, resiste a última livraria de rua do bairro de Castor de Andrade e Zé Ketí.

Ali, espremido entre um estúdio de tatuagem e uma escola de idiomas, o casal de livreiros Adilo do Carmo, de 71 anos, e Silvia Regia dos Santos, de 66, mantém, desde 2005, a A&S Livraria. Seu Adilo, como é conhecido, trabalha com livros há quase seis décadas. Entre feiras de rua e lojas físicas, o mineiro de Juiz de Fora ajudou a formar gerações de estudantes, professores e simples leitores da região.

— Apesar de ser um comércio, acho que temos uma função social — diz Adilo, radicado desde os 3 anos de idade no Rio, e desde os 8 em Bangu. — Tive entre meus clientes um professor de escola que vinha aqui comprar livros para os alunos que não tinham condições. Um dos alunos dele virou professor e hoje é ele quem compra livros para seus próprios alunos.

Somente de títulos didáticos, Adilo calcula ter dez mil livros no estoque da sua casa no Rio da Prata, um sub-bairro de Bangu. O catálogo da A&S, porém, agrada a todos os gostos: romance, poesia, ficção, não ficção, revistas, quadrinhos, entre tantos outros gêneros. No pátio da loja, alguns títulos aparecem empilhados den-

O LIVREIRO DE BANGU

VENDENDO OBRAS HÁ 57 ANOS, SEU ADILO DO CARMO RESISTE AO DIGITAL E CONTINUA FORMANDO GERAÇÕES DE ESTUDANTES, PROFESSORES E SIMPLES LEITORES NO BAIRRO CARIOCA: ‘ESTOU REMANDO CONTRA A MARÉ, E GOSTO DISSO’

tro de carrinhos de supermercado. Tranquilo e aconchegante, o espaço recebe volta e meia a visita de sa-guis. Um homem-palito de metal, pintado de amarelo, dá boas vindas aos clientes.

Antes de abrir sua loja, Adilo passou décadas ganhando a vida em feiras livres. Ele iniciou na profissão de livreiro aos 14 anos, mas a paixão pelos livros vinha de longe. Aos 4, quando sua mãe trabalhava na casa de uma família tiju-cana, aprendeu a ler com as filhas da patroa, que eram professoras.

— Sempre que sobrava um livro ou uma revista em quadrinho lá na casa dos pa-trões, minha mãe trazia para mim — diz Adilo. — Desde aqueles livrinhos de his-torinha do macaco e da on-ça, do coelhinho e não sei o quê. A gente começa com uma coisa e depois vai pe-gando, vai aumentando o ni-vel de aumentando. Eu não melhorei muito, conti-nuo lendo macaco e a onça mesmo (risos). Tem livro que às vezes é bom a gente ler até para indicar para al-guém. Eu gosto de fazer isso.

Nos anos 1990, quando a internet chegava a poucos lares de sua vizinhança no Rio da Prata, ele criou em sua casa uma espécie de “lo-cadora” de material de pes-quisa para trabalhos escola-res. O aluguel de um livro sa-ía a R\$ 2, mas era mais do que um simples negócio.

TEMPOS DA ENCICLOPÉDIA

Adilo catalogava em caixas reportagens, mapas, artigos científicos e outras desco-bertas que considerava útil para a vida escolar. Quando aparecia um aluno pedindo ajuda, ele já tinha o arquivo na cabeça.

— A minha biblioteca, di-to pelos alunos que iam lá, era melhor do que a regional — lembra ele. — O aluno chegava meio cru para fazer pesquisa e a gente tinha que ajudar. Por exemplo, chega-va lá um camarada: “Estou fazendo um trabalho sobre um Gandhi.” Eu falava: “Calma, cara. Não é isso. Gandhi é uma pessoa, vou te explicar.” Aí fui lá, peguei uma enciclopédia: “Ó, leva aí e copia.” Era assim que a coisa funcionava.

A difusão da internet na década seguinte tornou o experimento ultrapassado e, hoje, o espaço é um mero depósito. A livraria, que concorre com uma unida-de da Rede Leitura no Ban-gu Shopping, a três minu-tos dali, também tem so-frido os impactos das mu-danças tecnológicas. O avanço do comércio on-li-ne e uma recente alta do aluguel do imóvel há dois anos quase fizeram a A&S fechar as portas.

Nesse mesmo período, a livraria conheceu um fenômeno comum no comércio “raiz” da cidade: viralizou. Em um primeiro momento, Seu Adilo estranhou quan-do uma jovem apareceu na loja “fotografando desde lá da frente”. Pouco tempo de- pois, ele e a esposa foram surpreendidos por uma enxurrada de novos clientes. Como o “ápice” do movi-mento havia sido durante a última Bienal do Livro do Rio, o casal imaginou que o público estava apenas apro-veitando a época de pico do evento. Mas não. Era o efei-to TikTok.

Publicado na rede social, o vídeo da jovem ganhou reper-cussão na internet, e a loja de Seu Adilo, com seu estilo autêntico, virou hit entre os jovens. Incentivado pela filha, o livreiro cogitou aproveitar o momento de sucesso e expandir seu ne-gócio para a venda on-line. A criação de um sebo virtu-al, porém, envolvia barreiras demais para um “analfa-beto digital”, como ele pró-prio se define.

— Eu não tenho paciê-n-cia com computador e a mi-nha esposa também — diz. — Você vai ter que fotogra-far livro por livro. Aí tem que registrar livro com liv-ro. Até precisa de um esta-

giário. Ficaria um negócio complicado.

O sebo continua pouco ativo no ambiente digital. Seu perfil no Instagram conta, até o fechamento desta edição, com apenas seis publicações e menos de 50 seguidores. Nada disso impede que o espaço físico reúna uma comunidade fiel de leitores, que ali se encon-tram para comprar livros e trocar ideias.

EU, LEITOR

Morador de Realengo, o his-toriorador Raphael Castelo Branco entrou pela primei-ra vez na A&S em 2011. En-tão estudante do primeiro ano do ensino médio, pro-curava o clássico “As veias abertas da América Latina”, de Eduardo Galeano, indi-cado por seu professor de História. Encontrou um exemplar com a marcação D, de R\$ 10.

— Foi aí que comecei a mi-nha biblioteca, que vem qua-se toda do Seu Adilo — diz o hoje doutor em História pela UFF. — É um lugar muito im-portante para mim, onde fiz muitos amigos e conheci muita coisa. O acervo é mara-vilhoso e barato.

Em 2020, Raphael perdeu 3.483 livros de sua própria biblioteca em uma enchente. Não teve dúvidas: recor-reu ao Seu Adilo para re-contruir seu acervo.

— O curioso é que, pouco antes da enchente, Seu Adilo comprou toda a bi-blioteca do meu vizinho e acabou, sem saber, salvan-do todos os livros dele — recorda Raphael.

Para Adilo, o livro do ne-gócio permanece na base do olho no olho:

— Eu gosto de trabalhar assim, em contato com as pessoas. Estou remando contra a maré, e gosto disso.

Prefácio.

Seu Adilo do Carmo, mineiro que veio para o Rio aos 3 anos: ele conta que a paixão pelos livros começou lendo títulos na casa de uma família tiju-cana onde sua mãe trabalhava

ANA BRANCO